

WILSON VALENTIM BIASOTTO

EDIFICANDO A NOSSA CIDADE EDUCADORA



Wilson Valentim Biasotto, nasceu em 28 de novembro de 1947 em Borborema, SP, mas é também cidadão douradense graças ao título que lhe foi conferido em 1998.

Concluiu o curso Normal (hoje Magistério) em 1967, a Graduação em História em 1972, a Especialização em História do Brasil em 1973, o Mestrado e Doutorado em História Social, respectivamente em 1983 e 1995.

Professor Titular aposentado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, ocupa atualmente o cargo de Assessor Especial na Prefeitura municipal de Dourados onde trabalha na operacionalização do Projeto que elaborou para transformar Dourados em uma Cidade Educadora.

Suas principais obras escritas foram: “O Rei como fonte de justiça nas Crônicas de Fernão Lopes” (dissertação defendida em 1983 na USP); “O Movimento Reivindicatório do Magistério Público Estadual de Mato Grosso do Sul: 1978 – 1988”, em co-autoria com o professor José Laerte Cecílio Tetila (Ed. da UFMS : 1991); “Imaginário e Realidade Social nas Crônicas de Fernão Lopes” (tese defendida em 1995 na USP); e “Até aqui o Laquicho vai bem: os causos de Liberato Leite de Farias”, (Ed. da UFMS : 1998)

Wilson Biasotto teve atuação marcante no movimento sindical e cultural sul-mato-grossense, seja como fundador e presidente de Sindicatos, seja como diretor do Campus da Universidade Federal Mato Grosso do Sul, atual Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD.

Contatos e mais informações: www.biasotto.com.br

DIREITOS DO AUTOR

SUMÁRIO

A cidade para ser pensada	14
A cidade e seus princípios	87
Como edificar um cidade educadora	101

DEDICATÓRIA

À minha mulher Helena Maria Schvarcz Biasotto,
aos meus filhos, Mirella, Etienne e Milenne e a todos os
que acreditam na edificação de uma cidade educadora.

Mensagem aos cidadãos douradenses

Sem dúvida, um futuro grandioso está sendo desenhado para Dourados. É incontestável o progresso desta cidade, que vem se consolidando, sob vários aspectos, como um importante pólo regional.

Todavia, com o ritmo de crescimento que tem apresentado, Dourados precisa cuidar intensamente de seu presente e de seu futuro, pois a verdadeira grandeza de uma cidade, como se dizia na Grécia Antiga, não está somente na beleza de suas praças, ruas, monumentos e edificações, mas, principalmente, no caráter de seu povo, algo que só se conquista por meio da Educação.

A presente publicação tem o feliz propósito de abrir caminhos para que nossa cidade seja transformada em uma Cidade Educadora.

Partindo da premissa de que educar é uma tarefa que deve ir muito além das escolas, o Projeto Cidade Educadora ganha realce ao defender que todo espaço urbano seja transformado em espaço educativo. E Dourados, que já é pólo universitário, tem tudo para se transformar em uma grande escola.

Parabéns professor Wilson Biasotto, tanto pela presente publicação, como por defender ardorosamente que essa cidade é digna de um projeto como o das Cidades Educadoras. Um projeto que deve avançar no tempo, de forma supra-partidária, sem qualquer forma de apropriação.

Caros concidadãos, sinceramente, seria agradável ver Dourados brilhar entre as mais de trezentas Cidades Educadoras espalhadas mundo afora. Seria um orgulho vê-la afiliada à Associação Internacional das Cidades Educadoras – AICE – e transformada em um exemplo de construção coletiva e civilizatória para o Brasil.

Prof. José L.C. Tetila
Prefeito Municipal

PREFÁCIO

Educação: eis uma bandeira defendida por muitos; uma luta comum aos que investem e acreditam no desenvolvimento de seu país.

O presente trabalho, do professor Wilson V. Biasotto, insere-se nesse contexto: o de salientar a importância da Educação e utilizá-la como fonte de desenvolvimento social e humano.

No início da década de 90, na cidade de Barcelona, desenvolveu-se o conceito de “Cidades Educadoras”, que foi disseminado em outros países e culminou na criação, em 1994, da Associação Internacional das Cidades Educadoras – a AICE. Atualmente, são 35 países participantes e mais de 330 cidades afiliadas, com um mesmo propósito: fazer da cidade um espaço onde somos todos, ao mesmo tempo, educandos e educadores. O Brasil está entre eles, com 9 cidades associadas. Dourados pode, sem dúvida, ser a próxima, pois apresenta as principais características necessárias para enquadrar-se na amplitude e beleza desse projeto.

Nesta obra, o autor, lutador assíduo em prol da melhoria da Educação no estado do Mato Grosso do Sul e, especialmente, na cidade de Dourados, procura traçar caminhos que contribuam na concretização do objetivo de transformar nossa cidade em uma Cidade Educadora.

Dividida em três partes, a obra nos oferece, primeiramente, espaço para uma reflexão descontraída acerca de temas que envolvem nosso cotidiano. O leitor tem liberdade para construir, (des)construir e (re)construir sua interpretação. Em seguida, são elencados os vinte princípios das Cidades Educadoras, com o intuito de divulgá-los e ressaltar sua importância. Finalmente, nos são apresentados o projeto contendo a proposta de como edificar uma Cidade Educadora e os caminhos a trilhar para operacionalizá-lo.

Dourados: uma “Cidade Educadora”. Mais do que um sonho, esse desejo tornou-se uma luta. Com a união de forças que partilhem desse mesmo ideal, tornar-se-á uma realidade e saltará dessas páginas diretamente para sua edificação.

Milene Biasotto

INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem três objetivos principais, cada qual contemplado em uma das três partes do livro, como se verá adiante. O primeiro é oferecer ao leitor algumas reflexões sobre temas que ocupam o nosso dia-a-dia; o segundo é divulgar os vinte princípios das Cidades Educadoras e, finalmente o terceiro, é tornar público o projeto que nos orienta na transformação de Dourados em uma Cidade Educadora e mostrar os primeiros passos para a operacionalização desse projeto.

Para atingir o primeiro de nossos objetivos procuramos motivar uma reflexão sobre temas que envolvam de alguma maneira o nosso convívio na cidade. Reflexão no sentido de uma observação mais profunda da realidade que nos cerca, uma ação de pensar o que já foi pensado, um modo de enxergar melhor as coisas que normalmente vemos apenas de relance ou sentimos superficialmente. De certa forma é um capítulo provocativo, na medida em que instiga o leitor a criar, escrever ele próprio, com a sua caneta, seu computador ou apenas com a sua imaginação, sobre novos temas e, se assim entender, (re)escrever tudo o que está lendo.

Enfim, ao menos nessa primeira parte, não nos preocupamos com o rigor na demonstração de absolutamente nada. Não quer dizer que os textos não tenham sido pensados, que não tenham sido objeto de reflexão. Foram, e muito. Mas não nos propusemos a provar nada, deixamos fluir o nosso pensamento desejando que, da mesma forma, o nosso leitor dê asas à imaginação e sobrevoe para muito além dos horizontes traçados nesses textos da primeira parte.

*

*

*

Na seqüência, apresentamos os vinte princípios da Carta de Barcelona, versão atualizada em 2004 no Congresso Internacional da Associação das Cidades Educadoras, realizado em Gênova. Em cada página está contido um princípio, para ser lido com calma, apreendido, interiorizado e assumido pelos leitores. Nosso desejo, no entanto, ultrapassa o objetivo explicitado; desejamos que os meios de comunicação trabalhem esse material, que os radialistas o tenham ao lado do microfone, os professores, em sua mesa de trabalho, sempre disponível, pronto para ser utilizado. Da mesma forma gostaríamos que Associações, Clubes de Serviços, Comitês, Entidades de Classe, Organizações Religiosas, ONGs, Sindicatos, enfim, a Sociedade Organizada, se dispusesse a divulgá-los sempre que uma oportunidade se ofereça.

* * *

*

A terceira parte desse livro está dividida em dois capítulos. No primeiro apresentamos o Projeto “Dourados: Cidade Educadora” e, no segundo, os primeiros passos para a operacionalização do referido Projeto.

A meta é ter um material produzido como ponto de partida para ser levado à discussão no seio da comunidade. Ponto de partida, pois embora não subestimemos a sua importância para provocar o início das discussões, entendemos que o projeto é algo provisório, sujeito a mudanças constantes.

Constam do projeto um breve histórico sobre Cidades Educadoras, as justificativas para transformar Dourados em uma delas, os objetivos geral e específicos, a metodologia proposta, o cronograma para início dos trabalhos e uma rápida visão sobre os projetos

educativos que são desenvolvidos em Dourados, cujos perfis se enquadram na Carta de Princípios das Cidades Educadoras.

No que diz respeito à operacionalização do projeto, mais que certezas e concretizações, temos um grande desafio. Nesse sentido, talvez seja importante salientar que apesar de estarmos pesquisando as “Cidades Educadoras” a mais de três anos e de termos acesso a farto material, desconhecemos a existência de quaisquer iniciativas que digam respeito à redação de um *modus operandi*.

Talvez os mentores da AICE (Associação Internacional das Cidades Educadoras) não quisessem mesmo determinar um modelo de projeto e de operacionalização a ser seguido, para evitar o cerceamento de iniciativas criativas.

Não obstante a liberdade de cada cidade para integrar-se à AICE, sugerimos várias ações que poderão ser operacionalizadas pela Sociedade Organizada, propusemos organogramas que prevêm a organização de Comitês Setoriais, bem como a maneira como pode ser montada a estrutura do Comitê Local, esse, uma orientação da AICE.

* * *

*

Por fim, desejamos realçar que esse nosso trabalho constitui-se num esforço sincero no sentido de produzirmos um material que motive tanto o diálogo como o desencadeamento de ações concretas para a edificação de Nossa Cidade Educadora. Significa dizer que desejamos não somente para nós, nesse momento presente, mas para os nossos descendentes, a construção de uma cidade na qual o espaço público possa ser usufruído por todos os cidadãos, onde se respire ar puro, beba-se água de boa qualidade, onde abunde o verde e, enfim, em um lugar em que a educação, o esporte, o lazer e a cultura não sejam privilégios, mas direito de todos.

PRIMEIRA PARTE

A CIDADE PARA SER PENSADA

1. NOSSA CIDADE E AS CIDADES INVISÍVEIS

“O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preserva-lo, e abrir espaço.
Ítalo Calvino. As cidades invisíveis.

Ítalo Calvino foi quem escreveu Cidades Invisíveis. Li e reli várias vezes. O livro me instiga e eu o mantenho há dez anos em minha cabeceira. Bem próximo, para poder atingí-lo com as mãos quando desejar. Decifrá-lo jamais. Prefiro sorver aos poucos cada frase, cada símbolo, cada enigma que exista por trás das muralhas de cada uma de suas cidades. Em seu formato me inspiro e, mesmo desconfiando de que tudo o que eu vier a escrever já esteja contido nele, ousa ao menos oferecer, a meu modo, algo que possa tirar de nossa cidade um pouco de sua invisibilidade.

2. NOSSA CIDADE E AS MENSAGENS

"(...) não basta ater-se à letra da lei; é preciso captar o seu espírito.
Não é suficiente analisar o texto; é preciso analisar o contexto.
Não basta ler nas linhas; é preciso ler nas entrelinhas."
Demerval Saviani em relação a LDB, Lei 9393/96

Onde estão as mensagens?

Não se trata de procurar uma mensagem, como se procurássemos uma figura, igual à brincadeira contida no livro “onde está Wally?” de Martin Handford. Nem é o caso de procurarmos mensagens, como em uma competição, onde se tenta acertar o número de sementes contidas em uma abóbora, ou o número de vagens em um pé soja.

No entanto é sempre bom encontrar mensagens, tanto quanto numa fábula é bom saber a moral da história. Mas não basta encontrá-las, é preciso saber como e por que foram cifradas. Importante é decifrá-las. Mais importante ainda é refletir sobre elas.

Onde estão afinal as mensagens?

Elas estão em toda parte. Encontram-se ora visíveis nas linhas, ora escondidas sutilmente nas entrelinhas, no texto ou no contexto. Mas podem estar também dissimuladas, insinuadas ou apenas esboçadas. Elas estão nos gestos e olhares das pessoas. Estão nas torres, nas criptas, nos campanários, nas colunas, estão em todas as ruas, em cada esquina, nas praças, em todo beco de nossa cidade. Cuidado! Não as atropelem.

3. NOSSA CIDADE E A EDUCAÇÃO

“Feliz aquele que transfere o que sabe
e aprende o que ensina”.

“Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”
Paulo Freire.(Pedagogia da autonomia. p. 23)

Falar sobre educação poderia parecer redundância, pois todo o espaço público em uma Cidade Educadora deve ser um espaço educativo. E, ademais, primar pela educação de excelência nas escolas formais é um princípio basilar das Cidades Educadoras.

Vivas à redundância e falemos permanentemente sobre Educação, não somente como um processo eminentemente profissional, mas também como um ato de amor. Quem ama a nossa Cidade Educadora faz de si, conscientemente, um educando-educador, mesmo porque somos seres em construção, apesar de nossa vertiginosa evolução.

4. NOSSA CIDADE E A MULHER

Toda mulher
Tem no seu íntimo uma magia própria
De fazer acontecer
De dar um jeito
De dar o peito
Dar um colo
Fazer bem feito.
(...)
Carolina Salcides
In: www.fadasepoesias.blogspot.com/
Capturado em 08/03/06 às 8hs. 13min

Toda a criação divina foi ordenada. Faça-se a luz, faça-se isso, faça-se aquilo. Tudo perfeito. No entanto para fazer o homem, Deus moldou um boneco de barro. Só depois de lhe dar o sopro da vida é que verificou o que tinha feito. Olhou, olhou, percebeu umas ranhuras aqui, um desarranjo acolá, observou carências e deficiências e só então criou a mulher.

5. NOSSA CIDADE E A SEGURANÇA

Na primeira noite eles se

Aproximam
E roubam uma flor
Do nosso jardim
E não dizemos nada

Na segunda noite, já não se escondem:
Pisam as flores
Matam nosso cão
E não dizemos nada

Até que um dia,
O mais frágil deles
Entra sozinho em nossa casa,
Rouba-nos a luz, e,
Conhecendo o nosso medo,
Arranca-nos a voz da garganta

E já não podemos dizer mais
Nada.
Maiakovski

Os muros inexpugnáveis dos castelos medievais cederam lugar à cerca eletrificada;
os guardas da castelania foram substituídos por segurança privada.

6. NOSSA CIDADE E O ESPAÇO PÚBLICO

E atravessou a rua com seu passo tímido (...)
Agonizou no meio do passeio público.
Morreu na contra-mão atrapalhando o tráfego (...)
E atravessou a rua com seu passo bêbado (...)
E se acabou no chão feito um pacote tímido.

Chico Buarque: Construção

A expropriação do espaço vai se fazendo aos poucos. As ruas tornam-se largas para suportar o tráfego, as praças e os parques tornam-se desertos para atender ao tráfego. O medo esconde-se entre os muros sobrepostos por cercas eletrificadas. E eu quero ver crianças brincando sossegadas, esperando a vida. Quero ver os velhos se encontrando alegres, esperando a morte (de causa natural).

7. NOSSA CIDADE E OS SEUS ANTEPASSADOS

Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.

Jacques Le Goff : Einaudi, Memória, p.13.

Sepultemos os nossos mortos segundo as tradições de suas crenças. Enrolados em lençol de linho, postos em um caixão, crememos os que desejam ser cremados. Lancemos as suas cinzas ao vento ou guardemo-las em caixas especialmente preparadas para tal.

Transformemos os nossos mortos em nomes de logradouros públicos, que virem estátuas e bustos. Que sejam tidos como cidadãos exemplares.

Em nossos mortos, as suas virtudes sobrepõe-se aos seus defeitos. Cultuemos os nossos mortos e as suas virtudes.

Nossos mortos só são os nossos mortos porque viveram. Lembremo-nos, pois, também de nossos vivos, antes que estejam mortos.

8. NOSSA CIDADE E SEUS ESCRITORES

Poesia não compra sapato
Mas o que seria o mundo sem poesia
Emmanuel Marinho

Escrevem, escrevem, escrevem, mas não são robôs programados para escrever, escrever, escrever. São seres pensantes. Escrevem matérias para os jornais e revistas. Notícias, fatos nus, crus, comentados, formando opinião, correta ou não. Escrevem teses, pensadas, refletidas, geradas na solidão da academia. Escrevem crônicas, causos, contos e letras das músicas que canto. Histórias para as crianças, história para perpetuar a memória. Escrevem poesias, e que seria o mundo sem poesia?

Escrevem, escrevem, escrevem. E cada frase que escrevem são frases formadoras de mentalidades, de imaginário social, ou, se quiserem, do inconsciente coletivo. E eu que escrevo, quando penso na força de cada palavra quase as apago todas, então não penso e escrevo, escrevo, escrevo.

9. NOSSA CIDADE E A CHUVA

“ Um dia faltou água em casa. Tive sede e recomendaram-me paciência”.
Graciliano Ramos (Infância : 1945)

"O sertão vai virar mar e o mar vai virar sertão."

Letra de Glauber Rocha, em
Deus e o Diabo na Terra do Sol
musicada por Sérgio Ricardo:

Tudo está no seu lugar?

O macaco no galho. As nuvens no céu. O grito na garganta. A chuva? O macaco no galho. O café no bule. A palha no palheiro. A chuva? A jangada na água. O coco no coqueiro. O boi no pasto. A chuva?

A chuva!

A chuva escorre pela sarjeta, água misturada, suja, barreada, fugindo de seu destino, desliza pelo asfalto. Leva as folhas, leva a terra, leva o galho que se partiu. Segue em busca do rio.

E a terra ardente, sedenta. Agüenta? Em busca do rio! Não rega o lençol. O freático, que é reserva. Aquífero! Tem nome de índio. Tem nome de tribo: Guarani. Aquífero Guarani, bem aqui! Debaixo de nossos pés descuidados, molhados pelas águas frias, que correm pro rio.

10. NOSSA CIDADE E OS PÁSSAROS (I)

Olhai os pássaros do céu;
não semeiam nem ceifam,
não juntam em celeiros
Jô. 12 : 7, 8.

A mancha esbranquiçada no capô irritara o motorista. Brasileiro é louco por carro. Pensou em descer e removê-la com o lenço, mas tinha pressa, estava atrasado. Seguiu indignado o seu percurso e no congestionamento mais próximo, obrigado a parar, ficou dedilhando no volante até que se surpreendeu pensando. Nossa cidade tem pássaros! Talvez pudesse ouvir os seus gorjeios e trinados. Lamentou não ter um dicionário à mão para ver se existe diferença entre gorjear e trinar.

Por um tempo esqueceu-se do borrão do capô.

11. NOSSA CIDADE E O AMOR

Além da terra, além do céu

Além da Terra, além do Céu,
no trampolim do sem-fim das estrelas,
no rastro dos astros,
na magnólia das nebulosas.
Além, muito além do sistema solar,
até onde alcançam o pensamento e o coração,
vamos!
vamos conjugar
o verbo fundamental essencial,
o verbo transcendente, acima das gramáticas
e do medo e da moeda e da política,
o verbo sempre amar,
o verbo pluriamar,
razão de ser e de viver.

Carlos Drummond de Andrade

Que escrever sob essa epígrafe, se ela já diz tanto?

Uma outra? Em verso ou prosa? De Horácio, Virgílio, Camões, Dylan Thomas, Shakespeare, Pablo Neruda, Chico, Vinícius? Uma de cada melhor poeta de todos os países, de todos os tempos?

Faço um esforço para buscar uma definição. Conecto-me à Internet, em sítio de busca. Digito a palavra amor e aguardo uma fração de segundo. O número frustra a minha tentativa de pesquisa, a palavra aparece 18 700 000 vezes. Convenço-me que o amor não é sentimento para ser definido, mas para ser vivido... intensamente.

12. NOSSA CIDADE E AS SUAS ROTATÓRIAS

... o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores.

Jacques Le Goff : Einaudi, Documento/Monumento, p. 95.

Rodo ao redor do redondo da rotatória. Rodo com rodas redondas, porque as rodas são somente redondas, inspiradas talvez no arredondado da Terra, que é esfera e que roda também em torno do Sol, que a atrai para si, sem poder tocá-la, da mesma forma que ela, a Terra, quem sabe orgulhosa, quem sabe por vingança de ser atraída, atraí a Lua para si. E, atraído, rodo e não me canso de olhar. Quero penetrar a beleza de cada pétala de flor que enfeita a rotatória redonda, e rodo para ver o jarro pintado, o bicho esmaltado. Rodo e não me canso de ver. O belo não cansa. E vejo bustos de homens esculpidos. Bustos lustrados. Pioneiros ilustres. E rodo que rodo e busco um busto de mulher. Mas quem sabe? Onde estará? Talvez passando um café.

13. NOSSA CIDADE E O CARRO.



Mal entrara em seu carro veio-lhe à mente um cavaleiro medieval cuja armadura chegava a ser composta por 250 peças. Absurdo! Um pajem precisava ajudá-lo a vestir-se e acompanhá-lo nos campos de batalha. Se eventualmente caísse, sozinho não poderia erguer-se. Mudam os tempos. Agora basta apertar um botão e a porta se abre. Um giro rápido da chave e o guerreiro, dentro de sua armadura de aço com banco reclinável, está pronto para mais uma batalha.

14. NOSSA CIDADE E AS ÁRVORES

“Se não houver frutos, valeu a beleza das flores.
Se não houver flores, valeu a sombra das folhas.
Se não houver folhas, valeu a intenção da semente.”
Henfil (do livro Direta Já)

Somente no engarrafamento começou a sofrer o calor implacável provocado pelo sol. Nem se dera conta de que há poucos minutos desfrutara do assento fresquinho de seu carro. Sob o sol escaldante e no congestionamento do tráfego recuperou a sua capacidade de pensar. Nossa cidade tem árvores! Muitas árvores! E não servem apenas para deixar termicamente confortável o assento do carro.

E pensar que tem gente que nem deseja plantar uma árvore para não ter o trabalho de juntar um pouco das folhas que caem.

15.NOSSA CIDADE E OS MINUTOS

Relógio

”Passa, tempo, **tic-tac**
tic-tac, passa, hora
chega logo, **tic-tac**
tic-tac, e vai-te embora
passa, tempo
bem depressa
não atrasa
não demora
que já estou
muito cansado
já perdi
toda a alegria
de fazer
meu **tic-tac**
dia e noite
noite e dia
tic-tac
tic-tac
tic-tac...”
(*Vinicius de Moraes*)

Tic, tic, tic, era só o que se escutava. Antes ouvia-se também o tac. Tic-tac, tic-tac,
corre o tempo, passa a hora, o tempo corre e tanto corre que não dá tempo de se ouvir o tac do
tic. Tic, tic, tic... É preciso ter pressa, é preciso correr.

Sair cinco minutos antes para não correr tanto?

Nem pensar.

Só eu?

Estressemo-nos todos, então.

16.NOSSA CIDADE E AS LETRAS



Essa moldura vazia de palavras
uma placa em branco
que significado teria
contendo uma letra ou mil
para os que não sabem ler?

Maiúsculas ou minúsculas? Garrafais, como se dizia antigamente para as letras graúdas? Góticas? Imagine! Agora são tantos e tão variados os tipos! De forma ou manuscritas?

As placas de sinalização comportam quaisquer tipos. Os ônibus anunciam os seus itinerários da melhor maneira que podem. Usam luminosos. Quero letras garrafais para enxergá-las de longe. Quero saber ler para não perder o meu ônibus.

17. NOSSA CIDADE E AS PEDRAS

No Meio do Caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Carlos Drummond de Andrade

Nossa cidade tem muitas pedras, e até pedras no caminho. Quantas pedras! Não se tratam de britas ou seixos. Usadas sem querer ou por maldade, burrice ou deslealdade, por gente sem letras ou letrados, travam, atravancam, atrapalham.

18. NOSSA CIDADE E A ECONOMIA

De cada qual, segundo sua capacidade;
a cada qual, segundo suas necessidades.

Karl Marx

Terra fértil, comércio movimentado, indústria emergente, setor de serviços em franca expansão. Tudo concorre para que a nossa cidade tenha uma economia forte. Tão forte como os braços dos trabalhadores e a criatividade de suas mentes.

Que a nossa epígrafe não seja apenas uma utopia, mas uma realidade visível e tangível à curto prazo.

19. NOSSA CIDADE E OS AMIGOS (I)

Amigo: uma única alma habitando dois corpos.
Aristóteles

Amigo é coisa para se guardar
Debaixo de 7 chaves,
Dentro do coração,
(...)
Fernando Brant e Milton Nascimento

Amigos são tantos, mas não dá para perdermos as contas.

Nossa cidade educadora é generosa e acolhedora. Nesse sentido, nela não é difícil fazermos amigos, basta que tenhamos sempre em mente que para ter amigos é preciso ser amigo.

20. NOSSA CIDADE E OS PÁSSAROS (II)



a pombinha da paz

www.minerva.uevora.pt/web1/jornaljan/e-paz

capturado em 10/03/06 às 23 hs. e 40 min.

Um dia é preciso acordar às 5 horas. Temos que viajar em busca de algo; uma compra, uma venda, um nascimento, um óbito. Antes de ligar o motor barulhento do carro, surpresa! O canto do sabiá nos transporta à infância. Atônitos, descobrimos que o sabiá fixou residência na cidade. E não só ele, o canário amarelinho já foi ouvido, o casal de tucanos fotografado em um pé de mamona que insistia em sobreviver num canto qualquer, as pombinhas amargosas foram enxotadas, é verdade, mas somente para que fizessem o ninho longe da samambaia, e as maritacas surpreendidas se acariciando no galho do tamarindeiro frondoso nem se envergonharam com os olhares curiosos.

Que ninguém mais ouse fabricar uma gaiola, muito menos um alçapão.

21. NOSSA CIDADE E O MIGRANTE

Sou migrante
geográfico
cibernético
internáutico

Nossa cidade é uma cidade de migrantes. Se não migramos nós, migraram os nossos antepassados. Migrante é o que tem coração para partir. Não teme o novo e o desconhecido. Sua busca chama-se esperança. Sua conquista certa é a saudade.

22.NOSSA CIDADE E AS IDÉIAS (I)

A benção Carlinhos Lyra
Parceiro cem por cento
Você que une ação ao sentimento
E ao pensamento

Vinicius de Moraes

Em nossa cidade temos muitas cabeças pensantes, logo, muitas idéias. As idéias são ancoradas na ação, na prática social, e são motores que impulsionam o ser humano para outras ações. Desse efervescente caldeirão de idéias nascem as pesquisas que geram o desenvolvimento, nascem obras culturais, empresariais, esculturais, poéticas, sociais. Dessas idéias nascem as luzes que iluminam as nossas vias de acesso ao futuro.

23.NOSSA CIDADE E A SAUDADE

Saudade palavra doce
que traduz tanto amargor;
saudade é como se fosse
espinho cheirando a flor...
Bastos Tigre

Dizem que a palavra saudade somente existe em nossa Língua. Não sei a veracidade disso, mas que é uma das palavras mais expressivas da Língua Portuguesa, isso não haveremos de contestar. Em nossa cidade todos conhecemos a saudade, por sermos migrantes. Bastos Tigre tem razão quando na seqüência de seu poema diz que “a saudade é calculada/ por algarismos também/ distância multiplicada/ pelo fator querer bem”.

24. NOSSA CIDADE E AS CORES

A branca lembra a paz, mas não se fala muito de paz onde não existe a guerra. Então, que a branca lembre as faixas para pedestres. São muitas as faixas espalhadas pela nossa cidade para oferecer segurança ao pedestre. Hoje, no entanto, se o visitante se aventurar a atravessar na faixa, ao invés de segurança poderá muito bem encontrar a paz, a paz eterna. Essa é a nossa guerra. Então existe a guerra? Falemos, pois, de paz.

Se o mesmo visitante voltar para a nossa cidade dentro de dois anos poderá atravessar pela faixa de pedestre sem se preocupar em ser acidentado.

Isso é um desafio!

As outras cores?

Estão no arco-íres, nas bandeiras, nas flâmulas dos times, nos estandartes dos partidos, das confrarias, dos sindicatos.

As outras cores estão na natureza com tons e sobretons.

As cores estão colorindo a alegria e a tristeza.

Nossa cidade tem todas as cores.

Mais que cores, as cores são símbolos.

O respeito a todass nossas cores é, portanto, o respeito à nossa diversidade étnica, cultural, partidária, futebolística, sindical.

25.NOSSA CIDADE E OS SEUS TESOUROS

O chão
O grão
O pão
São as armas de plantar liberdade

Enivaldo

Sei não!

Tem gente que passa a vida procurando juntar ouro, fazer tesouro, só pensando em enriquecer-se.

Com quanto dinheiro compro a minha felicidade?

Não fuçamos. Encaremos a questão. Sem hipocrisias.

Com a riqueza eu compro o meu plano de saúde, prolongo a minha vida, ajeito a situação. Tenho amigos, bons parentes, faço viagens, como e bebo. Não me aperto.

Quanto mais dinheiro tenho, com pouco de esperteza, sou amado, sou querido, vivo rodeado de gente.

A riqueza da cidade também vai por esse rumo. Sem dinheiro a escola cai, o posto já não funciona, a praça se desmorona e o asfalto deteriora.

Sei não!

A riqueza financeira é coisa que vai e vem. Para uma cidade ser rica é preciso outros bens. Além de dinheiro e terra, além do ouro e da água, é bom se levar em conta o povo que a cidade tem, e, mais importante ainda, se esse povo vive bem.

26. NOSSA CIDADE E A NOITE (I)

Se cada dia cai

Se cada dia cai, dentro de cada noite,
há um poço
onde a claridade está presa.

há que sentar-se na beira
do poço da sombra
e pescar luz caída
com paciência.

Pablo Neruda (Últimos Poemas)

Vou para o quintal, vejo a Lua, conto as estrelas. Confiro uma a uma para ver se não se mudaram. Quintal, lua, estrelas, a natureza em harmonia e a esperança quase certa do nascer de um novo dia.

Pesquemos pacientemente a luz em nossa Cidade Educadora

27.E AS FLORES

“Fica sempre um pouco de perfume nas mãos que oferecem rosas”.
Thomas Cray (1716-1771) – Teólogo inglês.

Existem flores cultivadas especialmente para serem apanhadas e ofertadas, outras para serem contempladas. Não é tão difícil distinguir quando devemos levar flores ao nosso amor de quando devemos levar o nosso amor para ver as flores.

28. NOSSA CIDADE E O SENTIDO DA VIDA

A única coisa que eu sinto de morrer é não saber se eu lá de cima vou continuar a ver o Palmeiras.

Aparecida Bianchi, 2004, aos 85 anos.

O sentido da vida pode estar na paixão por um time, na criação de um filho, na elaboração de uma obra, na dedicação a uma missão, ou na descoberta de que ela não tem sentido. Tudo depende muito dos olhares que lançamos e, sob esse ângulo, a própria morte pode ser o sentido da vida. Sentido que pode estar contido em uma frase, que não é única, depende da escolha de cada um. No Ocidente a opção tem prevalecido pelo individualismo do “penso, logo existo”; entre tribos africanas o coletivismo do “pertencço, logo existo” tem sido mais usual.

Nossa cidade é ambígua. Ora é o individualismo dos egoístas que parece sobrepor-se, ora é o espírito coletivo que ganha força.

Na prática, a nossa cidade somente tem sentido quando o “pertencço logo existo” ilumina as nossas ações.

29. NOSSA CIDADE: OS POBRES E RICOS.

“A classe dominante não pode mistificar o restante da sociedade sem mistificar-se a si própria.”.

Cornelius Castoriadis : (1982 : p. 142)

A desgraça dos ricos é que nunca são verdadeiros, estão sempre procurando mistificar outros segmentos sociais e acabam mistificando-se a si próprios.

A desgraça dos pobres é a ausência de consciência política de sua pobreza.

Em nossa cidade, quando os ricos não precisarem mais mistificar os demais segmentos, por via de consequência não se mistificarem e os pobres tiverem consciência política de sua pobreza, talvez nos tornemos todos muito melhores.

30. NOSSA CIDADE E OS INTELECTUAIS

“O intelectual verdadeiro é o homem que procura, incansavelmente, a verdade, mas não apenas para festejar intimamente, (e sim) dizê-la, escrevê-la e sustentá-la publicamente.”

Milton Santos. “O intelectual anônimo”.
Correio Braziliense, 3 de junho de 2001.

Erram os que pensam que intelectual é um ser distante, quase um ET.

Intelectual é aquele que, pelo uso do intelecto, obviamente, consegue formular uma visão de mundo, consegue lê-lo.

A nossa cidade é rica em intelectuais, riquíssima, e eles têm oferecido uma contribuição importante.

O intelectual necessariamente não precisa escrever, não precisa falar, não precisa expor-se em relação ao dia-a-dia, mas seria muito bom se escrevesse sempre, se falasse muito e se se expusesse bastante.

Expondo-se, escrevendo, falando, acresceriam à nossa cidade ainda mais massa crítica para o bem da cidadania.

31. NOSSA CIDADE E O LIXO

“Só jogue no rio o que o peixe pode comer”

Tema do desfile ecológico promovido em 2002, pela Escola Municipal Mozart Lago- RJ

Na mão um papel amassado à procura de um cesto. Vai jogá-lo em qualquer lugar? Vai ficar meio agoniado, procurando o cesto como se procurasse um banheiro na hora do aperto?

Antigamente, meio sem cuidado, o vivente bípede, quase inteiramente racional, pensando que o mundo agüentasse todo desaforo foi jogando, jogando, amontoando.

A garrafa de refrigerante, sugada, abandonada, jogada na sarjeta, sentiu-se só e saiu rolando com o vento até enroscar-se caprichosamente e entupir o cano. Encontrou finalmente companhia: a enxurrada trouxe-lhe tocos de cigarro que foram se juntando a ela, papéis de bala, de embrulho, pedaços de galhos, folhas, terra, o gato morto.

Também veio o rato, de esgoto.

32. NOSSA CIDADE E OS NÚMEROS

"Conto os versos de um poema, calculo a altura de uma estrela, avalio o número de franjas, meço a área de um país, ou a força de uma torrente (...). Sem o sonho e a fantasia a ciência se abastarda. É ciência morta!".

Malba Tahan

http://www.fnlij.org.br/livros2/o_homen_que_calulava.htm

Número de casas. Senão me perco. Número de conta bancária. Como pago a conta?

Número de senha. Que sempre esqueço. Nossa cidade tem tanto número que muita gente só mexe com número. Encaixa números, enfileira números, projeta números. Existem em nossa cidade cursos que se dedicam quase que exclusivamente aos números e formam um número razoável de trabalhadores de números que desenvolvem o raciocínio rápido, a mente inquieta, sempre desejosa de saber.

Nossa cidade tem também número de habitantes.

Por que as pessoas sempre querem saber o número de habitantes de nossa cidade?

Os números, como as letras, são fundamentais em nossa cidade. Mas não me perguntem somente o número de habitantes, o número de fábricas, o número de lojas, o número de prédios.

Perguntem-me sobre o Índice de Qualidade de Vida de nossa Cidade.

Quem sabe não nos interessemos todos também por esses números.

33. NOSSA CIDADE E A NOITE (II)

Avisou, Avisou, Avisou , Avisou

Que vai rolar a festa
Vai rolar

Ivete Sangalo

Vrrrruuuummmm

Vrrrrrruuuuuummmmmmm

Katapum.

De que valeu o aviso?

O volante fugiu das mãos.

Falta de sorte?

É a morte!

34. NOSSA CIDADE E A MÚSICA (I)

“A vida sem música seria um erro”
Nietzsche

A música em nossa Cidade Educadora é deleite da alma, é como o passar de uma brisa leve numa tarde quente, como o bater de asas de legiões angélicas.

Importante é reconhecer e respeitar as preferências de cada tribo e de cada indivíduo.

35. NOSSA CIDADE E AS FLORES

Rima pobre

Algo de mágico ou divinal
têm as flores, tanto no aroma
quanto nas cores.

Dizem que as mais belas e perfumadas flores possuem espinhos. Por isso muitos acham o mundo imperfeito. Esquecem-se de que a natureza é perfeita à sua maneira, e os espinhos, fazem parte dessa perfeição, pois são eles os responsáveis pela conservação da beleza; a natureza é enfim uma junção do belo e do rude.

Quem plantou as mudas tomou todos os cuidados para que vingassem. A cerca ao redor das plantas foi feita com todo esmero. Bois e vacas, no entanto, não tiveram respeito pela cerca. Sobreviveu apenas a muda protegida pelo espinheiro.

36. NOSSA CIDADE E OS SONHOS

“Você pode dizer que eu sou um sonhador.

Mas eu não sou o único”

(“You may say I’m a dreamer.

But I’m not the only one”)

(Imagine - John Lenon e Yoko Ono)

Todos os habitantes de nossa Cidade Educadora sonham. Alguns nem sequer se lembram dos sonhos sonhados, mas sonham. Sonhamos dormindo e acordados. Dos sonhos que sonhamos acordados realizamos aqueles que sonhamos juntos.

37. NOSSA CIDADE E A CULPA

“Eu tinha culpa de tudo, na minha vida, e não sabia como não ter”.
Grande Sertão: Veredas, Guimarães Rosa

Ora, a culpa! Pesa sobre nós como um fardo. Fardo? Alguém já não disse, peguemos as nossas culpas enfiemos num saco e joguemo-las na esquina mais próxima? Ou algo semelhante?

Mas como viver sem culpa se ela é parte do imaginário social do ocidente? Se já nascemos com culpa mesmo sem saber do que se trata?

Não! Antes de jogar toda a culpa na esquina, façamos melhor: vamos distribuí-la segundo regras bem definidas, de modo que um tanto fique com os vereadores, outro com o prefeito; mais um tanto para os juízes, outro para os promotores. O tabelião e o general não poderão ficar de fora, mais um fardo haverá de ser dado ao bispo, outros serão distribuídos no Conselho de Pastores. E aos dirigentes de outras crenças devem ir um tanto quanto, mas que não fiquem sem os seus fardos também os professores, a polícia e os doutores, sejam estes médicos, advogados, filósofos ou administradores.

Quantos fardos ainda restam? Contemplemos os comerciantes, os feirantes, os estudantes, a costureira, o amante, o comerciário, o bancário e todos os ajudantes.

Continuando a partilha, com certeza muita culpa caberá às parteiras e obstetras.

38.NOSSA CIDADE E OS INDIOS (I)

Índia Velha

(...) índia velha
se lembra
tantos brancos que
chegaram
tantos
que até perdestes as
contas
e as contas de teus colares
hoje andas tonta nos bares
e é tão grande a dor que
sentes
e que o amor de tua gente
foi junto ao rio
foi junto ao rio
por onde os brancos
chegaram.

Emmanuel Marinho

A índia velha virou poesia, o índio ainda criança, pedindo pão de porta em porta, inspirou o poeta e os não índios aplaudiram. Ninguém chorou. Talvez por não termos nos apercebido de que muitas vezes na poesia, por trás das bonitas rimas, existe um grito de alerta. De um poeta, que vê além do horizonte. Tem pão velho? / Não, criança / temos mísseis, satélites / computadores, radares / temos canhões, navios, usinas nucleares / mas não temos pão. (Emmanuel Marinho).

39.NOSSA CIDADE E OS HERÓIS

Há muito o culto aos heróis dos tempos de Carlyle foi substituído por um “juízo equilibrado entre a criação coletiva e das personalidades representativas”.
Jayme Cortesão (1974 : pp. 7 e 8).

Queira desculpar o leitor. O título é provocativo. Nossa Cidade Educadora não tem heróis. Tem cidadãos. Cidadãos que escolhem os seus representantes no Bairro, na Escola, na Igreja, na Sociedade Civil, na organização institucional. Os dedicados cidadãos escolhidos são denominamos lideranças, não heróis. Admitir a existência de heróis seria esperar soluções mágicas para os nossos problemas. E em nossa Cidade Educadora não temos soluções mágicas; temos planejamento, cuidado especial com a educação, fóruns de debates, participação popular.

40.NOSSA CIDADE E OS LAGOS

Nada seria o lago além
de buraco grande e feio
não fosse a generosidade da água
que o inunda de vida e beleza.

Nossa cidade tem dois lagos, centros de dois grandes parques. Dizem que são os pulmões de nossa cidade. Pelo mundo afora existem muitas cidades com lagos, alguns até muito famosos, como o Ness, onde vive um legendário monstro. Nossos lagos não têm monstros, mas um dia, juro, de longe pensei ter visto um. Fui me aproximando até perceber que não passava de um enorme cachorro morto, inchado, flutuando, exalando mal cheiro. Monstro, pensei, talvez seja quem o jogou ali.

41.NOSSA CIDADE E A HISTÓRIA

A história é uma ciência do passado
ou 'só há história contemporânea'?

Jacques Le Goff , Einadudi – História, p. 162

A história de nossa cidade constitui-se em um processo, em um estado de mudanças, de transformações que, narradas por pessoas com conhecimento metodológico, contribui para a melhor compreensão do nosso presente. A história não desempenha papel de profeta que possa prever o futuro, mas se somos capazes de entender melhor o presente em função daquilo que foi feito no passado, não seria possível ao menos almejarmos construir o futuro no presente? Sem medo das rupturas, por serem imprevisíveis.

42.NOSSA CIDADE E A COMUNICAÇÃO

Em uma cidade educadora a inclusão digital torna-se necessária inclusive para queimar etapas, para fazer com que aqueles que não podem viajar desfrutem de outras oportunidades para conhecer o mundo

É comum que existam nas cidades muitas pessoas que nunca saíram de seu mundinho. Nada visitaram além do que está à sua volta.

Em Nossa Cidade Educadora, se essas pessoas tiverem ao menos acesso à Internet, o mundo poderá vir até elas e as suas maravilhas desfilar diante de seus olhares.

Uma Cidade Educadora é uma cidade inclusiva.

43.NOSSA CIDADE E OS ESTUDANTES (I)

“O homem atormentado por muitos pensamentos
jamais executa o que pretende, porque um
pensamento debilita a atividade de outro”

Dante Alighieri Divina Comédia Canto 5 p. 21. folha 1998.

Nossa cidade tem muitos estudantes. De todos os níveis.

Quem lança o seu olhar sobre os estudantes projeta neles algumas de suas expectativas ou frustrações. Os pais são campeões em projeções: “estudando vai poder me ajudar na velhice”, diz o desesperançado; “vai sofrer menos que eu”, emenda outro já cansado da labuta; “vai ser alguém na vida, ter a sua independência”, arremata o pai menos sofrido. São tantas e tão variadas as expectativas dos pais em relação aos filhos que seria extenuante listá-las. De modo geral, a sociedade quer que os estudantes tornem-se aptos a reproduzi-la, sem transformações profundas, sem traumas.

Aos estudantes cabe refletir sobre o futuro, lembrando-se de que também não são poucos os que esperaram deles a formação de massa crítica, tão importante na construção da cidadania.

44.NOSSA CIDADE E OS SEUS PORTAIS



Dante perdido na selva escura.
Ilustração de Gustave Doré (séc XIX).

Pode-se entrar ou sair de nossa cidade por vários portais. São muitos os portais de entrada e saída. Alguns portais são bem mais movimentados que outros, mas as pessoas nem se preocupam com isso.

Os portais de nossa cidade não têm arcadas nem letras impressas para não sugerir o viajante. Assim, quem sai ou entra escolhe o portal que lhe aprouver. Alguns saem pelo portal da saudade, porque sabem que não agüentarão muito tempo sem voltar. Outros saem pelo portal da gratidão, pela boa estada que tiveram em nossa cidade. Há os que entram ou saem pelo portal das lágrimas, do riso, da riqueza e da pobreza. Há os que entram pelo portal da esperança, outros, sem querer, sem saber, entram pelo portal da tristeza, mas podem sair pelo portal da alegria, enfim, a nossa cidade oferece muitos portais, e, na maior parte dos casos depende de cada um de nós a escolha do nosso, que vai desde o portal do inferno até o portal dos céus.

Algumas pessoas dizem ter medo do portal da morte, o único sem saída. Mas se em nossa cidade existe o portal do céu, porque temer o portal da morte?

45.NOSSA CIDADE E AS ARTES (I)

“Um quadro só sobrevive, graças aquele que o olha”.
Pablo Picasso

Muito tempo atrás, quando nossa cidade gerava a sua classe média, surgiram as primeiras academias, os primeiros grupos artísticos. Os pais matriculavam os seus filhos, mas aborreciam-se ao assistir os festivais anuais. Participavam por obrigação, não só porque não tinham o hábito de freqüentar espaços culturais, mas porque os espetáculos eram ainda incipientes.

Hoje, nossa cidade tem público, porque as artes construíram uma bonita história. Existem muitos apreciadores de arte, por isso elas sobrevivem e os nossos artistas se esmeram: escrevem, declamam, tocam, pintam, esculpem, modelam, desenham, encenam, cantam e dançam. Encantam. Quanto mais gente houver para apreciar, mais artistas teremos. Se continuar aumentando o número de apreciadores das artes, em breve nossa cidade será uma grande galeria, uma obra de arte.

46.NOSSA CIDADE E AS ARTES (II)

Em nossa cidade tem gente que faz arte. Muita arte. Tem gente que pinta, tem gente que borda e tem gente que pinta e borda.

47.NOSSA CIDADE E A CONCORRÊNCIA

“Dize-me o que pensas e te direi com quem andas”.

Wilson Garcia

In: www.espirito.org.com.br

Capturado em 12/03/06 às 14hs. 49 min.

Abriu-se em nossa Cidade Educadora uma concorrência sem igual, para ver quem atendia melhor os seus clientes. Foi incrível. No dia anunciado não houve clientes descontentes e a comissão não teve como anunciar um vencedor. A concorrência foi prorrogada por uma semana, depois um mês, um ano, e até hoje, de tão boa que continua sendo, a Comissão não consegue julgar quem oferece o melhor atendimento. Claro que os clientes continuam interessados em melhores preços e os comerciantes em maiores lucros, no entanto, desde que se iniciou essa inédita concorrência, as pessoas passaram a se tratar com muito maior cortesia.

48.NOSSA CIDADE E A MÚSICA (II)

Se você disser que eu desafino amor
Saiba que isto em mim provoca imensa dor
Só privilegiados têm o ouvido igual ao seu
Eu possuo apenas o que Deus me deu

Se você insiste em classificar
Meu comportamento de anti-musical
Eu mesmo mentindo devo argumentar
Que isto é Bossa Nova, isto é muito natural
O que você não sabe nem sequer presente
É que os desafinados também têm um coração
(...)
Tom Jobim e Newton Mendonça

São muitos os nossos cantores. Cantam solo, organizam corais. Os seus cantares agradam os nossos ouvidos, alegram a nossa cidade. E os que (por timidez ou limitações vocálicas) escondem o seu canto, contribuem com o seu humor.

Conheci um homem que não cantava, não sabia sequer uma letra de música. Era um homem triste.

49. NOSSA CIDADE E A IRA

“Hay que endurecerse pero sin perder la doçura jamás”.
Che Guevara

A ira é coisa antiga, velha, ultrapassada, *demodée*, como diriam os franceses. No atual estágio do processo de civilidade de nossa Cidade Educadora não existe mais espaço para o ódio. Mas, se ainda houver, maior deverá ser a nossa doçura, porque as palavras brandas acalmam a ira e as duras despertam o furor.

50.NOSSA CIDADE E A OBSTINAÇÃO

Ativo sem ser soberbo
humilde sem ser subserviente
(homenagem a Alaércio Abraão, cultor dessa máxima)

Os empreendimentos nunca caem do céu. Qualquer que seja o projeto de nossa cidade, ele tem que ser lutado, suado, conquistado. Assim é também com a vida. A perseverança é rainha das possibilidades de conquista. Sem a perseverança, a fé e a força de nossos antepassados não seríamos o que somos. Não teríamos a qualidade de vida que temos. E nós, se não formos obstinados como eles, não legaremos aos nossos descendentes a possibilidade de uma vida melhor.

Vamos eleger um lema para a nossa obstinação: “ativos sem arrogância, humildes sem subserviência”.

51. NOSSA CIDADE E A ESPERANÇA

Tempo
Quem teve a idéia de cortar o tempo em fatias,
a que se deu o nome de ano,
foi um indivíduo genial.
Industrializou a esperança
fazendo-a funcionar no limite da exaustão.

Doze meses dão para qualquer ser humano
se cansar e entregar os pontos.

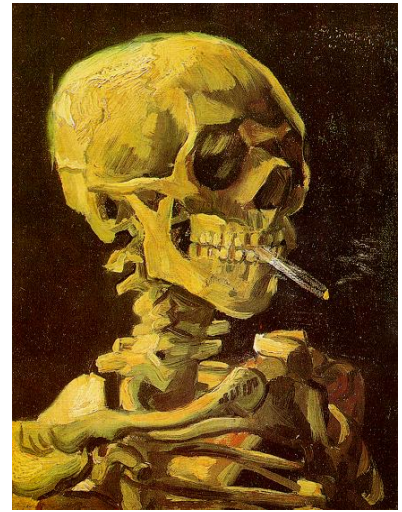
Aí entra o milagre da renovação e tudo começa outra vez
com outro número e outra vontade de acreditar
que daqui para adiante vai ser diferente...

(...)

(Carlos Drummond de Andrade)

Se todas as luzes se apagarem à frente de seus olhos, vire-se para os lados e encontrará em algum canto ao menos uma pequena chama acesa. É a esperança. Alimente-a e ela lhe acenderá novamente todas as outras luzes.

52. NOSSA CIDADE E O TABAGISMO



Quadro de Van Gogh
"Crâne à la Cigarette" 1885: In: www.cigarro.med.br/vg2.jpg
(capturado em 23/02/2006 às 9 hs. e 36 min).

O tabagismo já foi moda. Hoje é câncer, fraqueza, impotência, imprudência. É morte prematura.

53.NOSSA CIDADE E A FÉ

“Mas é preciso ter força é preciso ter raça
É preciso ter gana sempre...
Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz a fé nessa marca
Possui a estranha mania de ter fé na vida
(Maria, Milton Nascimento)

A fé talvez seja a maior força que se possa encontrar no ser humano. Quem tem fé é capaz de juntar a esperança, a obstinação, a coragem e realizar prodígios. Em nossa Cidade Educadora poderíamos oferecer como sinônimo de fé a “vontade política”, pois vontade política é mais que ação administrativa, é a determinação voltada para a realização.

54.NOSSA CIDADE E OS ÍNDIOS (II)

“Quem me dera, ao menos uma vez,
Como a mais bela tribo,
dos mais belos índios,
Não ser atacado por ser inocente.”
(Índios - Renato Russo)

Nossa cidade tem muitos índios; índios com pouca terra, sem mata, sem caça, sem pesca. Índios expropriados de seus costumes e crenças ancestrais. Não desejam apitos nem miçangas, eles querem terra, escola, dignidade.

55.NOSSA CIDADE E AS IDÉIAS (II)

"A mente que se abre a uma nova idéia
jamais volta ao seu tamanho original."
Albert Einstein (1879-1955).

As idéias têm muita energia. São excelentes para impulsionar a nossa cidade. No entanto, há aqueles que não acreditam que uma boa idéia vingue.

“Certo homem e o diabo passavam por uma rua de movimentada cidade, quando viram um homem alcançar e agarrar no ar uma idéia bela e válida”.

Você viu? Não está com medo ? Uma boa idéia pode crescer tanto e tornar-se tão poderosa a ponto de destruir você, disse o companheiro do diabo; ao que este respondeu:

Não, não tenho medo. Eles primeiro darão um nome à nova idéia. Em seguida irão organizá-la e promovê-la. Então, surgirão tantas idéias sobre a forma de utilizá-la que se estabelecerá a controvérsia e a confusão entre eles. A boa idéia , enfraquecida, será destruída por si mesma. Não, ela não me causa medo.” (Apud: MAZZOTTA, 1981, p. 9)

56. NOSSA CIDADE E O TRABALHO

“O proletariado, traindo seus instintos, desconhecendo sua missão histórica, deixou-se perverter pelo dogma do trabalho. Duro e terrível foi seu castigo. Todas as misérias individuais e sociais nasceram de sua paixão pelo trabalho”.

Paul Lafargue (O direito à preguiça. 1999, p. 67)

O trabalho enobrece, o trabalho dignifica, o trabalho não mata ninguém. São milhares as frases sobre o trabalho, a grande maioria enaltecendo-o e, por via de consequência, gerando uma moral oposta ao direito à preguiça.

Em nossa cidade se trabalha muito, mas já há também os que entendem que poderíamos trabalhar bem menos e gozar bem mais das oportunidades, das tecnologias que gerações e gerações de trabalhadores produziram ao longo da história da humanidade.

Concordamos quando um cidadão diz ser rico graças ao esforço de seus antepassados que souberam acumular riqueza, mas, não poderíamos concordar também, por analogia, que seria justo que os trabalhadores se apropriassem da maravilhosa tecnologia produzida por seus antepassados, ao longo dos séculos?

57. NOSSA CIDADE E OS ESCRITORES

Se um homem escreve bem só quando está bêbado dir-lhe-ei: embebede-se.
E se ele me disser que o seu fígado sofre com isso, respondo: o que é o seu fígado?
É uma coisa morta que vive enquanto você vive, e os poemas que escrever vivem sem
enquanto.

Fernando Pessoa. (Livro do desassossego, p. 254)

Pode até ser uma desculpa para os ébrios, mas pode também tratar-se de uma declaração de amor à escrita, à língua, à poesia.

Escrever faz bem. Existe um provérbio que nem mais sei se é hindu ou árabe que nos orienta a escrever os males que nos fizerem na areia e as coisas boas no mármore. Penso que no momento em que foi criado esse provérbio estava inventada a *escritoterapia*. Usemo-la mais intensamente.

58.NOSSA CIDADE E OS POLÍTICOS

O governo do mundo começa em nós mesmos. Não são os sinceros que governam o mundo, mas também não são os insinceros. São os que fabricam em si uma sinceridade real por meios artificiais e automáticos; essa sinceridade constitui a sua força, e é ela que irradia para a sinceridade menos falsa dos outros. Saber iludir-se bem é a primeira qualidade do estadista. Só aos poetas e aos filósofos compete a visão prática do mundo, porque só a esses é dado não ter ilusões.

Fernando Pessoa. Livro do desassossego, p.267.

A política, não obstante todas as suas variáveis, ainda pode ser definida como a arte de bem governar. Os bons políticos, por sua vez, são os mediadores mais rápidos e mais eficientes das transformações sócio-econômicas de nossa cidade. Está nas mãos do povo escolher, dentre os políticos, somente aqueles que tenham consciência dessa sua condição.

59. NOSSA CIDADE E OS AMIGOS (II)

Amigo é o que nos procura,
Simplesmente por sentir,
Prazer, descanso, ventura,
Em nos ver e nos ouvir.
Garrett

O bom homem, que jamais possuía uma arma, somente montou um estilingue, forte e com a malha grande, obrigado pelas circunstâncias. Os lagartos insistiam em devorar os ovos postos por suas poucas galinhas. A partir de então começou a receber todo o dia a visita de um menino da vizinhança que, junto com o seu solitário filho, quebravam a monotonia da vida no sítio. Belo dia o bom homem, sucumbiu aos pedidos do menino e presenteou-o com o estilingue.

Cessaram as visitas.

Estaria a poesia em epígrafe desgastada pelo tempo? Vá lá que nem me lembre ao certo o seu autor. Talvez seja Almeida Garrett. Não faz mal! O que quero dizer é que não nos podemos deixar levar pelas decepções sofridas com um ou outro amigo, fazer dessas decepções regra geral. Ser e ter amigos faz parte da própria natureza humana, talvez até da própria sobrevivência humana.

60.NOSSA CIDADE E A VIOLÊNCIA

A miserabilidade, o desemprego, a ausência da escola, a falta de perspectivas, são prima-irmãs da violência.

Nasceu forte. Foi uma alegria para os pais, primeiro filho, nascido do amor e da esperança. Cresceu pobre, pouco estudo. Em toda a sua vida andou equilibrando-se em uma corda bamba. Ora o mundo lhe sorria, não faltava comida em casa, as notas melhoravam, os pais até pensavam que seria doutor. Mas de repente as coisas mudavam radicalmente.

Veio o primeiro roubo, o primeiro crime. Veio-lhe também rapidamente a morte. Prematura, um menino que mal completara os 25 anos. Nem teve tempo de aperfeiçoar a sua maldade e frieza atrás das grades de um desses depósitos de gente que cinicamente chamamos penitenciária.

Em seu enterro só a mãe chorou, o próprio pai resignou-se, poderia ter causado muito mais problemas se continuasse vivo.

Acabou-se, sem que ninguém percebesse que o desvio comportamental poderia ter sido sanado em uma boa escola com a ajuda de uma clínica médica.

61.NOSSA CIDADE E A RAZÃO

"A razão foi dada à vontade para que a instrua, e não para que a destrua".

São Bernardo

<http://orbita.starmedia.com/mmagela/citacoes/s.htm>

Capturado em 12/03/06 às 15 horas

Tempos atrás muitos ensinamentos eram intermediados por ditados, provérbios e histórias de vida. Algumas delas fazem parte do senso comum, não obstante, reúnem em si profundos conhecimentos. Sobre a razão, um certo advogado insistia em dizer que havia uma só. Sua secretária ouvira essa máxima à exaustão.

Belo dia aconteceu a separação de um casal e o acaso fez com que marido e mulher procurassem o mesmo advogado. O marido, contou uma história de amor desfeito pelos caprichos da mulher e foi convincente a ponto de o advogado dizer em voz clara: “tem razão”. A esposa, relatou o amor frustrado pelas inconveniências do marido e foi também tão convincente que o advogado expressou um sonoro: “tem razão”.

A Secretária, indignada, inquiriu o advogado dizendo-lhe que sempre escutara que a razão era uma só, porque agora haveria duas razões? O advogado não pôde deixar de dar razão também à secretária: “tem razão”.

Na verdade, a razão é e sempre será uma só. As versões sobre a razão é que são e sempre serão diferentes, o que torna a verdade tão relativa.

62.NOSSA CIDADE E OS VELHOS

“Fiz o que quis e fiz com paixão.
Se a paixão estava errada, paciência.
Não fiquei vendo a vida passar,
sempre acompanhei o desfile”.

Mario Lago

Levantou dez quilos que pensou ser mil. Andou duas quadras que lhe pareceram cem. Na sombra amiga da árvore frondosa que ele próprio plantara decidiu: é hora de gozar a vida. Entrou na Academia, inscreveu-se no Clube da Melhor Idade e vive feliz por morar em uma cidade onde se respeita os velhos.

63.NOSSA CIDADE E O EGOCENTRISMO



Era só ser contrariado em uma causa e dizia a todo o pulmão que sua vida era assim mesmo, que tudo o que fizera fora por mérito próprio, fruto de trabalho árduo. Ninguém, nunca, jamais, lhe favorecera em absolutamente nada. Sua vida era de luta, de suor, de sacrifícios.

Um dia lembrou-se da parteira, da avó, da mãe, do pai, da professora, do irmão, da esposa, dos filhos, dos parentes, dos amigos, dos vizinhos, do padeiro, do leiteiro, do escritor, do funcionário público e foi, mentalmente, puxando pela memória e relacionando ao longo de sua existência as pessoas que de alguma forma o ajudaram. Lembrou-se até das surras das quais se livrou pela intervenção eficaz do avô ou da tia.

Passou horas seguidas mergulhado nesses pensamentos até que adormeceu sem ter terminado a lista.

64.NOSSA CIDADE E O FUTURO

“E nossa história não estará
pelo avesso assim sem final feliz
Teremos coisas bonitas pra contar
E até lá vamos viver
temos muito ainda por fazer
não olhe pra trás,
Apenas começamos
O mundo começa agora
apenas começamos.
Metal contra as nuvens- Renato Russo

As ruas e avenidas de nossa cidade são tão largas porque era ampla também a mentalidade de quem as projetou. O nosso futuro jamais será melhor que o nosso presente se os nossos projetos forem pequenos. Se a nossa cidade hoje é aprazível e nos causa alegria habitá-la, é porque no passado alguém teve o bom senso de projetá-la assim.

A mediocridade, o medo, a omissão, a ausência de planejamento e a falta de fóruns para debates são os mensageiros de um futuro sombrio.

Ao contrário, a efervescência de idéias, a ousadia, o planejamento, o destemor o arrojo e um pouco de paixão são os grandes arquitetos de um futuro auspicioso.

65.NOSSA CIDADE E OS NOSSOS FILHOS

Os filhos são a renovação da vida.

Em nossa cidade não perdemos a ansiedade anterior ao nascimento de nossos filhos, mesmo que os aparelhos já consigam nos dizer antecipadamente como eles virão ao mundo. Quando nascem não os enxergamos, olhamo-los com ternura. Num desejo instantâneo damos-lhes todo o mundo. Projetamos neles os nossos anseios, os nossos sonhos, as nossas esperanças. Queremos que cresçam fortes, bonitos e que sejam estudiosos.

Assim é, mesmo que em muitos os desejos não se realizem. E enquanto assim for, a humanidade crescerá verticalmente, porque junto com os nossos anseios, com os nossos sonhos e com as nossas esperanças, legamos aos nossos filhos toda cultura acumulada por nossos antepassados.

66.NOSSA CIDADE E OS ÍNDIOS (III)

Em Iracema, de Taunay, aparece o cão Japi.
No Guarani, de José de Alencar, também aparece
um heróico cãozinho. Nossos romancistas
sabiam que os índios gostavam de cães.
Em nossa cidade, nos tempos atuais
não é diferente. Calcula-se que em uma reserva
com 11 mil índios haja 4 mil cães.

Quando finalmente alguém por um acaso ofereceu-lhe um pedaço de pão, o olhar do menino índio encontrou-se com o olhar do cão, que não sabe falar, não sabe pedir e sequer tem força para latir.

Repartiu o pão. Achou um trapo de pano que virou fita, fita vermelha, alegre, berrante. Enfeitou o pescoço do cão, como se trapo virasse ouro, e até hoje convivem juntos, o índio e o cão, amigos.

67.NOSSA CIDADE E OS ESTUDANTES (II)

Coração de estudante
(...) Mas renova-se a esperança
Nova aurora a cada dia
E há que se cuidar do broto
Pra que a vida nos dê flor e fruto

Coração de estudante
E há que se cuidar da vida
E há que se cuidar do mundo
Tomar conta da amizade
Alegria e muito sonho
Espalhados no caminho

Milton Nascimento

Nossa cidade tem muitas escolas, repletas de estudantes que alegram e dão vida ao nosso dia-a-dia.

E o que querem afinal os nossos estudantes?

Um canudo? Um emprego? O saber? Isso tudo?

Existem épocas de nossas vidas em que temos muita sede e fome. Desejamos muito. Então plantamos, plantamos, plantamos.

Os nossos estudantes encontram-se na fase do plantio. Que a colheita seja abundante e que saibam utilizá-la para o seu proveito e em benefício da sociedade.

68.NOSSA CIDADE E OS SONHOS

Levando, pra quem me ouvir
Certezas e esperanças pra trocar
Por dores e tristezas que bem sei
Um dia ainda vão findar
Um dia que vem vindo
E que eu vivo pra cantar

Porta Estandarte: Geraldo Vandré e Fernando Lona

A nossa cidade é o próprio sonho. Não o fosse, nossa cidade nem seria. Cabe somente a nós continuar dando-lhe vida, construindo um verdadeiro sonho edênico.

69. NOSSA CIDADE E A IMAGINAÇÃO

Only a dream in Rio

O lugar que a gente sonhar
Pode existir, existirá
Vive em nós e viverá

James Taylor (Versão Fernando Brant)

Interpretação: James Taylor e Milton Nascimento (Angelus)

Uma nova cidade é possível. Uma sociedade mais justa, mais fraterna, mais igual é possível. E a nossa Cidade Educadora nem mais precisa de comitês que se preocupem com a formação do cidadão, com a violência, o trânsito, o meio ambiente. O que no passado era problema virou solução.

Com o passar dos anos tornou-se tão natural a formação integral do indivíduo que os Comitês deixaram de ter necessidade de ser. Não existem analfabetos funcionais, nem digitais; impera a consciência cidadã e isso tudo de forma tão espontânea que se não fossem os registros históricos as pessoas nem se lembrariam de que um dia Comitês foram organizados para sanar esses problemas.

A escola formal ainda existe, é verdade. Mas nem é tão formal. São grandes centros estrategicamente distribuídos pelos bairros de nossa cidade, onde se encontra tudo de mais atual em termos científicos e tecnológicos. Toda a população é estudante, nem tanto por necessidade de fazer dos estudos uma forma de ganhar a vida, mas porque os Centros Educacionais são atraentes, e tão constantemente renovados, que aprender se transformou em gozo.

Ao nascer, as crianças são submetidas a uma série de exames e testes, e os desvios comportamentais que ocorreriam na adolescência ou idade madura são tratados com células

tronco. As cadeias e penitenciárias foram transformadas em hospitais ou escolas. Com isso, muitas profissões tradicionais desapareceram e surgiram novas e mais atraentes.

Ninguém mais morre em acidente de trânsito. Primeiro porque os motoristas respeitam as regras, segundo porque os carros são dotados de um filamento externo que impede a colisão e por um revestimento interno que impede trancos.

O transporte coletivo desapareceu e ninguém mais tem uma garagem particular. Para locomover-se, o cidadão, a qualquer hora do dia ou da noite, acessa uma central, que lhe envia em domicílio o veículo apropriado para o tipo de transporte que desejar. Os postos de serviços já não vendem combustíveis, agora cuidam apenas de trocar o filtro eólico dos carros. Esse filtro, por onde passa o ar aspirado que impulsiona o veículo, devolve ao ambiente ar puro e retém as partículas de impureza, raríssimas é verdade, que são tratadas nos postos.

Todos já podem sair ao quintal e contemplar a Lua, contar as estrelas. A chuva infiltra-se pelas avenidas de nossa Cidade, porque o asfalto foi substituído por gramados ornamentais, já que os carros não precisam mais de rodas. Deslocam-se a uma altura de 30 centímetros. Até para viagens interestaduais existem vias gramadas. Não que elas fossem necessárias do ponto de vista operacional, os carros poderiam traçar rotas particularizadas, mas a sociedade decidiu que as vias terrestres subsistiriam enquanto existisse o transporte aéreo.

Não vou contar mais para que você veja com os próprios olhos de sua imaginação o que foi possível realizar. Mas como ainda existem olhares pessimistas, quero apenas afirmar que não perdeu a graça viver. Ao contrário, a vida tem muito mais sabor e alegria. As 24 horas do dia são muito bem ocupadas. Com o trabalho apenas duas. Não que o trabalho seja maçante, mas com duas horas diárias de trabalho é possível manter toda a população

empregada. E, afinal, ninguém é de ferro. Em uma cidade como a nossa temos muitas e variadas coisas a fazer a não ser trabalhar.

70.NOSSA CIDADE E ...

“Caminante, no hay camino:
el camino se hace al andar”
Antonio Machado

É a sua vez...

SEGUNDA PARTE:

A CIDADE E SEUS PRINCÍPIOS

CARTA DAS CIDADES EDUCADORAS ¹

Proposta Definitiva, Novembro de 2004

As cidades representadas no 1º Congresso Internacional das Cidades Educadoras, que teve lugar em Barcelona em Novembro de 1990, reuniram na Carta inicial, os princípios essenciais ao impulso educador da cidade. Elas partiam do princípio que o desenvolvimento dos seus habitantes não podia ser deixado ao acaso. Esta Carta foi revista no III Congresso Internacional (Bolonha, 1994) e no de Gênova (2004), a fim de adaptar as suas abordagens aos novos desafios e necessidades sociais.

A presente Carta baseia-se na Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948), no Pacto Internacional dos Direitos Económicos, Sociais e Culturais (1966), na Declaração Mundial da Educação para Todos (1990), na Convenção nascida da Cimeira Mundial para a Infância (1990) e na Declaração Universal sobre Diversidade Cultural (2001).

PREÂMBULO (DA CARTA)

¹ * Versão da Carta em Português (Português Europeu) capturada em 27/03/06 no sitio da Câmara Municipal de Lisboa: <http://www.cm-lisboa.pt/>.

Hoje mais do que nunca as cidades, grandes ou pequenas, dispõem de inúmeras possibilidades educadoras, mas podem ser igualmente sujeitas a forças e inércias deseducadoras. De uma maneira ou de outra, a cidade oferece importantes elementos para uma formação integral: é um sistema complexo e ao mesmo tempo um agente educativo permanente, plural e poliédrico, capaz de contrariar os factores deseducativos.

A cidade educadora tem personalidade própria, integrada no país onde se situa é, por consequência, interdependente do território do qual faz parte. É igualmente uma cidade que se relaciona com o seu meio envolvente, outros centros urbanos do seu território e cidades de outros países. O seu objectivo permanente será o de aprender, trocar, partilhar e, por consequência, enriquecer a vida dos seus habitantes.

A cidade educadora deve exercer e desenvolver esta função paralelamente às suas funções tradicionais (económica, social, política de prestação de serviços), tendo em vista a formação, promoção e o desenvolvimento de todos os seus habitantes. Deve ocupar-se prioritariamente com as crianças e jovens, mas com a vontade decidida de incorporar pessoas de todas as idades, numa formação ao longo da vida.

As razões que justificam esta função são de ordem social, económica e política, sobretudo orientadas por um projecto cultural e formativo eficaz e coexistencial. Estes são os grandes desafios do século XXI: Primeiro “investir” na educação de cada pessoa, de maneira a que esta seja cada vez mais capaz de exprimir, afirmar e desenvolver o seu potencial humano, assim como a sua singularidade, a sua criatividade e a sua responsabilidade. Segundo, promover as condições de plena igualdade para que todos possam sentir-se respeitados e serem respeitadores, capazes de diálogo. Terceiro, conjugar todos os factores possíveis para que se possa construir, cidade a cidade, uma verdadeira sociedade do

conhecimento sem exclusões, para a qual é preciso providenciar, entre outros, o acesso fácil de toda a população às tecnologias da informação e das comunicações que permitam o seu desenvolvimento.

As cidades educadoras, com suas instituições educativas formais, suas intervenções não formais (de uma intencionalidade educadora para além da educação formal) e informais (não intencionais ou planificadas), deverão colaborar, bilateral ou multilateralmente, tornando realidade a troca de experiências. Com espírito de cooperação, apoiarão mutuamente os projectos de estudo e investimento, seja sob a forma de colaboração directa ou em colaboração com organismos internacionais.

Actualmente, a humanidade, não vive somente uma etapa de mudanças, mas uma verdadeira mudança de etapa. As pessoas devem formar-se para uma adaptação crítica e uma participação activa face aos desafios e possibilidades que se abrem graças à globalização dos processos económicos e sociais, a fim de poderem intervir, a partir do mundo local, na complexidade mundial, mantendo a sua autonomia face a uma informação transbordante e controlada por certos centros de poder económico e político.

Por outro lado, as crianças e os jovens não são mais protagonistas passivos da vida social e, por consequência, da cidade. A Convenção das Nações Unidas de 20 de Novembro de 1989, que desenvolve e considera constringedores os princípios da Declaração Universal de 1959, tornou-os cidadãos e cidadãs de pleno direito ao outorgar-lhes direitos civis e políticos. Podem associar-se e participar em função do seu grau de maturidade.

A protecção das crianças e jovens na cidade não consiste somente no privilegiar a sua condição, é preciso cada vez mais encontrar o lugar que na realidade lhes cabe, ao lado dos

adultos que possuem como cidadã a satisfação que deve presidir à coexistência entre gerações. No início do século XXI, as crianças e os adultos parecem necessitar de uma educação ao longo da vida, de uma formação sempre renovada.

A cidadania global vai-se configurando sem que exista ainda um espaço global democrático, sem que numerosos países tenham atingido uma democracia eficaz respeitadora dos seus verdadeiros padrões sociais e culturais e sem que as democracias de longa tradição possam sentir-se satisfeitas com a qualidade dos seus sistemas. Neste contexto, as cidades de todos os países, devem agir desde a sua dimensão local, enquanto plataformas de experimentação e consolidação duma plena cidadania democrática e promover uma coexistência pacífica graças à formação em valores éticos e cívicos, o respeito pela pluralidade dos diferentes modelos possíveis de governo, estimulando mecanismos representativos e participativos de qualidade.

A diversidade é inerente às cidades actuais e prevê-se que aumentará ainda mais no futuro. Por esta razão, um dos desafios da cidade educadora é o de promover o equilíbrio e a harmonia entre identidade e diversidade, salvaguardando os contributos das comunidades que a integram e o direito de todos aqueles que a habitam, sentindo-se reconhecidos a partir da sua identidade cultural.

Vivemos num mundo de incerteza que privilegia a procura da segurança, que se exprime muitas vezes como a negação e uma desconfiança mútua. A cidade educadora, consciente deste facto, não procura soluções unilaterais simples, aceita a contradição e propõe processos de conhecimento, diálogo e participação como o caminho adequado à coexistência na e com a incerteza.

Confirma-se o direito a uma cidade educadora, que deve ser considerado como uma extensão efectiva do direito fundamental à educação. Deve produzir-se, então uma verdadeira fusão da etapa educativa formal com a vida adulta, dos recursos e do potencial formativo da cidade com o normal desenvolvimento do sistema educativo, laboral e social.

O direito a uma cidade educadora deve ser uma garantia relevante dos princípios de igualdade entre todas as pessoas, de justiça social e de equilíbrio territorial.

Esta acentua a responsabilidade dos governos locais no sentido do desenvolvimento de todas as potencialidades educativas que a cidade contém, incorporando no seu projecto político os princípios da cidade educadora.

PRINCÍPIOS

I – O DIREITO A UMA CIDADE EDUCADORA

1. Todos os habitantes de uma cidade terão o direito de desfrutar, em condições de liberdade e igualdade, os meios e oportunidades de formação, entretenimento e desenvolvimento pessoal que ela lhes oferece. O direito a uma cidade educadora é proposto como uma extensão do direito fundamental de todos os indivíduos à educação. A cidade educadora renova permanentemente o seu compromisso em formar nos aspectos, os mais diversos, os seus habitantes ao longo da vida. E para que isto seja possível, deverá ter em conta todos os grupos, com suas necessidades particulares.

Para o planeamento e governo da cidade, tomar-se-ão as medidas necessárias tendo por objectivo suprimir os obstáculos de todos os tipos incluindo as barreiras físicas que impedem o exercício do direito à igualdade. Serão responsáveis tanto a administração municipal, como outras administrações que têm uma influência na cidade, e os seus habitantes deverão igualmente comprometerem-se neste empreendimento, não só ao nível pessoal como através de diferentes associações a que pertençam.

2. A cidade deverá promover a educação na diversidade para a compreensão, a cooperação solidária internacional e a paz no mundo. Uma educação que deverá combater toda a forma de discriminação. Deverá favorecer a liberdade de expressão, a diversidade cultural e o diálogo em condições de igualdade. Deverá acolher tanto as iniciativas inovadoras como as da cultura popular, independentemente da sua origem. Deverá contribuir para a correcção das desigualdades que surjam então da promoção cultural, devido a critérios exclusivamente mercantis.

3. A cidade educadora deverá encorajar o diálogo entre gerações, não somente enquanto fórmula de coexistência pacífica, mas como procura de projectos comuns e partilhados entre grupos de pessoas de idades diferentes. Estes projectos, deverão ser orientados para a realização de iniciativas e acções cívicas, cujo valor consistirá precisamente no carácter intergeracional e na exploração das respectivas capacidades e valores próprios de cada idade.

4. As políticas municipais de carácter educativo devem ser sempre entendidas no seu contexto mais amplo inspirado nos princípios de justiça social, de civismo democrático, da qualidade de vida e da promoção dos seus habitantes.

5. Os municípios deverão exercer com eficácia as competências que lhes cabem em matéria de educação. Qualquer que seja o alcance destas competências, elas deverão prever uma política educativa ampla, com carácter transversal e inovador, compreendendo todas as modalidades de educação formal, não formal e informal, assim como as diferentes manifestações culturais, fontes de informação e vias de descoberta da realidade que se produzam na cidade.

O papel da administração municipal é o de definir as políticas locais que se revelarão possíveis e o de avaliar a sua eficácia, assim como de obter as normas legislativas oportunas de outras administrações, centrais ou regionais.

6. Com o fim de levar a cabo uma actuação adequada, os responsáveis pela política municipal duma cidade deverão possuir uma informação precisa sobre a situação e as necessidades dos seus habitantes. Com este objectivo, deverão realizar estudos que manterão actualizados e tornarão públicos, e prever canais abertos (meios de comunicação) permanentes com os indivíduos e os grupos que permitirão a formulação de projectos concretos e de política geral.

Da mesma maneira, o município face a processos de tomada de decisões em cada um dos seus domínios de responsabilidade, deverá ter em conta o seu impacto educador e formativo.

2 – O COMPROMISSO DA CIDADE

7. A cidade deve saber encontrar, preservar e apresentar sua identidade pessoal e complexa. Esta a tornará única e será a base dum diálogo fecundo com ela mesma e com outras cidades. A valorização dos seus costumes e suas origens deve ser compatível com os

modos de vida internacionais. Poderá assim oferecer uma imagem atraente sem desvirtuar o seu enquadramento natural e social.

À partida, deverá promover o conhecimento, a aprendizagem e a utilização das línguas presentes na cidade enquanto elemento integrador e factor de coesão entre as pessoas.

8. A transformação e o crescimento duma cidade devem ser presididos por uma harmonia entre as novas necessidades e a perpetuação de construções e símbolos que constituam referências claras ao seu passado e à sua existência. O planeamento urbano deverá ter em conta as fortes repercussões do ambiente urbano no desenvolvimento de todos os indivíduos, na integração das suas aspirações pessoais e sociais e deverá agir contra toda a segregação das gerações e pessoas de diferentes culturas, que têm muito a aprender umas com as outras.

O ordenamento do espaço físico urbano deverá estar atento às necessidades de acessibilidade, encontro, relação, jogo e lazer e duma maior aproximação à natureza. A cidade educadora deverá conceder um cuidado especial às necessidades das pessoas com dependência no planeamento urbanístico de equipamentos e serviços, a fim de lhes garantir um enquadramento amável e respeitador das limitações que podem apresentar sem que tenham que renunciar à maior autonomia possível.

9. A cidade educadora deverá fomentar a participação cidadã com uma perspectiva crítica e co-responsável. Para este efeito, o governo local deverá oferecer a informação necessária e promover, na transversalidade, as orientações e as actividades de formação em valores éticos e cívicos.

Deverá estimular, ao mesmo, a participação cidadã no projecto colectivo a partir das instituições e organizações civis e sociais, tendo em conta as iniciativas privadas e outros modos de participação espontânea.

10. O governo municipal deverá dotar a cidade de espaços, equipamentos e serviços públicos adequados ao desenvolvimento pessoal, social, moral e cultural de todos os seus habitantes, prestando uma atenção especial à infância e à juventude.

11. A cidade deverá garantir a qualidade de vida de todos os seus habitantes. Significa isto, um equilíbrio com o ambiente natural, o direito a um ambiente sadio, além do direito ao alojamento, ao trabalho, aos lazeres e aos transportes públicos, entre outros. Deverá promover activamente a educação para a saúde e a participação de todos os seus habitantes nas boas práticas de desenvolvimento sustentável.

12. O projecto educador explícito e implícito na estrutura e no governo da cidade, os valores que esta encoraja, a qualidade de vida que oferece, as manifestações que organiza, as campanhas e os projectos de todos os tipos que prepara, deverão ser objecto de reflexão e de participação, graças à utilização dos instrumentos necessários que permitam ajudar os indivíduos a crescer pessoal e colectivamente.

3 – AO SERVIÇO INTEGRAL DAS PESSOAS

13. O município deverá avaliar o impacto das ofertas culturais, recreativas, informativas, publicitárias ou de outro tipo e as realidades que as crianças e jovens recebem sem qualquer intermediário. Neste caso, deverá empreender, sem dirigismos acções com uma explicação ou uma interpretação razoáveis. Vigiará a que se estabeleça um equilíbrio entre a necessidade de protecção e a autonomia necessária à descoberta. Oferecerá, igualmente espaços de formação e de debate, incluindo os intercâmbios entre cidades, para que todos os seus habitantes possam assumir plenamente as inovações que aquelas geram.

14. A cidade deverá procurar que todas as famílias recebam uma formação que lhes permitirá ajudar os seus filhos a crescer e a apreender a cidade, num espírito de respeito mútuo. Neste mesmo sentido, deverá promover projectos de formação destinados aos educadores em geral e aos indivíduos (particulares ou pessoal pertencente aos serviços públicos) que intervêm na cidade, sem estarem conscientes das funções educadoras. Atenderá igualmente para que os corpos de segurança e protecção civil que dependem directamente do município, ajam em conformidade com estes projectos.

15. A cidade deverá oferecer aos seus habitantes a possibilidade de ocuparem um lugar na sociedade, dar-lhes-á os conselhos necessários à sua orientação pessoal e profissional e tornará possível a sua participação em actividades sociais. No domínio específico das relações escola-trabalho, é preciso assinalar a relação estreita que se deverá estabelecer entre o planeamento educativo e as necessidades do mercado de trabalho. Para este efeito, as cidades deverão definir estratégias de formação que tenham em conta a procura social e colaborar com as organizações sindicais e empresas na criação de postos de trabalho e de actividades formativas de carácter formal e não formal, sempre ao longo da vida.

16. As cidades deverão estar conscientes dos mecanismos de exclusão e marginalização que as afectam e as modalidades que eles apresentam assim como desenvolver as políticas de acção afirmativa necessárias. Deverão, em particular, ocupar-se dos recém-chegados, imigrantes ou refugiados, que têm o direito de sentir com toda a liberdade, que a cidade lhes pertence. Deverão consagrar todos os seus esforços no encorajar a coesão social entre os bairros e os seus habitantes, de todas as condições.

17. As intervenções destinadas a resolver desigualdades podem adquirir formas múltiplas, mas deverão partir duma visão global da pessoa, dum parâmetro configurado pelos interesses de cada uma destas e pelo conjunto de direitos que a todos assistem. Toda a

intervenção significativa deve garantir a coordenação entre as administrações envolvidas e seus serviços. É preciso, igualmente, encorajar a colaboração das administrações com a sociedade civil livre e democraticamente organizada em instituições do chamado sector terciário, organizações não governamentais e associações análogas.

18. A cidade deverá estimular o associativismo enquanto modo de participação e corresponsabilidade cívica com o objectivo de analisar as intervenções para o serviço da comunidade e de obter e difundir a informação, os materiais e as ideias, permitindo o desenvolvimento social, moral e cultural das pessoas. Por seu lado, deverá contribuir na formação para a participação nos processos de tomada de decisões, de planeamento e gestão que exige a vida associativa.

19. O município deverá garantir uma informação suficiente e compreensível e encorajar os seus habitantes a informarem-se. Atenta ao valor que significa seleccionar, compreender e tratar a grande quantidade de informação actualmente disponível, a cidade educadora deverá oferecer os recursos que estarão ao alcance de todos. O município deverá identificar os grupos que necessitam de uma ajuda personalizada e colocar à sua disposição pontos de informação, orientação e acompanhamento especializados.

Ao mesmo tempo, deverá prever programas formativos nas tecnologias de informação e comunicações dirigidos a todas as idades e grupos sociais a fim de combater as novas formas de exclusão.

20. A cidade educadora deverá oferecer a todos os seus habitantes, enquanto objectivo cada vez mais necessário à comunidade, uma formação sobre os valores e as práticas da cidadania democrática: o respeito, a tolerância, a participação, a responsabilidade e o interesse pela coisa pública, seus programas, seus bens e serviços.

Esta Carta exprime o compromisso assumido pelas cidades que a subscrevem com todos os valores e princípios que nela se manifestam. Define-se como aberta à sua própria reforma e deverá ser adequada aos aspectos que a rápida evolução social exigirá no futuro .

(Carta e princípios capturados do sitio: <http://www.cm-lisboa.pt> ,
conforme já foi anunciado no início desse capítulo)

TERCEIRA PARTE:

COMO EDIFICAR UMA CIDADE EDUCADORA

CAPÍTULO I

**SUGESTÃO PARA A ELABORAÇÃO DE UM PROJETO:
O CASO DE DOURADOS**

1. Breve histórico sobre a formação das Cidades Educadoras

“A cidade educadora é um sistema complexo em constante evolução e pode exprimir-se de diferentes formas, mas dará sempre prioridade absoluta ao investimento cultural e à formação permanente da sua população”
Declaração de Barcelona – 1990.

O conceito de Cidades Educadoras desenvolveu-se em Barcelona a partir de 1990, quando representantes de governos da região estabeleceram o “objetivo comum de trabalhar conjuntamente em projetos e atividades para melhorar a qualidade de vida de seus habitantes”. Posteriormente, em 1994, durante a realização do III Congresso em Bolonha, foi formalizada a Associação Internacional das Cidades Educadoras (AICE) e aprovada a Carta de Princípios da entidade. Em 2004, no Congresso de Gênova, houve uma reformulação da carta, “a fim de adaptar as suas abordagens aos novos desafios e necessidades sociais”. (cf. www.edcities.bcn.es/aice/)

A consolidação da Associação Internacional das Cidades Educadoras é inquestionável e pode ser mensurada por vários indicadores, dentre os quais, as realizações de seus congressos, o crescimento em todo o mundo de cidades que pertencem ou pretendem aderir à Associação e os inúmeros projetos desenvolvidos em nome da cidadania, da educação, do meio ambiente e da cultura, sem contar a aproximação dos povos e a troca de experiências daí resultantes. No quadro abaixo constam, o ano e a localidade onde foram realizados os Congressos da AICE, bem como o eixo temático abordado em cada um deles.

I	1990	Barcelona	A cidade educadora para crianças e jovens
II	1992	Gotemburgo	A Educação permanente.
III	1993	Bolonha	O multiculturalismo: Reconhecer-se para uma nova geografia das identidades.
IV	1994	Chicago	As artes e as humanidades como agentes de troca social.

V	1996	Jerusalém	Conduzir o legado e a história para o futuro.
VI	1999	Lisboa	A cidade, espaço educativo no novo Milênio.
VII	2000	Tempere	O futuro da educação. O papel da cidade em um mundo globalizado.
VIII	2004	Gênova	Outra cidade é possível. O futuro da cidade como projeto coletivo.

O quadro acima fala por si: Barcelona, Gotemburgo, Bolonha, Chicago, Jerusalém, Lisboa, Tempere e Gênova são cidades centenárias que detém elevadíssimos índices de desenvolvimento humano e que preservam os seus respectivos patrimônios históricos e culturais.

Ao todo, oito Congressos, que produziram uma infinidade de documentos acessíveis pela internet graças à prestimosa atenção que a AICE dá ao seu banco de projetos. (Cf. <http://www.bcn.es/edcities/aice>)

A repercussão internacional desses Congressos e a riqueza das experiências trocadas atraíram centenas de educadores e administradores de todo o mundo, preocupados com o avanço da cidadania e com o desenvolvimento sócio-cultural de sua gente. Por via de consequência, houve uma significativa expansão de cidades afiliadas à AICE. Atualmente são mais de 330 cidades espalhadas por 35 países. Uma prova inequívoca de que a Educação é, reconhecidamente, uma prioridade global. Por outro lado, a amplitude multicultural da rede de Cidades Educadoras resulta em propostas e ações ao mesmo tempo distintas e enriquecedoras. Distintas, pela heterogeneidade das cidades-membro, provocada pelas suas condições histórico-geográficas, sócio-culturais e econômicas; enriquecedoras, pelas trocas de experiências, principalmente no âmbito da educação e da cultura. Enfim, o respeito pela identidade e alteridade.

No quadro abaixo encontramos a relação das Cidades Educadoras espalhadas por todo o mundo, capturadas diretamente (por isso a versão é em espanhol) do sítio www.edcities.bcn.es/aice/, no dia 26 de janeiro de 2006.

país	ciudades
Alemanha	Frankfurt am Main , Munich .
Argentina	Azul , Buenos Aires , Cañada de Gómez , Mar del Plata , Rosario , Villa Constitución .
Australia	Adelaida .
Bélgica	Amberes .
Bolivia	Santa Cruz de la Sierra .
Brasil	Alvorada , Belo Horizonte , Campo Novo do Parecis , Caxias do Sul , Cuiabá , Piracicaba , Porto Alegre , São Paulo .
Canadá	Quebec .
Chile	Concepción , Vallenar , Valparaíso .
Colombia	Armenia , Envigado , Guatapé , Manizales , Medellín , Pamplona , Valledupar .
Croacia	Osijek .
Dinamarca	Ishoj .
Ecuador	Quito .
España	A Coruña , Adeje , Albacete , Alcalá de Guadaíra , Alcalá de Henares , Alcobendas , Alcoi , Aldaia , Alella , Algete , Alzira , Amorebieta-Etxano , Aranjuez , Arbúcies , Arganda del Rey , Argentona , Avilés , Azuaga , Badalona , Banyoles , Barakaldo , Barberà del Vallès , Barcelona , Berga , Betanzos , Bilbao , Blanes , Burgos , Calella , Calvià , Cambrils , Canovelles , Carmona , Cartaya , Casasimarro , Castellar del Vallès , Castelldefels , Cerdanyola del Vallès , Ceuta , Ciutadella de Menorca , Córdoba , Coria del Río , Cornellà de Llobregat , Corvera de Asturias , Coslada , Cuenca , Donostia-San Sebastián , Écija , Ejea de los Caballeros , El Ferrol , El Prat de Llobregat , Esplugues de Llobregat , Estepona , Figueres , Fuenlabrada , Fuentes , Galapagar , Gandia , Gavà , Getafe , Gijón , Girona , Granada , Granollers , Guadalajara , Ibiza , Igualada , Iniesta , La Garriga , Las Palmas de Gran Canaria , Las Pedroñeras , Leganés , L'Hospitalet de Llobregat , Linares , Lleida , Logroño , Los Corrales de Buelna , Lucena , Lugo , Madrid , Majadahonda , Málaga , Manresa , Mataró , Melilla , Mislata , Molins de Rei , Mollet del Vallès , Montánchez , Montcada i Reixac , Móstoles , Motril , Murcia , Oviedo , Palafrugell , Palamós , Palma de Mallorca , Pamplona , Parets del Vallès , Peligros , Pinos Puente , Pinto , Pizarra , Pontevedra , Pozoblanco , Pozuelo de Alarcón , Premià de Mar , Priego , Priego de Córdoba , Puerto Real , Puertollano , Quart de Poblet , Reus , Ripollet , Rivas-Vaciamadrid , Rubí , Sabadell , Sagunt , Salamanca , Salt , San Bartolomé de Tirajana , San Fernando de Henares , San Sebastián de los Reyes , Sant Adrià de Besós , Sant Boi de Llobregat , Sant Cugat del Vallès , Sant Feliu de Guíxols , Sant Feliu de Llobregat , Sant Joan Despí , Sant Just Desvern , Sant Mateu , Sant Quirze del Vallès , Santa Coloma de Gramenet , Santa Cruz de Moya , Santa Cruz de Tenerife , Santiago de Compostela , Santurtzi , Sanxenxo , Sevilla , Sotorribas , Tarancón , Tarazona , Tarifa , Tarragona , Telde , Terrassa , Tías , Tomelloso , Torelló , Torrent , Torrijos , Tudela , Valdepeñas ,

	Valencia , Vic , Vigo , Viladecans , Viladecavalls , Vilafranca del Penedès , Vilanova i la Geltrú , Vila-Real , Villarrobledo , Vinalesa , Vitoria-Gasteiz , Zamora , Zaragoza .
Finlândia	Espoo , Helsinki , Pori , Tampere .
Francia	Brest , Lyon , Montpellier , Nantes , Perpiñán , Rennes .
Grecia	Agia Varvara .
Hungría	Budapest .
Irán	Isfahan .
Israel	Jerusalén .
Italia	Ancona , Arezzo , Belluno , Bolonía , Brescia , Casalecchio di Reno , Chieri , Collegno , Génova , La Spezia , Lodi , Lucca , Novara , Padua , Palermo , Peschiera Borromeo , Pistoia , Pomigliano d'Arco , Pordenone , Ravenna , Rivoli , Roma , Rovereto , San Mauro Torinese , Settimo Torinese , Turín , Varese , Venecia , Verbania , Vicenza .
México	Ciudad Juarez , Culiacán , León , Pachuca de Soto , Victoria , Zapopán .
Países Bajos	La Haya , Rotterdam .
Palestina	Belén .
Perú	Las Lomas , Paita .
Polonia	Katowice , Kutno .
Portugal	Almada , Barreiro , Braga , Cascais , Évora , Grândola , Lisboa , Loures , Odivelas , Oliveira de Azeméis , Oporto , Palmela , Portimao , Sacavem , Santa Maria da Feira , Sintra .
Principado de Andorra	Canillo .
República de Corea	Suncheon .
Rumanía	Miercurea Ciuc , Satu Mare .
Rwanda	Kigali .
Senegal	Dakar .
Suecia	Göteborg .
Suíza	Ginebra .
Togo	Lomé .
Uruguay	Montevideo , Paysandú .

Em relação ao número de cidades afiliadas, pelo que podemos observar no quadro acima, merecem destaque Espanha, Itália e Portugal, respectivamente. Mas, não obstante a disseminação da idéia de Cidade Educadora ser muito maior no seu próprio centro criador e nos países vizinhos, os números, nas demais partes do mundo, são animadores, e os resultados obtidos com essa experiência se revelam altamente positivos.

A difusão do conceito e a implantação dos ideais das Cidades Educadoras em pelo menos trinta e cinco países deve-se à constatação e ao enfrentamento de uma obviedade: a

família e o Estado já não dão conta de promover a educação integral do indivíduo devido as transformações intensas do mundo contemporâneo. Parece que não só as pessoas, agora também o tempo decidiu ter mais pressa e as mudanças se tornam mais rápidas, vertiginosas. Mesmo as teses defendidas com o rigor do método científico muitas vezes não se sustentam por muito tempo em razão do desenvolvimento técnico dos métodos comprobatórios bem como pela elevada capacidade crítica dos cientistas contemporâneos. Por outro lado, a complexidade das relações sociais torna-se cada vez maior. Com isso, a necessidade da educação permanente se faz sentir. Daí a Cidade Educadora, justamente porque é na cidade que as relações humanas preponderam em relação à vida rural. Tão íntima se tornou essa relação homem/cidade que Sérgio Paulo Rouanet perguntou a Walter Benjamin: “É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela.” (cf. www.usp.br/revistausp/n15/artigos5.pdf)

Ora, se é tão forte o vínculo entre humanos/cidade, cidade/humanos, nada mais natural que não somente os educadores, mas todos os cidadãos, anseiem por cidades adaptadas ao seu bem-estar. Emprestando uma metáfora à medicina poderíamos dizer que se o ser humano está umbilicalmente ligado à cidade, a cidade deve ser projetada de modo a satisfazer-lhe de maneira ergonômica.

Exagero? Mas se estamos falando em humanos/cidadãos, cabe a pergunta: qual é, afinal, o cidadão que não deseja cidades inclusivas, onde impere a solidariedade e a justiça social? Em outras palavras, quem não deseja viver em uma Cidade Educadora, após tomar conhecimento de seus objetivos?

Portanto, com ou sem exagero, é bom que tenhamos as nossas utopias à vista. Utopia não no sentido de projeto irrealizável, mas como representação de situações ideais. Arremanguemos os punhos de nossas camisas e botemos mãos à obra, pois uma cidade melhor é possível. E se essa não fosse a crença de muitos, a concepção de Cidade Educadora não teria avançado tanto.

2. Justificativas para implantação do projeto “Dourados: Cidade Educadora”

“...tudo o que acontece no mundo, seja no meu país, na minha cidade ou no meu bairro, acontece comigo. Então, eu preciso participar das decisões que interferem na minha vida”.

Betinho

2.1. Rápida visão sobre as migrações que deram à Dourados um “rosto” cosmopolita

Emancipado em 1935, o Município de Dourados sofreu ao longo dos seus 70 anos de existência uma transformação radical no que diz respeito à acomodação demográfica de sua população.

O antigo povoado que deu origem ao Município, ainda cercado pela exuberante mata de Dourados, abrigava uma numerosa população indígena, especialmente da nação Guarani, e paraguaia, que tinha por atividade principal a extração da erva-mate. Após os Guaranis e paraguaios, a região recebeu grande número de gaúchos que, especialmente a partir de 1893, migraram em razão da Revolução Farroupilha. No início do século 20, atraídos pela fertilidade de suas terras, chegaram em Dourados os japoneses que se deslocaram de São Paulo e nordestinos, que abriram fazendas especialmente para a exploração da pecuária.

Pouco depois da emancipação do município, em 28 de outubro de 1943, foi sancionada a lei federal número 5.941, criando a Colônia Agrícola Nacional de Dourados, com área de 300 mil hectares. Logo a seguir, a partir de 1948, índios, paraguaios, gaúchos, japoneses e os primeiros nordestinos fixados em Dourados assistiram à chegada de uma espetacular vaga migratória de colonos advindos principalmente do nordeste do Brasil, atraídos pela recém criada Colônia Nacional Agrícola.

No final dos anos 60 e especialmente no início da década de 1970, outra vaga migratória importante, motivada pela expansão das lavouras de soja, trouxe para Dourados gaúchos, catarinenses e paranaenses.

A cidade crescia pujante. A excelente qualidade de suas terras, o clima altamente favorável à agricultura e a conformação geográfica plana favoreceram dois importantes fenômenos que deram à região uma característica especial: o primeiro, é a possibilidade da alternância de duas safras anuais (soja e trigo e/ou soja e milho), e o segundo, foi a total mecanização agrícola.

As características da exploração agrícola, a partir dos anos 70, não fixavam necessariamente o homem no campo, portanto, não obstante as vagas migratórias serem atraídas pela força das terras férteis, a cidade é que crescia celeremente.

Nunca Dourados precisara de tantos professores, médicos, dentistas, comerciantes, mecânicos e de tantos outros profissionais, bem como de equipamentos urbanos que dessem sustentação ao seu forte desenvolvimento econômico. Assim é que paulistas, cariocas, paranaenses, catarinenses, gaúchos e profissionais de todo o país afluíam para Dourados.

Graças a essas características de sua formação histórica, Dourados é uma cidade cosmopolita, no sentido de que apresenta aspectos comuns a vários países e estados da federação. Isso se traduz em elementos culturais que dão ao Município uma riqueza ímpar. Em Dourados convivem três etnias indígenas (Guarani Kaiwá, Guarani Nhandeva e Terena), paraguaios, povos de origem árabe; especialmente sírios e libaneses; japoneses e seus descendentes, como também descendentes de povos africanos, alemães, espanhóis, italianos, poloneses, portugueses, sem contar outras nacionalidades, também aqui representadas, mas com menor expressão numérica.

Somente essa riqueza cultural e, por via de consequência, a busca de uma identidade pela alteridade, justificaria um esforço conjunto entre poderes constituídos e a sociedade organizada para se edificar em Dourados os ideais de uma Cidade Educadora. De fato, a

diversidade de povos que residem em Dourados, a pluralidade cultural, a riqueza lingüística, as manifestações artísticas que tanto nos enriquecem, precisam ser cultivadas para subsistir de tal forma que não se percam com o passar dos anos. Tarefa difícil e complexa que não pode ser deixada apenas como atribuição da escola formal, mas que, para ser bem realizada, deve ser objeto de preocupação de todo cidadão, deve ser praticada em todo espaço público. Afinal, será somente a escola formal que educa a cidade? Não, com certeza. Mas “Quem educa a cidade?” Repetimos aqui aquilo que perguntou José Saramago no VI Congresso das Cidades Educadoras, realizado em Lisboa. A resposta à pergunta de Saramago veio de um brasileiro presente em Lisboa e serve para endossar também o argumento que estamos defendendo: «A cidade educa para a cidadania, é um instrumento de cidadania», afirmou Raul Pont, àquela época prefeito do município de Porto Alegre, que realçou a possibilidade de, nesta dinâmica, «sermos ao mesmo tempo produto e produtores».

É isso, somos ao mesmo tempo produto e produtores, educandos e educadores. Ao menos é isso o que se espera de cidadãos que convivem num centro urbano e que desejam fazer deste local de vivência um local onde a cidadania se faça sentir a cada passo, que desejam viver em uma “Cidade Educadora”.

Transformar Dourados em uma Cidade Educadora não é, portanto, atermo-nos apenas aos aspectos culturais provenientes de nosso processo de formação histórica. Embora esse aspecto seja fundamental, precisamos ir além, e perguntarmos, mais uma vez junto com Saramago: “Será possível transformar as cidades em espaços de partilha e que valha a pena partilhar? Que caminhos sulcar para devolver às populações o poder sobre o seu quotidiano? Como recuperar a noção e a realidade do espaço público?”

Sim, é possível, pelo menos se tivermos como norte os ensinamentos de Paulo Freire, deixados no II Congresso da AICE, quando ele afirmou que “*La ciudad se convierte en educadora a partir de la necesidad de educar, de aprender, de imaginar... siendo educadora, la ciudad es a su vez educada. Una buena parte de su labor educadora esta*

ligada a nuestro posicionamiento político, y obviamente, a como ejercemos el poder en la ciudad, a como la utopia y el sueño que impregnan nuestra política en el servicio a aquello y aquellos a quienes servimos – la política de gasto público, la política cultural y educativa, la política de salud, transporte y ocio.” (II Congreso Internacional de Ciudades Educadora, Goteburgo, Suecia, 25-27 noviembre de 1992).

Transformar Dourados em Cidade Educadora significa acreditar que “toda cidade é fonte de educação. A cidade educa através de suas instituições educacionais tradicionais, de suas propostas culturais, mas também através de seu planejamento urbano, de suas políticas de meio ambiente, de seus meios de comunicação, de seus centros produtivos e suas empresas, etc. (Cf. www.bcn.es/edcities/aice/adjunts/ciudade-educadora-es-pdf).

A idéia de transformar Dourados em Cidade Educadora foi amplamente discutida na formulação do Plano de Governo do candidato à (re)eleição Laerte Tetila, especialmente com esclarecimentos feitos pelos professores Raquel Carvalho, Renata Lourenço Giroto e Wilson Valentim Biasotto. Após a vitória de Tetila, já no desfile de 20 de dezembro de 2004, a Secretaria de Educação do Município de Dourados ousou lançar publicamente a idéia, pois o tema do desfile comemorativo do aniversário da cidade foi: “Dourados: Cidade Educadora”.

A semente estava lançada. O Prefeito Tetila, o Secretário Antonio Leopoldo Van Suypene, a Superintendente Raquel Carvalho, a Coordenadora de Ensino Renata Lourenço Giroto, a coordenadora de cultura Lelian Pasckoalick, são alguns dentre os muitos entusiastas da idéia de transformar Dourados em Cidade Educadora que organizaram e acompanharam aquele memorável desfile com a confiança de ver um dia esse projeto realizado.

2.2. Viver melhor o presente e preparar Dourados para o futuro

“a cidade educa para a cidadania, é um instrumento de cidadania”

Raul Pont

Dourados, muito embora seja uma cidade nova, cresceu rapidamente graças ao impulso demográfico provocado pelas sucessivas vagas migratórias, acima mencionadas. O seu rápido crescimento e o caráter muitas vezes predatório da ocupação de suas terras, não trouxeram consigo danos irremediáveis ao meio ambiente e aos seus moradores. Hoje, os 180 mil habitantes de Dourados enfrentam, evidentemente, problemas comuns aos de outras cidades do mesmo porte. No entanto ela é guardiã de alguns bens naturais e culturais que implicam na certeza de um futuro promissor, bastando para tanto termos consciência de que não nos vale apenas viver bem o presente; temos que pensar também no futuro das próximas gerações.

Vejamos alguns pontos altamente favoráveis para que possamos viver bem em Dourados e, transformando-a em uma Cidade Educadora, garantir-lhe um desenvolvimento que resulte em melhor qualidade de vida para o futuro:

1. **Avenidas largas.** A visão dos pioneiros que planejaram o traçado da cidade deve servir de norte para a geração atual. Dourados apresenta inúmeras avenidas largas, garantia de boa trafegabilidade no presente e no futuro. Os amplos canteiros centrais das avenidas permitem a implementação de projetos paisagísticos que não somente dão colorido especial à cidade e alegram os seus cidadãos, como também contribuem para amenizar o clima.

2. **Calçadas amplas.** Da mesma forma que as avenidas, as calçadas são largas, garantindo ao mesmo tempo a locomoção segura de pedestres e o ajardinamento, com gramados e flores, quando não a arborização do local. Preservar esses espaços e garantir-lhes o ajardinamento é a certeza de uma cidade bonita que contribui para a alta-estima de seus habitantes.

3. **Arborização exuberante.** Dourados é uma das cidades mais arborizadas do Brasil. Conforme o ponto de visão de um cidadão que esteja preocupado em olhar o conjunto da cidade, ela mais parece uma floresta que propriamente um centro urbano. A exuberância das

árvores de Dourados, além de proporcionar uma sensação térmica mais agradável, impressiona pela admirável beleza, especialmente na época das floradas dos ipês, que em algumas avenidas se enfileiram por quilômetros de extensão.

3. **Parques ambientais.** Dissemos acima que o impacto da migração não provocou danos irreparáveis na cidade. Para o Norte temos um grande projeto de recuperação da mata ciliar do córrego Laranja Doce e a previsão da implantação gradual do Parque do mesmo nome, sendo que em alguns trechos já se vislumbra a exuberância da mata, graças a intervenção em várias áreas degradadas como as do “Parque da Usina Velha” e o Centro Desportivo do Conjunto Habitacional 3º Plano. Ao sul Dourados conta com pelo menos três fundos de vale que, da mesma forma que o Laranja Doce, oferecem a possibilidade de serem conservados e transformados em parques ambientais (Córregos Calagem, Rego D’Água e Cachoeirinha – de onde já foram removidas 400 famílias para dar lugar a um desses Parques). A Leste, no coração da Cidade, existe o Parque Arnulfo Fioravante, com 74 hectares, que inclui um grande lago. A Oeste, já proporcionando atividades de lazer, localiza-se o Parque Antenor Martins, com 33 hectares, incluindo também um outro belo lago. A Sudoeste existe um horto florestal, para onde já se voltam os olhos da administração municipal no sentido de cercá-lo e ampliá-lo.

4. **Moderno Plano Diretor.** A existência de um Plano Diretor moderno, elaborado com a participação efetiva da sociedade, garante a Dourados um futuro com qualidade de vida e preservação do meio ambiente;

5. **Na Educação, a expectativa de um futuro promissor.** O ensino infantil e fundamental de Dourados está praticamente todo municipalizado, pouco faltando para que as crianças de 0 a 6 anos tenham as suas vagas garantidas nos Centros de Educação Infantil. Em relação ao ensino Fundamental, o Município administra uma Rede com 23 mil alunos, distribuídos em 38 escolas. A Rede Pública Estadual, com 8 mil alunos, preocupa-se mais com o Ensino Médio; a Rede Particular soma em torno de 2 mil estudantes. É importante

realçar que todos os estudantes douradenses, desde a mais tenra idade, de alguma forma, mesmo que indiretamente, convivem ou sofrem algum tipo de influência do ambiente universitário da cidade, o que desperta, por via de consequência, a expectativa de ingressarem em cursos de 3º grau.

6. Pólo Universitário. Em relação ao ensino superior, a cidade de Dourados destaca-se por ser um pólo universitário. Abriga duas universidades públicas, a UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – e a UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados; duas instituições particulares, a UNIGRAN - Universidade da Grande Dourados - e o campus da UNIDERP – Universidade para o Desenvolvimento do Pantanal, e conta ainda com uma instituição confessional, o Instituto Teológico Batista.

Essas instituições oferecem nada menos que 64 cursos de graduação, dezenas de cursos de Especialização, 4 programas de mestrado e um programa de doutorado. Congregam mais de 12 mil alunos de várias partes do país, especialmente de Dourados e região.

7. Manifestações culturais. Na área cultural, refletindo a sua formação histórica, Dourados é rica pela tradição de seus migrantes como também pela criatividade resultante dessa mescla. Destacam-se, nesse sentido, várias organizações, como: Casa Paraguaia, Centro Cultural Guaraobi, Centro de Tradições Gaúchas, Centro de Tradições Nordestinas, Círculo Italiano e Clube Nipo-brasileiro.

Dentre os eventos culturais, já tradicionais em Dourados, registramos: o Japão Fest, a Festa Junina de Dourados, o Festival de Teatro Universitário de Dourados, o Encontro de Corais, o Encontro de bandas e fanfarras, o Festival Universitário da Canção, a Festa das Nações, as Noites Italiana e Alemã, a Semana Paraguaia, a Feira agro-pecuária, dentre outros.

Essa diversidade é enriquecedora. Diríamos que a identidade de Dourados está justamente na sua diversidade. Preservar essa identidade é tarefa para uma Cidade Educadora.

8. A sociedade organizada se faz ouvir em Dourados graças a atuação firme de sindicatos de trabalhadores e sindicatos patronais, associações de bairros (coordenadas pela

UDAM – União Douradense de Associação de Moradores), clubes de serviços, pelo forte movimento estudantil, pelas ONGs e associações de caráter recreativo e reivindicatório. O projeto Cidade Educadora encontrará portanto em Dourados, massa crítica em abundância para poder fortalecer-se.

9. Saúde Pública: No que diz respeito à saúde do cidadão, o Município atua de acordo com o sistema SUS. Conta com 27 Unidades Básicas de Saúde, sendo que em 16 delas funcionam Programas de Saúde Familiar, um hospital autárquico (que é um Hospital Universitário a ser incorporado pela Universidade Federal da Grande Douados), quatro hospitais conveniados, um hospital da Cassems, destinado ao atendimento do funcionalismo público estadual, e mais 2 hospitais particulares. Dourados tem nesse campo um espaço amplo para colocar em prática programas que se enquadram nos objetivos das Cidades Educadoras, especialmente, se trabalhar com saúde preventiva. Não obstante ter-se muito a fazer, alguns trabalhos dignos de nota já são efetuados no hospital autárquico acima mencionado e em algumas Unidades Básicas de Saúde que promovem a humanização no atendimento.

10. Orçamento Participativo. Tendo como parâmetro o Orçamento Participativo desenvolvido pela cidade de Porto Alegre, Dourados implantou o seu modelo a partir de 2001, o seu Projeto de Orçamento Participativo. Não é um caso ímpar, o Orçamento Participativo tem sido intensamente discutido e aplicado não somente em cidades brasileiras, mas também européias. O OP, como é conhecido, é uma forma de radicalizar a democracia, abrir ao cidadão oportunidades de participar das decisões de sua cidade, de propor soluções para os seus problemas. O projeto do Orçamento Participativo enquadra-se perfeitamente no espírito de Cidade Educadora. No caso específico de Dourados, a decisão sobre investimentos ainda é muito reduzida, uma vez que o município carrega o enorme peso de uma dívida pública acumulada ao longo dos anos e, portanto, apenas cerca de 5% do orçamento pode ser trabalhado com a participação da população. Apesar das dificuldades enfrentadas, o OP de

Dourados tem gerado oportunidades para a participação direta da comunidade na discussão de seus problemas.

11. **Economia Solidária.** Uma nova cidade é possível? Ao que tudo indica sim, pois se não se acreditasse que fosse, não teria sido tema do VIII Congresso Internacional das Cidades Educadoras realizado em Genova, em 2004: “Outra cidade é possível. O futuro da cidade como projeto coletivo”. E o tema não se constitui em uma interrogação, é uma frase afirmativa. Porém, a complementação do tema encerra uma condicionante: “o futuro da cidade como projeto coletivo”. Não se trata de um detalhe, mas de uma condicionante, como afirmamos acima. Se não houver uma participação efetiva da sociedade não há como mudar. No que concerne à população economicamente excluída, somente haverá inclusão se não seguirmos a lógica capitalista que é, por natureza, excludente. Para equacionarmos essa questão temos que inverter a lógica e trabalhar com outras alternativas, das quais a Economia Solidária tem sido altamente eficiente em várias experiências implementadas na Índia e no Brasil. Em Dourados, já passamos de duzentos empreendimentos populares coordenados pela Secretaria de Assistência Social e Economia Solidária da Prefeitura, que se constituem na Rede de Economia Solidária, que tão bem se enquadra no espírito do Projeto Cidade Educadora.

Paremos por aqui, ao menos por enquanto. As menções acima foram feitas com o objetivo de demonstrar que temos os ingredientes necessários para investir na possibilidade de nos transformarmos em uma cidade com elevado índice de desenvolvimento humano e excelente qualidade de vida. Essa perspectiva se tornará realidade se conseguirmos fazer de nossa cidade uma CIDADE EDUCADORA

3. Objetivos para transformar Dourados em Cidade Educadora

“é aquela que converte o seu espaço urbano em uma escola. Imagine uma escola sem paredes e sem teto. Nesse espaço, todos os lugares são salas de aula: rua, parque, praça, praia, rio, favela, shopping e também as escolas e as universidades.
Alicia Cabezudo, Folha de São Paulo [sinapse] 5/05/04

3.1. Objetivo Geral

Habilitar Dourados para pleitear a sua afiliação na Associação Internacional das Cidades Educadoras – AICE – cumprindo e fazendo cumprir a Carta de Princípios que as rege, bem como desenvolvendo projetos que se compatibilizem com ela.

3.2. Objetivos Específicos

1. Assumir, através da Prefeitura Municipal e da Câmara Municipal, o compromisso formal de trabalhar no sentido de implantar em Dourados os princípios das Cidades Educadoras;
2. Constituir um Comitê Intermunicipal para difundir os princípios das Cidades Educadoras e fomentar a implementação de uma rede de Cidades Educadoras no Cone Sul de Mato Grosso do sul;
3. Constituir um Comitê Local para coordenar os trabalhos de implantação dos projetos da cidade que sejam compatíveis com os princípios das Cidades Educadoras e fomentar novos projetos;
4. Organizar Comitês Setoriais que difundam e fomentem projetos educativos, culturais, sociais, recreativos, de saúde pública e de preservação do meio ambiente, visando a “edificação” de uma Cidade Educadora. (Serão motivados a constituir comitês setoriais os seguintes segmentos sociais: Clubes de Serviços, Entidades de Classe, Entidades Recreativas, Entidades Religiosas, Escolas Privadas, Escolas Públicas,

Escoteiros, Patrulha Mirim, Instituições Judiciais, Meios de Comunicação, Organizações Não Governamentais, Polícias e Guarda Municipal, Universidades).

5. Instituir um selo alusivo como marca do Projeto Cidade Educadora.
6. Emitir certificados de participação às instituições e participantes voluntários que desenvolverem projetos voltados aos objetivos das Cidades Educadoras.

4. Metodologia a ser utilizada para transformar Dourados em Cidade Educadora

“A idéia de cidade educadora implanta-se com a tomada de consciência social de que educar, sendo uma tarefa específica da escola e da família, é, antes de mais, uma responsabilidade da sociedade no seu todo e na totalidade da sua acção no espaço e no tempo”. (CARVALHO, Adalberto Dias, Jornal “A página” nº 129, dezembro/2003 in: www.apagina.pt/arquivo/)

1. A primeira iniciativa rumo à Cidade Educadora deve ser tomada pelo prefeito municipal, não somente para cumprir normas estabelecidas pela Associação Internacional das Cidades Educadoras – AICE – e endereçar-lhe o pedido formal de adesão, mas, principalmente, tomando as medidas administrativas e políticas necessárias. Nesse sentido, o primeiro passo é passar da intenção de transformar nossa cidade em Cidade Educadora, para uma AÇÃO DE GOVERNO. Sua equipe deve estar compromissada com essa ação; o secretariado deve interiorizar o desejo de contribuir no processo educativo, dentro do rol das ações que lhes dizem respeito, de tal forma como se fossem todos “Secretários de Educação”. O funcionalismo público por sua vez, professor ou não, deve exercer suas atividades imbuídos do espírito de que deve servir de exemplo, ou seja, precisa ser um cidadão educador. O prefeito deverá obter o compromisso de que todos os órgãos municipais atuarão de acordo com os princípios que norteiam as Cidades Educadoras

A eficiência do trabalho do Executivo deverá alicerçar-se em um projeto que estabeleça objetivos e estratégias para as ações a serem desenvolvidas. Uma vez que esse projeto seja assumido como uma bandeira pelo prefeito municipal, inicia-se um percurso longo antes de haver a formulação do pedido de adesão da cidade no rol das Cidades Educadoras. São passos que devem ser dados com firmeza e resolução, mas que sem dúvida, resultarão em grandes benefícios no que diz respeito ao avanço da cidadania douradense.

2. Após a iniciativa do prefeito, o passo seguinte é submeter a idéia de promover Dourados à condição de Cidade Educadora à apreciação da Câmara Municipal que, caso aprove o Projeto, deverá ser, juntamente com o Executivo Municipal, a grande propulsora da iniciativa, como veremos adiante.

3. Uma vez assumido pelo Executivo e pelo Legislativo douradense, as ações seguintes são no sentido de viabilizar a implementação do Projeto, que somente será possível se houver o respaldo de outras instituições públicas sediadas no município e, principalmente, o respaldo da sociedade organizada.

Desse modo, o Projeto deverá ser apresentado e amplamente debatido em todos os fóruns onde houver possibilidades de aplicação de seus princípios: Associações Desportivas e Recreativas, Associação dos Magistrados, Bispado da Igreja Católica, Centros de Tradições Culturais, Clubes de Serviços, Conselho de Pastores das Igrejas Evangélicas, Conselhos das Universidades sediadas em Dourados, Deputados estaduais e federais que representam o Município, Entidades Culturais, Entidades de Classe, Escolas públicas e particulares de Ensino Infantil, Fundamental e Médio, Grupos de escoteiros, Lojas Maçônicas, Ministério Público, Organismos de Comunicação (imprensa, falada e televisionada), Organizações Espíritas, Organizações Não Governamentais – ONGs, Organizações militares e policiais, outras organizações religiosas que tenham sede em Dourados, Patrulha Mirim, Sindicatos de trabalhadores, Sindicatos patronais e tantas quantas forem as entidades que se dispuserem a ouvir, debater e trabalhar para a implementação do Projeto.

4. Cada entidade deverá organizar e desenvolver projetos que estejam voltados aos princípios das Cidades Educadoras e contribuam para com o avanço da cidadania, a exemplo da preservação do meio ambiente, combate à violência e à discriminação, desenvolvimento sócio-cultural, desenvolvimento de vida saudável , etc.

5. Após a realização dos debates com todas as entidades interessadas, deverá ser promovido um encontro com seus representantes, oportunidade em que deverão ser organizados o Comitê Local e os Comitês Setoriais, bem como deverão ser definidas as funções de cada órgão.

6. Concomitantemente, serão realizadas reuniões nos municípios vizinhos com o objetivo de organizar o Comitê Intermunicipal para constituir a rede de cidades educadoras do Cone Sul do estado de Mato Grosso do Sul.

7. O Comitê intermunicipal será constituído por um membro de cada Comitê Municipal que se organizar no Cone Sul do estado e definirá em regimento as suas atividades.

4. Cronograma das Atividades a serem desenvolvidas

“Todos os espaços da cidade devem se transformar intencionalmente em espaços educativos. Queremos que o cidadão não seja apenas um consumidor, mas, sim, um sujeito ativo, que influencie seu próprio ambiente”.

Moacir Gadotti, www.educar.com.br

1. 31 de maio de 2005 – apresentação do projeto ao prefeito municipal para apreciação;
2. primeira semana de setembro de 2005 – apresentação do projeto aos secretários e diretores de órgãos municipais;
3. primeira semana de setembro de 2005 – apresentação do projeto à Câmara Municipal;

4. da segunda semana de setembro até final dezembro de 2005 – apresentação do Projeto a todas as entidades interessadas e incorporação de novos projetos propostos por cada uma das entidades já participantes;
5. de janeiro a março de 2006 – continuação da apresentação do Projeto às entidades interessadas;
6. a partir da primeira semana de março de 2006 – organização dos Comitês e desencadeamento e acompanhamento dos projetos em execução. Esse processo de constituição de comitês não tem prazo de encerramento, ficando aberta a oportunidade contínua de novas adesões;
7. A partir de então, a qualquer momento poderá ser feita a proposta de adesão de Dourados e das cidades vizinhas interessadas ao programa das Cidades Educadoras.

6. Projetos desenvolvidos em Dourados compatíveis com os de uma Cidade Educadora

Cidade Educadora:

“Una asociación en la que exista internamente solidaridad pero que sea capaz de contagiar solidaridad... Una asociación que sea horizontal, que cree un bien para la sociedad, que contage justicia. Necesitamos esa trama de asociaciones para que funcione la democracia, para que funcione la economía, y para que los seres humanos seamos felices”

Adela Cortina, www.edcities.org

O título sugere a apresentação, ou ao menos a enumeração, nesse espaço, de projetos que já estejam em desenvolvimento e que sejam compatíveis com os ideais de uma Cidade Educadora. Na verdade existem muitos, passam de uma centena, segundo levantamentos preliminares, no entanto, a divulgação desses projetos somente será possível após serem apreciados pelo Comitê Local.

Nossa sugestão é a de que ao iniciarmos a implantação do Projeto de transformação de Dourados em Cidade Educadora, sejam analisados, num primeiro bloco, os projetos desenvolvidos no âmbito institucional, a começar pelos coordenados pela Prefeitura

Municipal de Dourados, e em seguida, respectivamente, os projetos desenvolvidos por instituições públicas estaduais e municipais e os desenvolvidos pela sociedade organizada.

Toda cidade tem os seus projetos educativos, Dourados não seria diferente; possui um grande elenco relacionado à Educação, Saúde, Cultura, Meio Ambiente, Trânsito, enfim, são muitos os projetos que dizem respeito à edificação de Nossa Cidade Educadora. O cadastramento desses projetos é imprescindível. Por razões óbvias, deve-se começar a partir da Secretaria Municipal de Educação, e depois, ampliar para outras secretarias que tenham vocação ou maior necessidade de atuar de modo educativo, como as secretarias de Saúde, Meio-Ambiente, Cultura, Serviços Urbanos, e assim por diante. A idéia é proceder como uma bola de neve, avolumando-se com a agregação dos projetos. Da mesma forma que nos órgãos públicos, a Sociedade Organizada de Dourados desenvolve um grande número de projetos que podem perfeitamente ser agregados ao Projeto Cidade Educadora, e com certeza o serão assim que as entidades conhecerem os objetivos da AICE e perceberem que isoladamente, cada projeto pode parecer menor do que realmente é. Se somarmos as realizações isoladas, a obra se torna mais visível e, por via de consequência, atrai maior número de colaboradores. Só para ficarmos em um exemplo, tomemos a questão da alfabetização de adultos: vários órgãos públicos, universidades, muitas entidades de classe e religiosas trabalham essa questão. Discutindo-se essas iniciativas no Comitê da Cidade Educadora, somando-se esforços, poderemos dar maior consistência ao trabalho e planejarmos o fim do analfabetismo dentro de pouco tempo em nossa Cidade Educadora.

TERCEIRA PARTE:

CAPÍTULO II

3.2. OPERACIONALIZAÇÃO DO PROJETO

3.2.1. As primeiras atitudes concretas para iniciar a execução do Projeto

Ação do prefeito municipal

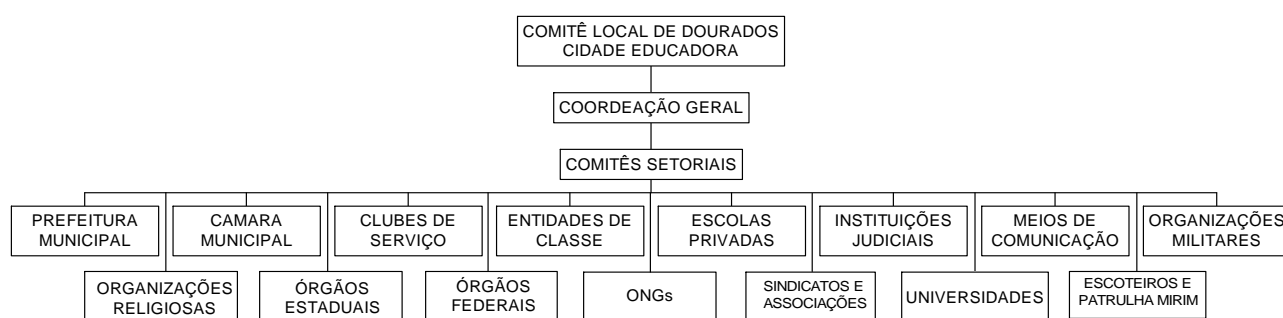
Acima, quando apresentamos o organograma de atividades, dissemos que competem ao prefeito municipal as primeiras iniciativas para a implementação da idéia de Cidade Educadora. Em relação à operacionalização dos trabalhos, da mesma forma, as primeiras ações devem partir do prefeito. E embora seja muito importante, por exemplo, que ele apresente o projeto ao secretariado, que mencione em seus pronunciamentos sua intenção de transformar Dourados em Cidade Educadora, é necessário algo mais, ou seja, são necessários

atos formais que garantam a institucionalização do projeto de modo que a sua operacionalização seja viabilizada como ação de governo.

Nesse sentido, o prefeito deve estabelecer, em decreto, o responsável pela condução do processo de implantação do Projeto, o membro de seu governo que estará à frente do Comitê Local. Em muitas Cidades Educadoras o Secretário de Educação é o responsável, mas isso não é regra geral, embora a Secretaria de Educação tenha papel essencial, indispensável em todo processo. Tão logo o coordenador organize o Comitê Local das Cidades Educadoras, compete ao prefeito, em ato apropriado para tal, designar os membros do Comitê e tornar pública essa iniciativa. Mais que dar publicidade, cabe ao prefeito determinar que as Secretarias, especialmente as que estejam diretamente ligadas aos temas escolhidos como eixos da Cidade Educadora, envolvam-se institucionalmente com o Projeto e instituem os seus Comitês Setoriais.

Isso tudo significa dizer que o prefeito, na verdade, deve envolver todo o Executivo na consecução do objetivo traçado de transformar a sua cidade em Cidade Educadora.

Abaixo, o organograma de como pode ser constituído o Comitê Local da Cidade Educadora.



Ação da Câmara Municipal

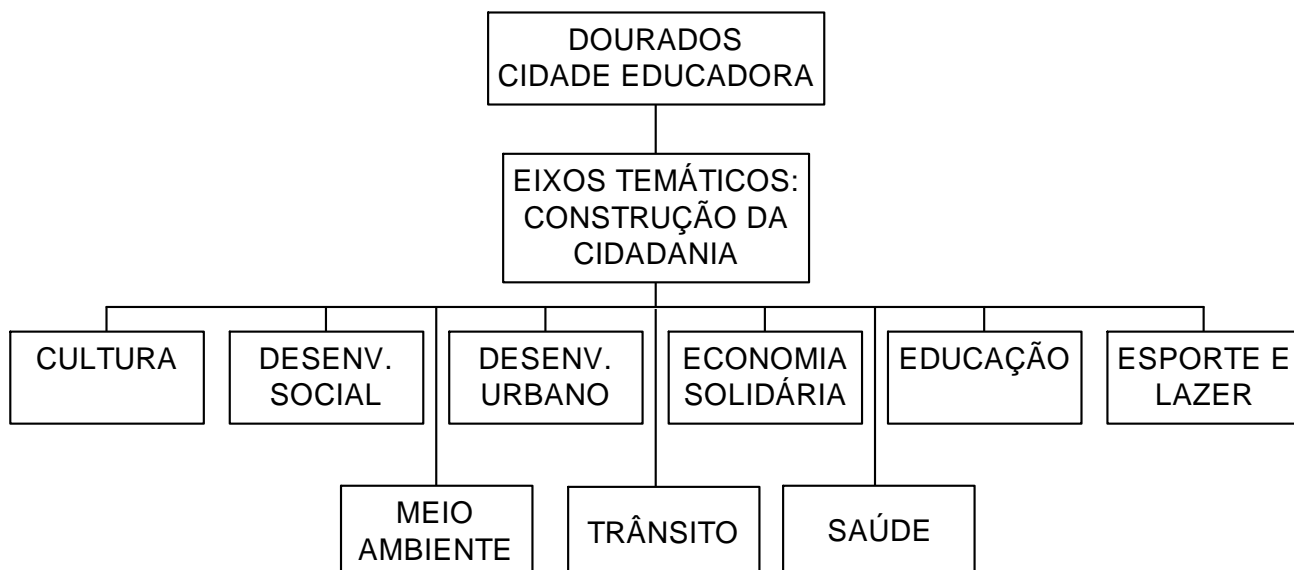
Os trabalhos da Câmara em relação ao Projeto Cidade Educadora podem não ser tão abrangentes quanto ao desenvolvido pelo Executivo, no entanto, não são menos importantes.

À Câmara compete, em um primeiro momento, indicar ao Executivo e à Sociedade Organizada a sua disposição em apoiar iniciativas que forem tomadas em relação à transformação da cidade em Cidade Educadora e dar a anuência à sua afiliação junto a Associação Internacional das Cidades Educadoras (AICE). Além dessas iniciativas, é importante que a Câmara envide os melhores esforços no sentido de elaborar e aprovar leis condizentes com e propulsoras de uma Cidade Educadora. O encaminhamento freqüente de indicações ao Executivo e o prestígio que empreste às iniciativas da sociedade serão sempre altamente positivas para o êxito do Projeto.

A visibilidade de uma Câmara Municipal é muito grande, daí a importância em ser uma verdadeira vitrine do Projeto. Além dessa visibilidade da Câmara, temos que levar em conta que os vereadores, individualmente, vivem em contato permanente com a população, logo, tanto no particular como no contexto geral, a atuação da Câmara é indispensável para o Projeto Cidade Educadora.

Por fim, em relação à Câmara, não devemos nos esquecer: os vereadores também são chamados de parlamentares, expressão latina que traduz uma de suas atividades mais importantes, a de falar (parlamentare - parlare). Falar ao povo sobre os princípios e objetivos de uma Cidade Educadora pode ser bastante favorável à disseminação da idéia.

Atenta ao quadro abaixo, no qual apresentamos os eixos temáticos inicialmente estabelecidos como prioritários para a Nossa Cidade Educadora, construído com a participação das Secretarias Municipal de Educação (Diretores e Coordenadores das escolas de ensino fundamental), de Saúde, de Assistência Social e Economia Solidária e Instituto Municipal do Meio Ambiente, a Câmara Municipal poderá usufruir de rico filão para elaborar leis e encaminhar soluções para problemas.



As palestras para a divulgação do Projeto Cidade Educadora

Já em operacionalização pelo Executivo e tacitamente aprovado pelo Legislativo, o Projeto passou a ser mostrado e debatido com a Sociedade Organizada. Dezenas de palestras foram realizadas em Associações, Clubes de Serviços, Conselhos, Entidades de Classe, Meios de Comunicação, Organizações Militares e Policiais, Órgãos Públicos, Organizações Religiosas, Sindicatos, Universidades, enfim, procuramos disseminar a idéia entre todos os segmentos sociais.

Nessas palestras focamos principalmente a origem do movimento Cidades Educadoras e os seus princípios, o funcionamento da Associação Internacional das Cidades Educadoras e o projeto desenvolvido especialmente para Dourados. Como motivação, durante a apresentação foram projetadas fotos alusivas às ações executadas por Cidades Educadoras brasileiras. Imagens de Dourados também foram projetadas objetivando demonstrar que a formação histórica, a configuração geográfica, as condições culturais, sócio-econômicas e ambientais da cidade são condizentes com o Projeto, e que, portanto, não partimos de tabula rasa, e sim de um legado nada desprezível, que enseja a certeza de uma vida ainda melhor no presente e a construção de um futuro promissor.

Muitas foram as sementes lançadas em terreno fértil, no entanto, as plantas ao germinar são tenras, suscetíveis a toda ordem de dificuldades. Por isso, a operacionalização do Projeto foi cuidadosamente planejada e (re)planejada.

Não se pode esperar uma adesão imediata, geral e irrestrita. Algumas pessoas ou grupos insistirão, por exemplo, em manter práticas condenáveis ao meio ambiente. A edificação de uma Cidade Educadora é um processo educativo, portanto, o resultado nem sempre é imediato.

Aproveitando o fato de termos nos referimos a sementes, dois parágrafos acima, desejamos utilizarmo-nos do exemplo da formação de uma horta doméstica. Semeamos vários canteiros de uma horta com almeirão, alface, rúcula e salsinha. Após 20 dias do plantio, os três primeiros canteiros faziam gosto, enquanto o da salsinha estava completamente pelado e só não fora tomado pelas ervas daninhas graças a nossa atenção. Em torno dos 30 dias após o plantio estávamos já dispostos a lançar outras sementes no canteiro quando, de repente, para a nossa surpresa, as sementes eclodiram simultaneamente.

Assim deverá ser com Nossa Cidade Educadora: um projeto de recuperação de nascente aqui, um grupo de canto coral acolá, uma ação de reciclagem somada a uma porção de coleta seletiva e assim, vamos construindo uma nova realidade, promovendo uma revolução silenciosa.

Muitos plantam eucaliptos e pinos, poucos são os plantadores de aroeiras.

A organização dos Comitês Setoriais Municipais na operacionalização do Projeto

Destacamos acima, como ação concreta para a edificação da Cidade Educadora, a participação efetiva do prefeito municipal. Pode parecer paradoxal que realcemos a atitude pessoal do prefeito quando o que deve imperar em uma Cidade Educadora é a valorização do

coletivo, das ações voltadas para o desenvolvimento da cidadania. Cabe portanto uma explicação: em um país presidencialista, a ação do chefe de governo, tanto no âmbito federal, como no estadual e municipal é imperativa, dada a composição heterogênea dos quadros de governo. Dificilmente o poder em um município encontra-se nas mãos de um único partido e, mesmo onde esse fenômeno acontece, sempre há tendências diferentes que muitas vezes defendem interesses conflitantes, por isso, a unificação do discurso em torno de um determinado projeto nem sempre se faz em relação à postura ideológica ou política dos dirigentes de primeiro escalão, mas a partir da ação firme do prefeito em estabelecer prioridades nas ações do governo.

Para esclarecer melhor, para que não parem mal entendidos, longe de defender uma postura autoritária, o que estamos querendo dizer é que o prefeito deve demonstrar muita vontade política para atingir o objetivo de transformar a sua cidade em Cidade Educadora. Em parte, isso se explica pelo fato de não existir uma Secretaria específica para esse fim, nem poderia haver, uma vez que o Projeto perpassa por toda parte. Nesse sentido, quanto mais democrática tenha sido a forma utilizada para dar prioridade ao projeto, menor será o esforço do prefeito para o trabalho de convencimento das equipes, aliás, se uma equipe discute prioridades, incentiva a ação transversal na execução de projetos, tem espírito público para a cooperação, tudo flui melhor.

De qualquer forma, no caso de Dourados, o que pudemos constatar é que a implantação do Projeto começou a deslanchar na medida em que o prefeito adotou um discurso mais incisivo e medidas práticas para a sua consecução. Com isso, o apoio prestado pelas Secretarias passou a ser maior e os resultados apareceram na prática com a organização dos Comitês Setoriais em órgãos cuja atuação correspondem aos eixos temáticos programados no Projeto Cidade Educadora. Dessa forma, o envolvimento desde a primeira hora, das Secretarias de Educação, Saúde, Planejamento, Serviços Urbanos, Assistência Social e

Economia Solidária e do Instituto de Meio Ambiente foram decisivos para a implementação do Projeto.

A atuação da Secretaria Municipal de Educação e das Escolas Municipais

Permita-nos o leitor uma consideração mais geral em relação à participação das escolas do Município (municipais, estaduais e particulares) no Projeto Cidade Educadora, antes que detalhemos a organização da Secretaria Municipal de Educação. Mesmo porque não apresentaremos nesse trabalho os organogramas referentes à organização das escolas públicas estaduais e particulares.

Ação das escolas do Município: Não é demasiado lembrar que se uma cidade deseja transformar-se em uma Cidade Educadora ela deve ter escolas que ofereçam ensino de qualidade. Isso é ponto basilar, portanto, todos devem estar atentos em relação à qualidade do ensino que é oferecido tanto na rede pública como na particular, a começar pela Educação Infantil. Professores, pais, sociedade organizada e os próprios alunos devem preocupar-se com esse quesito, no entanto, as Secretarias de Educação, tanto municipal como estadual, devem exercer papel estimulador, além da fiscalização normal, para que o ato de aprender seja prazeroso. As escolas têm o dever de esforçar-se no sentido de fazer com que todos os que passem pelos seus bancos, sejam crianças, jovens ou adultos, tornem-se amantes da paz, da democracia, da liberdade, da justiça, da igualdade, da fraternidade, enfim, é obrigação da escola formar cidadãos.

Não obstante as suas atribuições peculiares, a riqueza de uma escola para contribuir com a implantação dos princípios de uma Cidade Educadora é enorme. Para começar, a existência de uma escola depende de uma localização. Transformar esse local e suas adjacências em espaço educativo é uma primeira preocupação. Para tanto, é necessário

envolver alunos, pais e todos os trabalhadores em Educação dessa escola. Pode-se fazer maravilhas com um pouco de criatividade e muita vontade política. Não faltam espaços e nem eixos temáticos para a atuação da comunidade escolar.

Sem esquecer-se do todo, se uma escola estiver próxima de um parque, pode priorizar o meio-ambiente; perto de uma praça, valorizar o espaço com atividades artísticas e culturais; localizando-se em frente a uma ampla avenida pode trabalhar questões ligadas ao trânsito ou paisagismo; se estiver na zona rural pode lidar com temas relativos à preservação ambiental, reciclagem de embalagens e cuidados com agrotóxicos; em uma favela pode trabalhar de forma especial a inclusão social e digital. Onde quer que se localize, a escola encontrará sempre, incontestavelmente, maneiras de atuar além de seus muros. Em uma Cidade Educadora somos todos educandos e educadores, mas às vezes passa-nos despercebido que os filhos também educam os pais. Quantos bons projetos podem ser levados para casa? O tabagismo pode ser atacado, novos hábitos alimentares implementados, cuidados com a saúde podem entrar em pauta, a humanização do trânsito deve ser preocupação constante, ações em relação à coleta seletiva de lixo e tantos outros.

E que dizer do estímulo que a escola pode oferecer para o artístico-cultural de sua comunidade? A organização de grupos teatrais, grupos de canto coral, a realização de palestras, a recuperação das cantigas de roda, das histórias antigas, dos causos. Paremos por aí. Deixemos que cada escola pense sobre as suas possibilidades e voltemos para a atuação da Secretaria Municipal de Educação.

O Comitê da Secretaria Municipal de Educação como paradigma dos demais

Ter nas ações da Secretaria de Educação do Município um paradigma para a edificação da Cidade Educadora é ação estratégica. Não é verdadeiro que o exemplo deva partir de casa? Como se poderia conceber uma Cidade Educadora sem o envolvimento dos

organismos responsáveis pela educação e sem que as escolas do município se preocupassem em oferecer ensino com qualidade? Além dessas questões, temos a considerar que não é nada desprezível o número de indivíduos que o Projeto Cidade Educadora pode atingir via Rede Municipal de Ensino. São mais de 25 mil alunos distribuídos em 38 escolas de Ensino Fundamental e 27 Centros de Educação Infantil.

Dando respostas às perguntas acima e levando em consideração os expressivos números apresentados, desencadeamos o processo com os diretores de escolas, obedecendo a um plano de ação que constou de uma palestra motivadora (05 de outubro de 2005), uma reunião de planejamento para a escolha dos eixos temáticos (01 de novembro, com continuidade entre 22 e 24 de novembro de 2005) e finalmente, reuniões com os Comitês de Escolas de cada pólo educacional, para a discussão dos projetos educativos já em fase de desenvolvimento e sua catalogação (15 e 16 de fevereiro de 2006).

Palestra motivadora: A palestra motivadora, embora não seja uma repetição, seguiu as linhas gerais das demais palestras proferidas sobre o tema, conforme foi visto acima. Claro que ao se falar sobre Cidades Educadoras com especialistas o enfoque em aspectos técnicos é inevitável. Na verdade, os olhares que são diferenciados, os ouvidos dos educadores ficam mais atentos para temas que lhe são pertinentes, da mesma forma que os trabalhadores da saúde voltam a atenção para a sua área. Comerciantes e comerciários, estudantes e quaisquer outras categorias não são diferentes, e todos esses olhares diferenciados, ao contrário de empobrecerem o projeto, enriquecem-no.

Mas estamos a fugir do assunto. Após a palestra motivadora organizamos o planejamento das ações. Vejamos.

O Planejamento: Desnecessário dizer sobre a importância da participação efetiva das pessoas que devem se envolver de alguma forma com o Projeto de transformar a sua cidade em

Cidade Educadora. Sabemos que sem envolvimento a participação seria meramente burocrática, tornar-se-ia um peso, uma obrigação a ser cumprida. Por isso o planejamento, para as pessoas discutirem, levantarem os problemas, apontarem ações buscando soluções. Participando, as pessoas compromissam-se com o Projeto, incorporam-no, interiorizam-no, passando a atuar com o espírito que deve vigorar em uma Cidade Educadora, de que todos somos ao mesmo tempo educandos e educadores. Essa foi a tônica dada no Planejamento realizado a partir de 01 de novembro de 2005, de onde foi tirado o Eixo Temático a ser observado. (Cf. o quadro logo acima).

As reuniões com os pólos educacionais: Mesmo com grande motivação e participação efetiva, em um Projeto de tamanha envergadura é necessário que muitos outros aspectos sejam observados. Nas reuniões realizadas nos pólos educacionais tínhamos três objetivos principais: 1) Avaliar se os diretores das escolas haviam assimilado o Projeto; 2) Por via de consequência, verificar o grau de adesão ao Projeto, ou seja, se os diretores haviam de alguma maneira motivado professores, funcionários e pais de alunos das escolas; 3) Reiterar os objetivos do Projeto de modo a atingir os novos participantes e, finalmente, consolidar conceitos em relação aos que já estavam de alguma forma envolvidos.

As visitas aos pólos: Os primeiros envolvidos no Projeto Cidade Educadora devem conjugar sempre e com extrema convicção o verbo perseverar. Imbuídos desse princípio, realizamos, entre 15 e 16 de fevereiro de 2006, visitas a todos os pólos educacionais, onde foram realizadas reuniões com os Comitês Setoriais.

Dada a abrangência, o elevado número de escolas, professores e alunos que a rede municipal administra, mas também com a intenção clara, sem subterfúgios, de demonstrar que está levando à sério a sua participação, e que deseja o envolvimento de todas as escolas no Projeto “Dourados: Cidade Educadora”, a Secretaria Municipal de Educação fez questão de

levar todo o seu Comitê para essas reuniões. Fizeram-se presentes representantes das Coordenações de Educação Infantil, Fundamental, Inclusiva, Indígena e do Campo; representantes do MOVA e EJA; da Comissão de Eventos e do Centro de Valorização Profissional.

Causar uma boa impressão, demonstrar disposição, dar exemplo, são fatores fundamentais para o sucesso do Projeto e as respostas são imediatas. Os membros dos Comitês relatam experiências, sugerem propostas, cria-se uma empatia saudável, com espírito de Cidade Educadora.

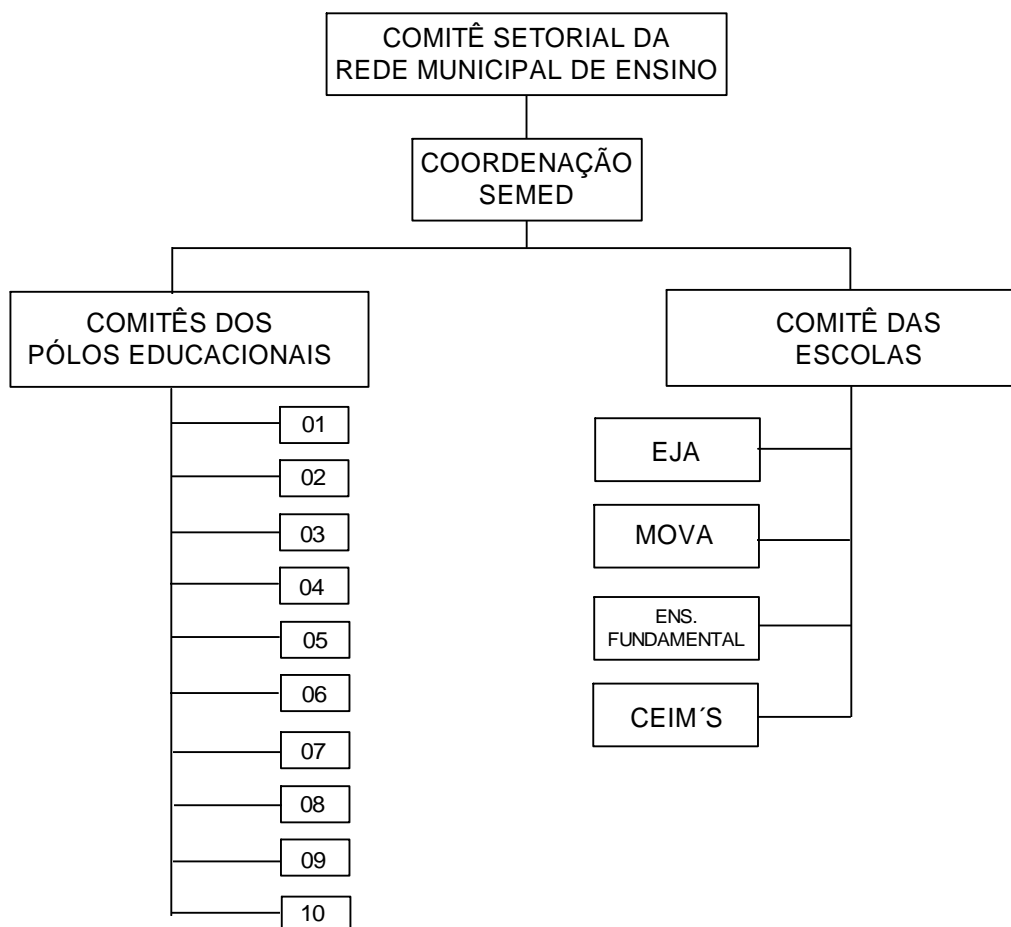
Nessas reuniões estabelecemos para o dia 10 de março de 2006 o prazo para a entrega dos projetos educativos que serão desenvolvidos no transcorrer desse ano. Os objetivos que nos levaram a essa decisão foram: 1) Organizar um cadastro dos projetos; 2) Fazer com que as várias escolas de um determinado pólo pudessem se inteirar dos projetos que as escolas circunvizinhas desenvolvem; 3) Na medida do possível, integrar projetos de várias escolas de um mesmo pólo, que tenham objetivos semelhantes; 4) Levar os projetos ao conhecimento do Comitê Local, objetivando dar-lhes maior visibilidade e sustentação; 5) Socializar os projetos de diversas maneiras, seja promovendo a visita de estudantes de uma escola à outra, seja estabelecendo uma comunicação por carta ou pela internet, ou mesmo ampliando para o âmbito local, e até regional, idéias que estejam confinadas no interior de uma única escola.

Mas, enfim, após todos esses trabalhos, foi possível estabelecer os organogramas abaixo, que devem servir de paradigma para a organização dos demais organogramas, tanto os das redes estadual e particular de ensino como das outras entidades que compõe a complexa rede de Cidades Educadoras.

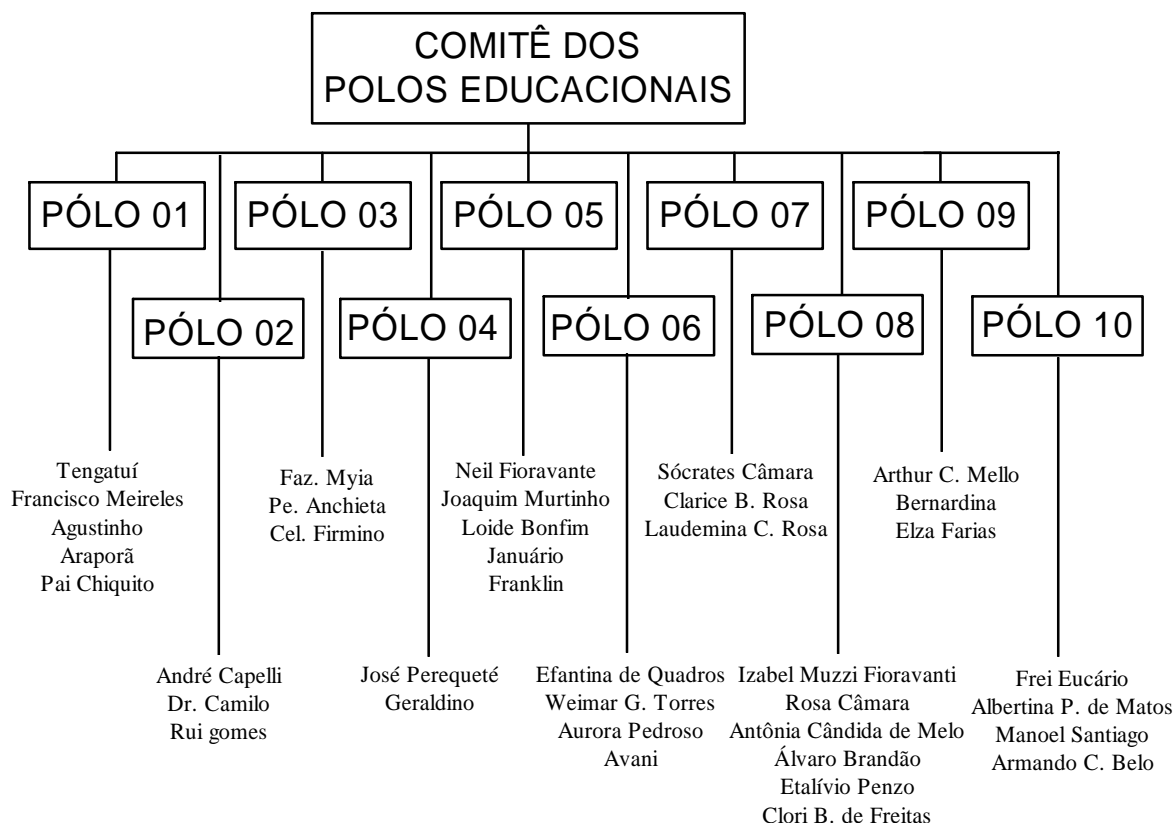
No primeiro organograma temos a organização do Comitê Setorial da Rede Municipal de Educação, coordenado pela Secretaria Municipal de Educação. Como temos enfatizado repetidas vezes, a rede de ensino municipal de Dourados é muito grande em proporção aos habitantes do Município, por isso, como já mencionamos, a Secretaria estabeleceu um *petit*

comité composto por uma coordenação e representantes das Coordenações de Educação Infantil, Educação Fundamental, Educação Especial, Educação Indígena, Educação do Campo, EJA, MOVA, Coordenadoria de Eventos e do Centro de Valorização Profissional. Dessa maneira, o envolvimento da Secretaria de Educação é abrangente, sincronizado e possui elevado grau de autonomia para desenvolver ações que contribuam para a edificação da Nossa Cidade Educadora.

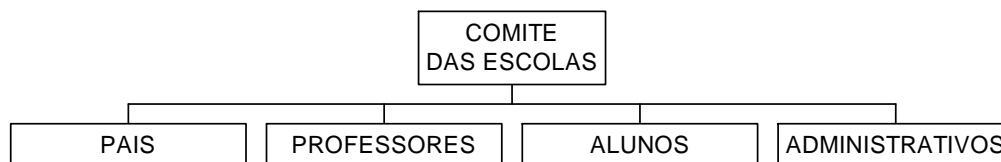
À direita do organograma temos a visão de como se formarão os Comitês Setoriais por escolas e à esquerda, como se formarão os Comitês Setoriais por Pólos Educacionais, cabendo aqui um esclarecimento: a opção por se constituir Comitês nos Pólos Educacionais facilitará a ação conjunta das escolas de um mesmo pólo quando um determinado projeto requeira esse tipo de ação.



Logo abaixo temos a visão de como se compõe os Pólos Educacionais. É interessante salientar que nas primeiras reuniões que realizamos com os Pólos, muitos integrantes dos Comitês demonstraram satisfação em saber que poderiam atuar em conjunto praticamente em todos os temas que haviam sido escolhidos na reunião de planejamento, onde se estabeleceu o eixo temático para o Projeto "Dourados Cidade Educadora".



No que diz respeito à Escola, foi estabelecido que os Comitês seriam constituídos com a participação de pais, professores, alunos e pessoal do corpo administrativo. Dessa forma, a Rede do Comitê se expande quantitativamente, ganha em representatividade, radicaliza a democracia participativa.



Os comitês da Saúde, Meio Ambiente, Trânsito, Assistência Social e Economia Solidária e da Cultura, Esporte e Lazer.

Os Comitês da Saúde, Meio Ambiente, Trânsito, Assistência Social e Economia Solidária e da Cultura, Esporte e Lazer foram estruturados nos mesmos moldes e seguindo os mesmos passos do da Educação, respeitando-se, evidentemente, a dimensão e as particularidades de cada órgão. Falemos pois apenas de algumas particularidades.

Particularidades do Comitê da Saúde: Iniciemos respondendo a uma pergunta que tem sido comum em todos os encontros onde discutimos a Cidade Educadora e que não deixou de ser feita também na reunião com os coordenadores de projetos na Secretaria de Saúde: “o Projeto Cidade Educadora dispõe de verbas para operacionalizar as suas ações?”.

Não. Ao menos nessa fase inicial, não existe nenhuma dotação orçamentária para a operacionalização do Projeto. Mas, aproveitemos o ensejo para discutirmos um pouco essa questão:

1. Sendo um projeto transversal, é possível que cada órgão envolvido possa disponibilizar recursos para ações educativas que se insiram no Projeto Cidade Educadora;
2. A existência de um Comitê Local que aprecia todos os projetos educativos da Cidade não deixará de envidar esforços no sentido de apoiar, inclusive realizando ações para a captação de recursos;
3. Muitas vezes, não se trata de injetar recursos novos para os órgãos envolvidos no Projeto Cidade Educadora, mas, através de ação educativa, abrir a possibilidade de cortar gastos em certos setores para produzir investimentos em outros. No caso específico da Saúde, tomemos

apenas dois exemplos. Um acidente envolvendo moto custa aos cofres públicos, em média, 8 mil reais. Como os acidentes de trânsito em Dourados envolvem especialmente motos, uma ação educativa firme e permanente poderá reverter esse quadro e o dinheiro gasto se transformar em investimento em saúde preventiva. O outro exemplo são os acidentes cardiovasculares. Seria interessante, embora difícil, uma avaliação do quanto se poderia reverter os custos com esses acidentes em investimentos para a sua prevenção. Ou seja, quais os benefícios, inclusive financeiros, de se inverter a lógica de medicina curativa em medicina preventiva?

Essa discussão em relação à Saúde deve estender-se a todos os órgãos públicos e quaisquer segmentos sociais. Façamo-nos algumas perguntas, mesmo sem a pretensão de buscarmos respostas objetivas:

Quanto dinheiro os países economizariam por ano se além da preocupação com a reciclagem do papel, não houvesse desperdício? Quantas árvores seriam poupadas?

Quanta economia seria feita aos cofres públicos e particulares se uma lâmpada deixasse de ser acessa desnecessariamente em cada repartição, em cada residência?

Qual o barateamento que se poderia conseguir na desobstrução das galerias de águas pluviais se tanto entulho não fosse jogado ao léu?

Quanto dinheiro e quanta água poderiam ser poupados numa simples operação de lavagem de calçada?

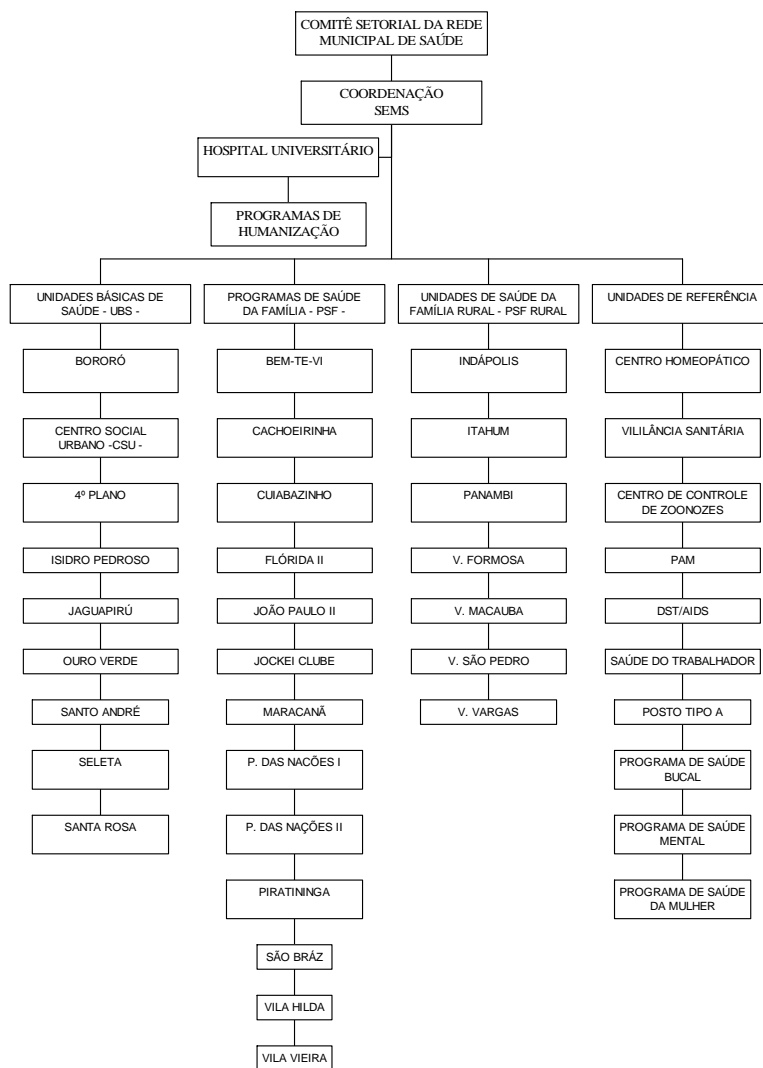
E o sabão, detergente, cremes dentifrícios que poderiam ser poupados? Os cofres e o meio ambiente agradeceriam, com certeza.

Enfim, sem avareza, mas com a preocupação de um novo porvir, cada cidadão pode ir fazendo a sua listagem e verificará o quanto lucrará com uma Cidade Educadora.

São muitas as ações desenvolvidas pela Secretaria de Saúde que se compatibilizam com o Projeto Cidade Educadora, mas fiquemos apenas com duas outras particularidades entusiásticas. A existência de Conselhos Gestores em funcionamento em todas as Unidades

Básicas de Saúde e o Programa de Acolhimento e Humanização do Hospital Universitário de Dourados, autarquia municipal que deverá ser incorporada pela Universidade Federal da Grande Dourados nos próximos três anos.

Abaixo um organograma que mostra a organização do Comitê Setorial da Secretaria de Saúde do Município.

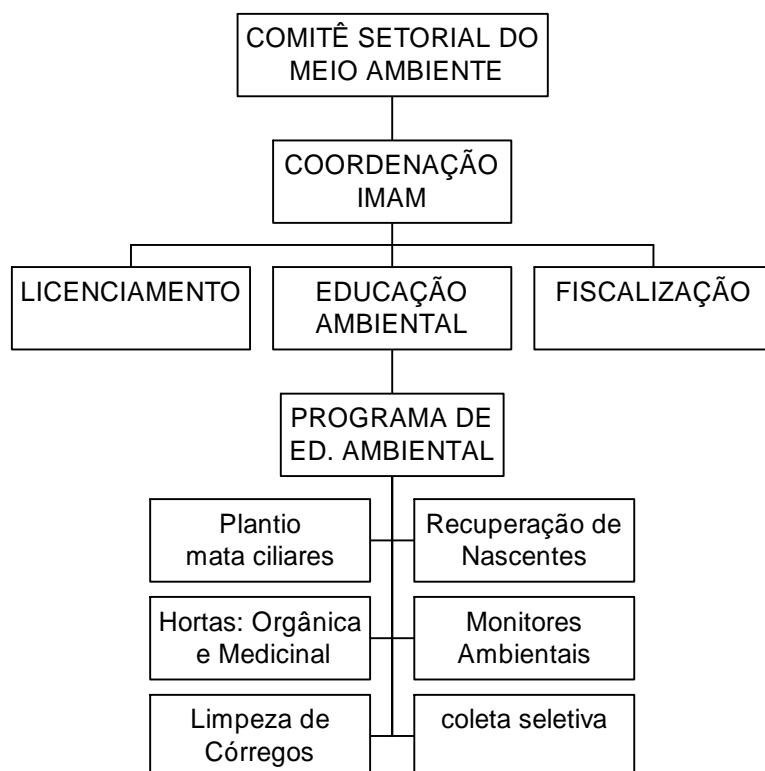


Particularidades no Comitê do Meio ambiente: Vigora ainda, embora já enfraquecida, a idéia de que uma cidade, para ser boa de se viver, tem que ter fábricas e ser grande. Não cabe nesse espaço uma discussão mais aprofundada sobre a importância das fábricas para o desenvolvimento urbano, no entanto, é preciso que a cidade não abra mão da qualidade de

vida em troca de uma indústria poluente. Nesse sentido, o Comitê organizado a partir do Instituto de Meio Ambiente, IMAM – tem uma função estratégica e um compromisso muito forte em relação ao desenvolvimento harmonioso da cidade, tanto em relação ao papel fiscalizador como ao papel educativo que deve exercer.

Mas, as atividades desse Comitê não param por aí. O trabalho educativo que vem sendo desenvolvido em pelo menos seis escolas municipais deve ser ampliado consideravelmente na medida em que for se estabelecendo uma linha de atuação transversal para os projetos cadastrados pelo Comitê Local das Cidades Educadoras. E, o que é auspicioso, não se trata de um Comitê que irá simplesmente impor tarefas, mas cujos trabalhos deverão ir ao encontro dos anseios manifestados por uma sociedade com mentalidade nova em relação ao meio ambiente. Nossa afirmação alicerça-se no resultado das visitas às Escolas Municipais; a grande maioria das escolas desenvolve algum projeto no sentido de melhorar as condições ambientais. Portanto, esse Comitê Setorial do Meio Ambiente tem um amplo caminho pela frente, com muitos obstáculos ainda, é verdade, mas bem menores que em tempos recentes.

Abaixo organograma do Comitê Setorial do Meio Ambiente:



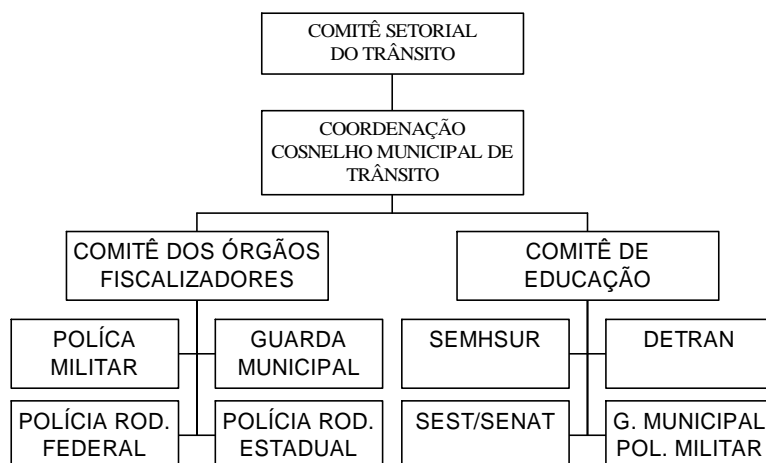
Particularidades do Comitê de Trânsito: Se o meio ambiente é uma preocupação da maioria, o trânsito é uma preocupação comum. Não houve uma única escola que não manifestasse algum tipo de projeto ou intenção de trabalhar questões ligadas ao trânsito. E não se trata de uma questão que diga respeito apenas à cidade. Escolas rurais e indígenas demonstraram tanto interesse pelo trânsito quanto as da zona urbana. Nesse caso temos, portanto, um ponto de confluência, não único, mas de importância significativa. Ações educativas interessam à Superintendência de Trânsito porque é uma questão que lhe está diretamente afeta; interessam às escolas porque pais e professores desejam as suas crianças indo e vindo sem percalços; interessam à Saúde Pública que, como dizemos, poderá transformar em investimento o que gasta com acidentes; interessam às organizações policiais pois poderão dedicar-se mais efetivamente a outras atividades relacionadas à Segurança Pública. Interessam, enfim, a toda sociedade, que de vítima, poderá ser beneficiária de um sistema de trânsito humanizado.

Em razão dessa convergência de interesses, o Comitê Local das Cidades Educadoras catalisará as ações sobre trânsito envolvendo toda a comunidade, de modo que os benefícios sejam rapidamente sentidos.

As ações para humanização do trânsito devem ser rápidas, precisas, contagiantes e envolventes. Nesse sentido, qualquer campanha deve ser precedida de um planejamento estratégico em que cada instituição possa contribuir de alguma forma. Os órgãos ligados ao trânsito entram com a parte técnica, órgãos de imprensa com campanhas educativas, organizações religiosas com o peso da palavra de seus pregadores, escolas públicas e particulares de todos os níveis de ensino, com a força de seus professores e alunos, entidades de classe, clubes de serviços e sindicatos com o vigor de suas ações. Enfim, as organizações policiais devem participar com campanhas educativas, mas, em último caso, se for extremamente necessário, não poderão descartar o uso da força de seus talões de multa.

Nosso trânsito, embora não seja dos piores em relação a cidades do mesmo porte, pode melhorar consideravelmente com as ações de uma Cidade Educadora. Os reflexos desse espírito educativo já se fazem sentir inclusive com atitudes de ordem prática, a exemplo de uma grande empresa que colocou à disposição do prefeito, cinquenta funcionários para trabalharem em campanhas de trânsito. São frutos que já se colhe, mas a seara é grande e trabalhosa.

Abaixo um organograma de como poderá funcionar o Comitê Setorial do Trânsito:



Particularidades do Comitê de Assistência Social e Economia Solidária

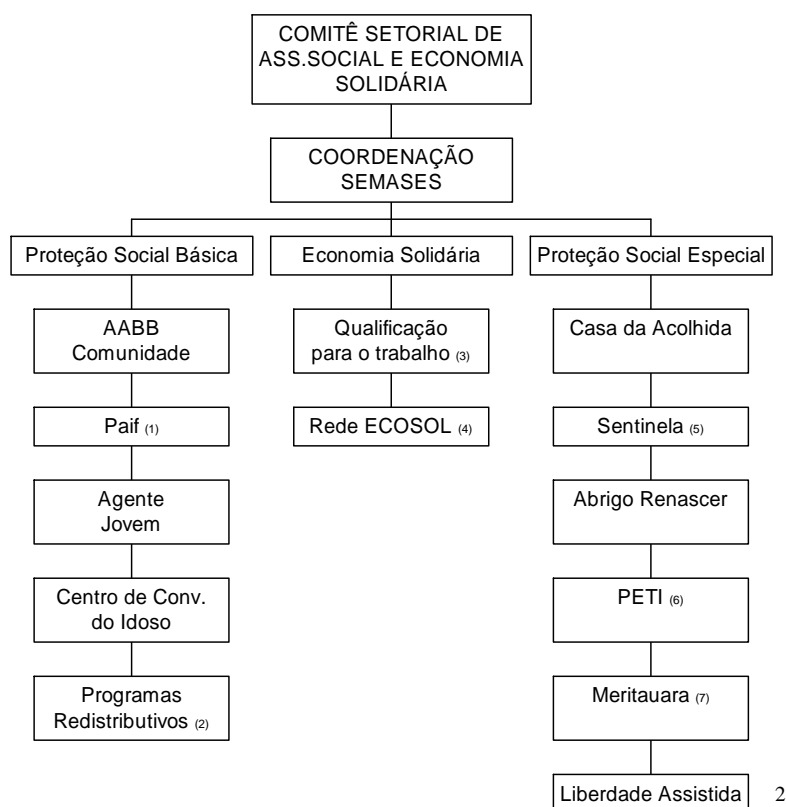
É bem provável que ainda se confunda assistência social com assistencialismo, ou seja, que se dê às duas atividades o mesmo significado. Por isso fazemos questão de observar, mesmo que de maneira superficial, que em sua concepção contemporânea, a Assistência Social deve ser entendida como os trabalhos desenvolvidos para o estabelecimento de uma rede de proteção e reinserção ao convívio social dos indivíduos ou grupos expropriados de suas respectivas cartas de cidadania. Significa dizer que a Assistência Social dedica-se à promoção dos Direitos Sociais, reduzindo a exclusão e propiciando oportunidades de emancipação aos indivíduos.

Compreendida nesse sentido, não é difícil estabelecer a importância da participação da Secretaria de Assistência Social e Economia Solidária no projeto Cidade Educadora. São dezenas de projetos: proteção à família, à adolescência, à velhice, à maternidade; busca de reabilitação de portadores de deficiências; promoção da reinserção ao mercado de trabalho, enfim, o cumprimento dos objetivos da LOAS – Lei Orgânica da Assistência Social.

Nesse contexto devemos voltar especial atenção à política de Economia Solidária. Bastante desenvolvida em nossa cidade, com mais de 240 empreendimentos, a Rede de

Economia Solidária tende a se ampliar e comprovar que um outro sistema econômico é possível.

Veja no cronograma abaixo, como é constituído o Comitê de Assistência Social e Economia Solidária:



- ² Veja nessa nota as especificações de cada programa enumerado dentro do cronograma:
- (1) Paif é o Programa de Atenção Integral à Família (Cachoeirinha, Canaã I, Vila Sulmat e Reserva Indígena).
 - (2) Constituem-se Programas de Renda Mínima a Bolsa Família, Bolsa Escola, Segurança Alimentar.
 - (3) O nome completo desse Programa é “Coletivos de Qualificação para o Trabalho”
 - (4) A ECOSOL é a Rede de Economia Solidária. São 240 empreendimentos, com a participação de aproximadamente 600 pessoas.
 - (5) Sentinela é um PETI
 - (6) Peti (Programa de erradicação do Trabalho Infantil). Seis programas estão sendo desenvolvidos na zona rural: Vila Vargas, Vila Formosa, Macaúba, Itahum, Panambi, Reserva Indígena e um na sede do Município.
 - (7) O Meritauara é um PETI

Particularidades do Comitê Setorial de Cultura, Esporte e Lazer.

A riqueza étnica de Dourados reflete-se em todas as atividades artísticas, culturais, desportivas e recreativas. Nos Centros de Tradições Gaúcha e Nordestino, na Casa Paraguaia, no Clube Nipo-brasileiro, na Festa das Nações, no Japão Fest, nas casas de Reza Indígenas, nos Clubes Recreativos, ou nas Festas Populares, pode-se apreciar, conforme o caso, as mais variadas danças e músicas. Nos campos de beisebol, futebol, malha, bocha, *gato bool*, as pessoas cultivam jogos recreativos originários em outros continentes.

Enfim, vivendo-se numa cidade cosmopolita, onde a diversidade se constitui em identidade, toda essa pluralidade deve ser cultivada para que não se perca. Só por esse viés podemos inferir o quanto a Fundação de Cultura e Esportes de Dourados, FUNCED, tem de possibilidades abertas para a sua atuação.

Mas, sabemos que as possibilidades para o desenvolvimento cultural, desportivo e recreativo são inesgotáveis e, nesse sentido, devemos estar atentos para as possibilidades de desenvolvimento de projetos transversais que tenham como cenário todo e qualquer espaço público e como protagonistas todas as entidades públicas ou privadas envolvidas no Projeto Cidade Educadora.

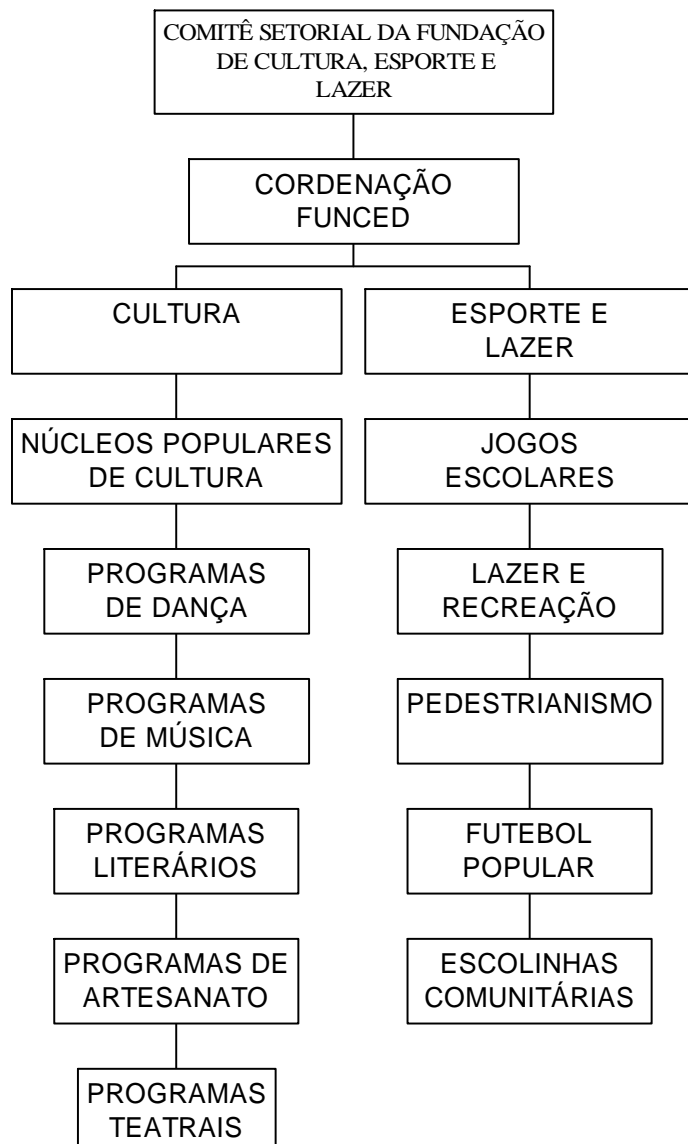
O que queremos dizer é que o Comitê Setorial de Cultura, Esporte e Lazer deve ficar sempre atento às manifestações culturais, desportivas e recreativas que se desenvolvem muitas vezes isoladamente e transforma-las em eventos mais abrangentes. Se várias escolas desenvolvem projetos comuns, o Comitê deve patrocinar a socialização desses projetos. Realizar encontros futebolísticos, de teatro, coral, dança e demais manifestações nesse setor, em espaços que o bairro disponibilize.

Uma quadra pode virar palco, uma praça pode ser movimentada, um parque deve ser explorado de múltiplas formas. Qualquer espaço público precisa ser literalmente ocupado

pelos cidadãos e convertido em espaços educativos, inclusive o depósito de ferro velho, as margens do córrego poluído, o lixão clandestino e tantos outros locais.

Uma peça teatral que enfocasse, por exemplo, o combate à dengue, teria melhor palco que um depósito de entulhos mal cuidado? Uma aula, sobre tratamento de lixo, proferida no aterro sanitário, pode ser um ato tão forte como a promoção de um “festival” de poesias ou canto que tenha como cenário o lixo amontoado no terreno baldio.

Deixemos para os nossos professores, artistas, desportistas e promotores de eventos desportivos e culturais as iniciativas de ocupação dos espaços públicos e vejamos como será constituído esse Comitê:



A organização de Comitês Setoriais para além da Administração Municipal

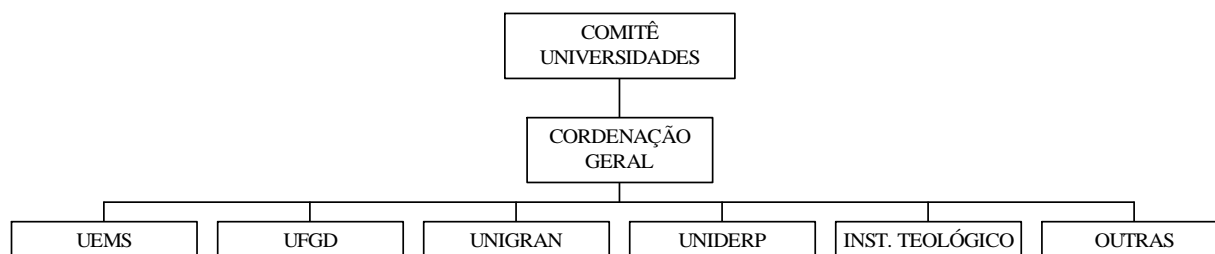
Ação das Universidades: A Universidade é guardiã do conhecimento universalmente produzido ao longo da história, e tem por missão desenvolver a pesquisa, ministrar o ensino e promover a extensão do saber. Ao promover a pesquisa, avança em caminhos já trilhados, (des)constrói e constrói teorias, gera conhecimento. Enriquecida pela pesquisa, tem autoridade para formar profissionais em todas as áreas do conhecimento humano e promover a extensão universitária, abrindo à sociedade egressa ou não, a oportunidade de atualizar-se. Em virtude desses ingredientes, a Universidade é vanguarda da sociedade.

Somados esses atributos específicos da Universidade, delineia-se a sua importância no desenvolvimento social, político, cultural, econômico e tecnológico da região onde está inserida. Significa dizer mais cidadania, mais massa crítica.

A organização de um Comitê Setorial das Universidades de Dourados para contribuir com o Projeto “Dourados: Cidade Educadora” é de importância indiscutível, não somente no sentido de alinhar ações pertinentes ao saber universitário, mas para a promoção das artes, da cultura, da capacitação dos professores das redes estadual e municipal de ensino, para a realização de conferências, palestras, seminários, encontros científicos e tantos outros. A Universidade pode contribuir também com ações voltadas diretamente para a sociedade, especialmente os segmentos menos favorecidos, participando ativamente na prevenção de doenças, na alfabetização formal ou digital, na melhoria dos hábitos alimentares, enfim, tamanha é a riqueza de possibilidades, que se tornaria difícil enumerar tantos e tão proveitosos benefícios que podem se originar de uma ação conjunta entre as Universidades de Nossa Cidade Educadora.

As Universidades de Dourados oferecem mais de 60 cursos de graduação e vários programas de pós-graduação em nível de especialização, mestrado e doutorado. São mais de 12 mil universitários, centenas de professores e funcionários que em muito enriquecem a nossa Cidade Educadora. Um comitê, constituído pelas instituições de ensino superior de nossa cidade, como se pode ver abaixo, poderá resultar em atividades muito fecundas, podendo inclusive superar a experiência tão profícua que ocorreu no Projeto Cidade Universitária, com a participação da UEMS e UFGD. (Essas duas Universidades, estabelecidas em um mesmo espaço físico denominado Cidade Universitária, elaboraram um projeto de cooperação mútua que merece um estudo à parte).

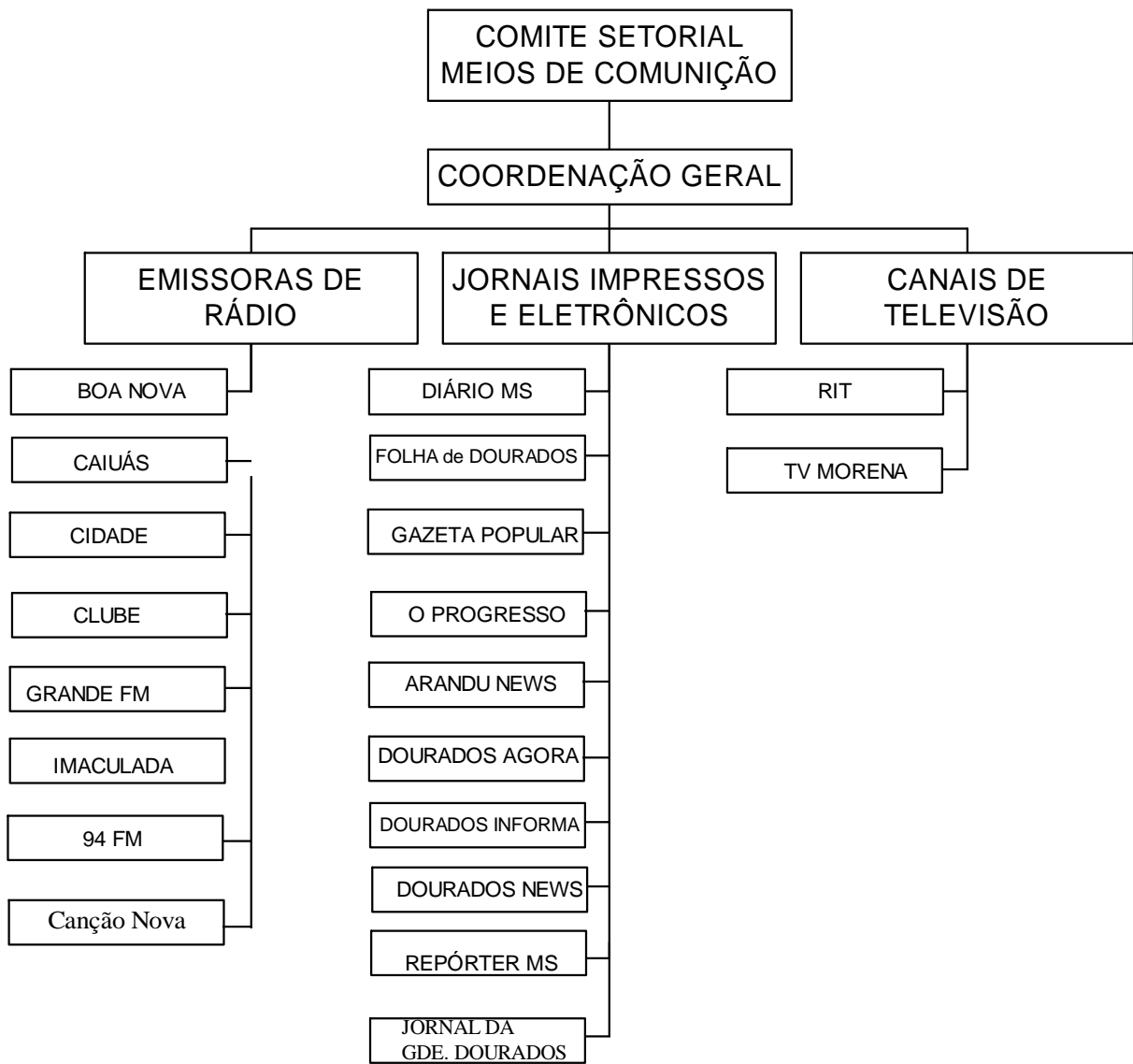
Abaixo um organograma esquemático de como pode funcionar o Comitê das Universidades mas, dada a complexidade da organização universitária, nada impede que cada instituição tenha o seu representante diretamente vinculado ao Comitê Local:



Ação dos meios de comunicação: A denominação de “quarto poder” para os meios de comunicação é apropriada se considerarmos que constitucionalmente temos três poderes, quer dizer, os meios de comunicação se constituem no poder número um, após os que são estabelecidos pela Lei Maior. De fato o poder da mídia é espetacular e deve ser posto a serviço do Projeto Cidade Educadora.. Diríamos que a participação e o apoio efetivo dos órgãos de comunicação é imprescindível para o Projeto. O primeiro passo é tornar o Projeto

conhecido pelos proprietários, gerentes, jornalistas, radialistas, enfim, pelas pessoas que possuem, dirigem e operam as comunicações. O passo seguinte é constituir um Comitê Setorial de modo que todos os meios de comunicação da cidade mantenham-se informados das ações do Comitê Local e interajam com ele. O espaço midiático é precioso. A qualidade dos programas e as campanhas educativas realizadas de forma sistemática pelo conjunto da mídia de uma localidade trazem avanços expressivos para o seu desenvolvimento sócio-cultural, científico, ecológico e educacional.

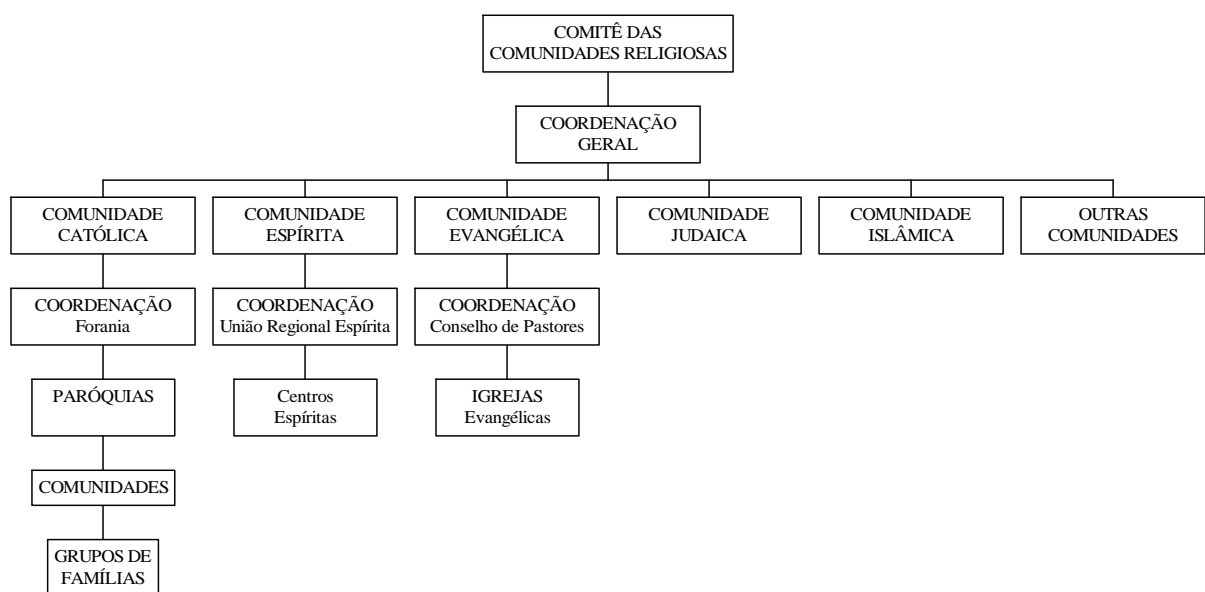
Veja abaixo como poderá funcionar o Comitê Setorial dos Meios de Comunicação, ressaltando, também nesse caso, que nada impede que cada órgão seja representado diretamente no Comitê Local:



Ação das Entidades Religiosas: A maioria das entidades religiosas tem preocupações, senão com todos, pelo menos com um ou outro eixo temático que são trabalhados em uma Cidade Educadora. Muitas participam efetivamente de atividades como a inclusão social, a erradicação do analfabetismo, enfim, não é difícil encontrar entidades com as suas atenções voltadas para esse fim. Por essas razões, não deve ser muito difícil que a Coordenação do Comitê Central da Cidade Educadora consiga organizar um Comitê Setorial das Entidades Religiosas. E, se esse Comitê abraçar a causa, além das atividades que já desenvolvem

espontaneamente, as Entidades Religiosas contribuirão largamente para a divulgação de eventos e projetos educativos. Falamos acima sobre a importância dos meios de comunicação para o êxito da Cidade Educadora. Não deve ser menor o peso das entidades religiosas. Em primeiro lugar, porque a abrangência dessas entidades é vastíssima, em segundo, porque não obstante a credibilidade que possam ter os meios de comunicação, a voz do pregador é ouvida com atenção especial, pois as pessoas presentes estão predispostas a aceitar aquela palavra.

Segue um organograma esquemático de como poderá ser o Comitê das Entidades Religiosas. No entanto, dada a abrangência dessas comunidades e à suas respectivas organizações internas, pensamos que o ideal seja que cada uma delas tenha o seu representante junto ao Comitê Local.



Organização dos Sub-Comitês da Comunidade Católica: O organograma abaixo deve servir, a exemplo de alguns já postos nessa obra, como paradigma para a organização de outros que quaisquer entidades queiram criar para facilitar os seus respectivos trabalhos.

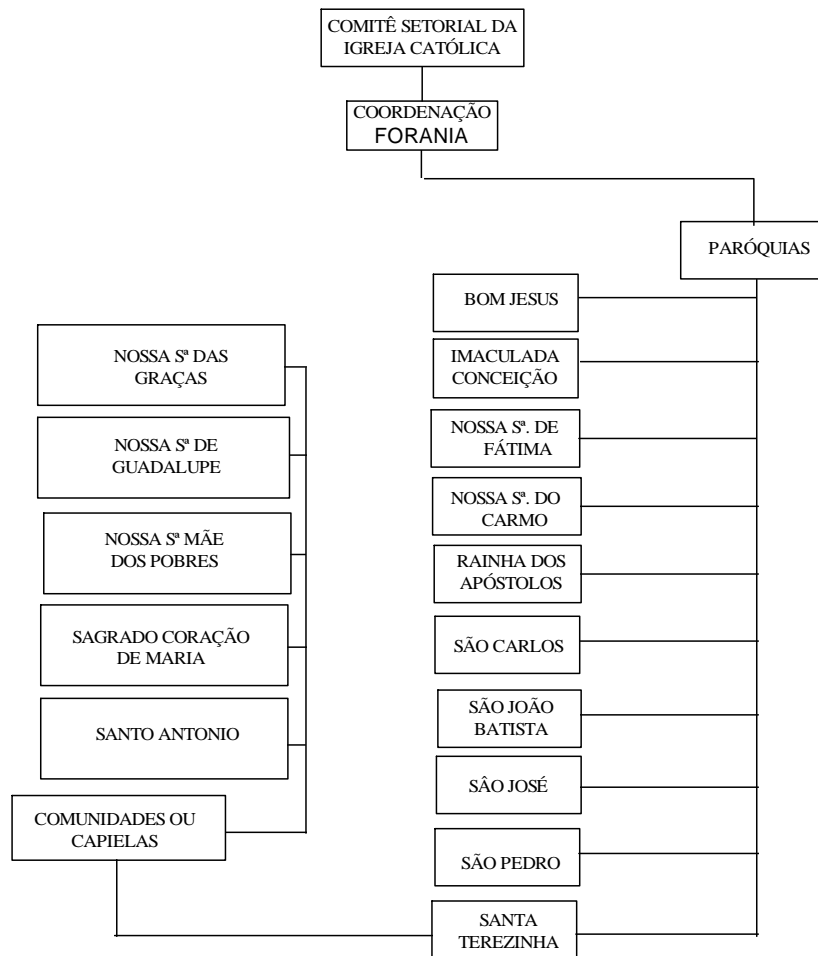
A rede de Nossa Cidade Educadora na Comunidade Católica organiza-se a partir da Forania, que é um Conselho coordenado pelo padre forâneo e que reúne todas as paróquias de uma cidade. As paróquias têm os seus Conselhos Paroquiais Pastorais – CPP – que poderão

assumir os compromissos de um Comitê Setorial de Cidades Educadoras, além de suas atividades já estabelecidas. O padre forâneo, por sua vez, pode ser o representante da forania no Comitê Local da Cidade Educadora.

As paróquias reúnem comunidades ou capelas, como eram chamadas em tempos atrás, e essas comunidades organizam Grupos de Famílias. As comunidades, a exemplo das paróquias, devem também formar os seus respectivos Comitês Setoriais das Cidades Educadoras, vinculados ao Comitê da paróquia.

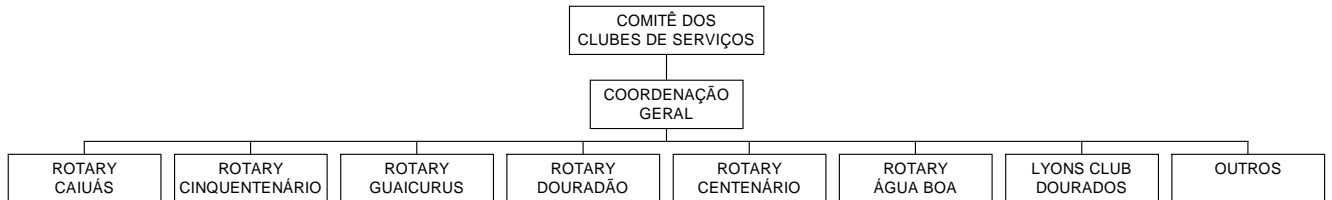
Como se percebe, desde que assumam o compromisso de contribuir para a edificação da Cidade Educadora, a organização funcional da Comunidade Católica oferece condições de expansão da rede de maneira muito positiva.

No organograma abaixo, nos abstivemos de mencionar todas as Comunidades, pois, como afirmamos acima, a nossa preocupação foi a de demonstrar como elas podem ser organizadas.



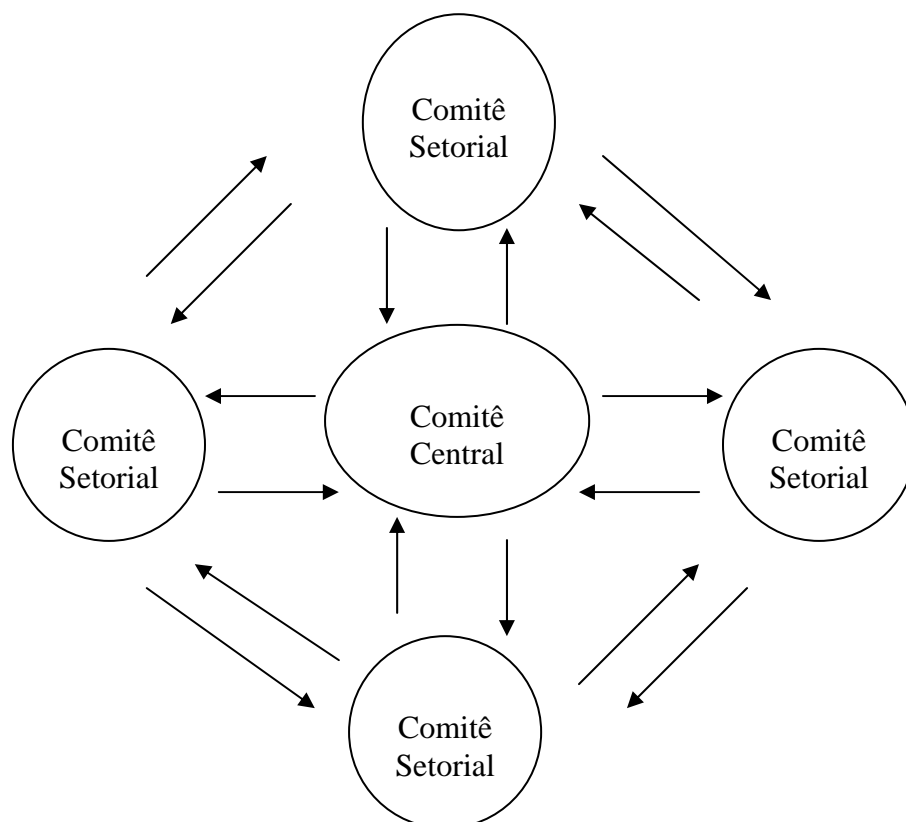
Ação da Sociedade Civil Organizada: Os cidadãos que trabalham em entidades de classe, sindicatos, associações, organizações não governamentais, associações de bairros, conselhos, sindicatos, clubes de serviços, enfim, aqueles que se envolvem em atividades que independem de remuneração, estarão, com toda a certeza, predispostos a contribuir com a Cidade Educadora. A abrangência do conjunto dessas entidades é também muito grande e o peso de suas decisões não menos significativo. E, da mesma forma que as entidades religiosas, muitas dessas organizações civis já desenvolvem projetos plenamente compatíveis com os objetivos de uma Cidade Educadora. Estimular novos projetos e, principalmente, dar visibilidade aos que vêm sendo executados é dar vigor a um círculo virtuoso de ações que não tem mais como retroceder.

Tomemos como exemplo, para se constituir os comitês de todos os segmentos da sociedade civil organizada, o Comitê Setorial dos Clubes de Serviços:



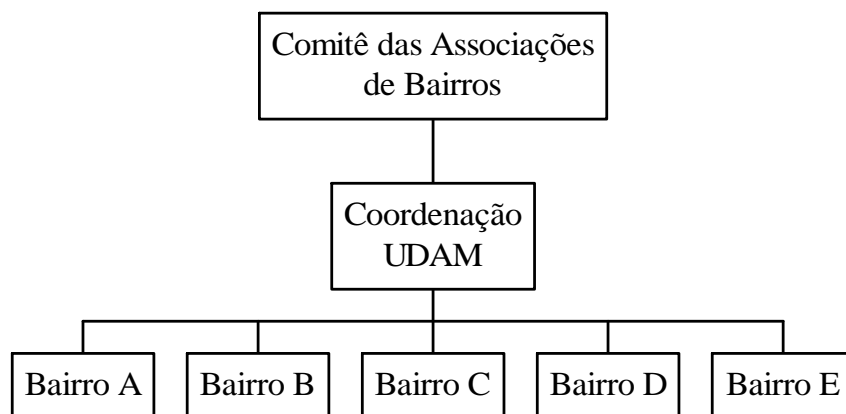
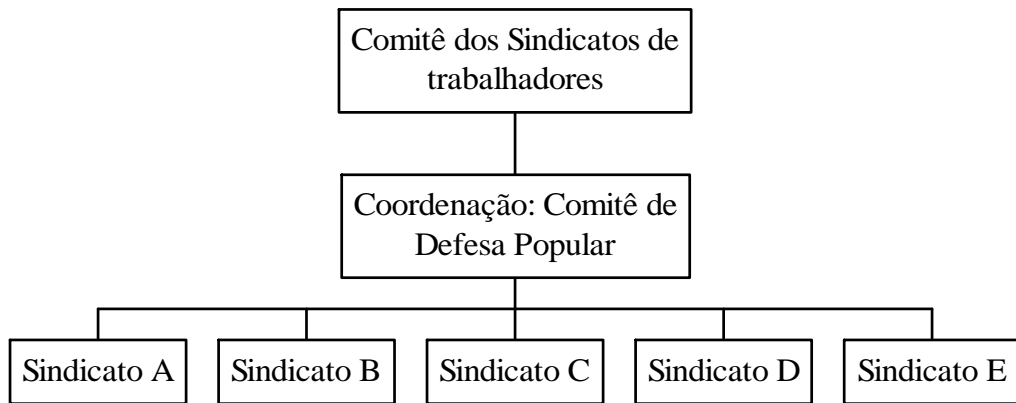
Não custa ressaltar que as estruturas dessas entidades não precisam sofrer nenhum tipo de alteração para que o Projeto Cidade Educadora possa ser por elas assimilado e desenvolvido.

A interatividade entre Comitês, Local e Setoriais, constitui uma rede que faz das Cidades Educadoras um sistema complexo, alimentado pelas atividades estabelecidas no eixo temático pelo Comitê Central.



Ação dos Sindicatos de trabalhadores e Associações de Bairros: Não nos passa despercebido o fato de os Sindicatos e Associações terem sido incluídos acima como parte da Sociedade Organizada no paradigma dos clubes de serviços. No entanto, permita-nos o leitor esclarecer as particularidades dessas entidades, que podem ser estendidas a outros segmentos. No que se refere aos Sindicatos, existe em Dourados uma organização denominada “Comitê de Defesa Popular”, que congrega todos os Sindicatos e outras entidades que defendam os interesse dos trabalhadores. Em relação às Associações de Bairros, existe uma organização chamada União Douradense de Associações de Moradores - UDAM - que congrega todas as entidades representativas dos bairros. A nossa proposta é que o Comitê de Defesa Popular e a UDAM possam exercer concomitantemente as atividades de um Comitê Setorial da Cidade Educadora, congregando todos os sindicatos e Associações de Moradores da Cidade. Esquemáticamente, teríamos uma organização em que as dezenas de Sindicatos organizariam os seus Comitês e todos seriam representados no Comitê Local das Cidades Educadoras pelo Comitê de Defesa Popular. Da mesma forma, as dezenas de Associações de Bairros existentes exerceriam o papel de Comitês da Cidade Educadora, sob a Coordenação da UDAM que, da mesma forma que o Comitê de Defesa Popular, coordenaria as atividades educativas e representaria todas as Associações junto ao Comitê Local das Cidades Educadoras.

Veja abaixo os dois organogramas:



Outras sugestões para organizações de Comitês

Ação do Judiciário: O distanciamento relacional entre o Poder Judiciário e o povo em geral, pelas atribuições inerentes à sua natureza, não o impede de exercer uma ação permanente e importante para o estabelecimento da Cidade Educadora. A começar justamente pelas suas atribuições de julgar. O julgamento rápido, sereno e justo é espelho para a sociedade. Mas, além disso, os juízes podem contribuir de variadas maneiras, desde que incorporem o espírito de uma Cidade Educadora. A organização de um Comitê Setorial e a participação de membros do Judiciário no Comitê Local deve ser discutida com o Juiz Diretor do Fórum, e desse colóquio é que surgirão as idéias de como atuar. Claro que se os magistrados incorporarem o “espírito” de Cidade Educadora, até as penalidades alternativas, hoje tão comumente aplicadas, poderão ser norteadas em uma perspectiva educativa.

Ação das organizações policiais e militares: As organizações policiais e militares brasileiras, não obstante a sensível democratização em seus métodos de trabalho no período posterior a ditadura militar, ainda podem avançar muito, como aliás toda instituição, até que o fardamento possa ser motivo de orgulho para quem o usa e de respeitosa admiração para o restante da população. A disciplina hierárquica pode até representar um papel facilitador de ações voltadas para um Cidade Educadora, mas o fundamental, é que as corporações policiais e militares interiorizem o espírito de uma Cidade Educadora. Aí sim, pode-se esperar resultados surpreendentes, tanto nas relações entre corporações e sociedade civil, como também no desenvolvimento de ações específicas em relação à Cidade Educadora. Da mesma forma que as escolas, as organizações policiais e militares podem e devem organizar Comitês e desenvolver projetos que contemplem a temática estabelecida pelo Comitê Central.

O papel educativo dessas instituições em relação às drogas, tráfico, trânsito, meio ambiente, pode ser consideravelmente ampliado, o que, além de contribuir para a diminuição de ações repressivas no futuro, possibilitará um relacionamento mais estreito com a sociedade civil, redundando em benefício para todos.

Ação da Patrulha Mirim e dos Grupos de Escoteiros: Patrulheiros mirins e escoteiros podem até ter um perfil sócio-econômico diferenciado, no entanto, em várias circunstâncias podem ser comparados: são pequenos jovens incorporados em instituições que exigem rígida disciplina, comportamento exemplar e a prática de boas ações. Ora, enquadram-se perfeitamente no perfil desejado por uma Cidade Educadora. É fundamental portanto, que sejam representados no Comitê Local, que seus projetos recebam o mesmo tratamento que os projetos das escolas e de outras instituições. Mas, a contribuição dos escoteiros e patrulheiros mirins vai além de seus próprios projetos. Essas duas entidades podem desenvolver, junto com a sociedade organizada, atividades importantes contra todos os tipos de violência,

inclusive no trânsito, podem contribuir em projetos de preservação ambiental, coleta seletiva de lixo, enfim, podem continuar sendo educandos, mas podem também, serem reconhecidos e valorizados como educadores.

O leitor já deve ter observado que os escoteiros e patrulheiros mirins atravessam a rua utilizando a faixa de segurança, não é verdade? Procedendo assim acumulam autoridade para ensinar aos outros. Isso é válido para quaisquer outras atividades educativas. Ninguém conseguiria ensinar alguém a proceder de determinada forma se não estivesse convencido de que aquela é a maneira correta. E ninguém teria coragem de ensinar se não partisse de algo aprendido (mesmo que seja para superar esse aprendizado). Portanto, a autoridade do cidadão educador fundamenta-se no conhecimento e em sua própria prática educativa.

Nesse sentido (e repetindo aqui citações da primeira parte desse livro), queremos enfatizar a impressionante coincidência entre as reflexões acadêmicas de Paulo Freire e os versos de Cora Coralina. Afirma o primeiro que “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. (Pedagogia da autonomia. p. 23) e recita a poeta que “Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E ELETRÔNICAS

1. Referências bibliográficas:

- CABEZUDO, Alicia. *A cidade que Educa*. São Paulo. Folha de São Paulo (Sinapse), 05/05/2004, p. 24.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo : Companhia das Letras, 1990.
- CARRANO. Paulo César Rodrigues. *Juventudes e Cidades Educadoras*. Petrópolis, RJ : Vozes, 2003.
- CASTORIADES, Cornelius. *A instituição imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1982.
- CORTESÃO, Jayme. *Os factores democráticos na formação de Portugal*. Lisboa : Livros horizonte, 1974.
- DANTE ALIGLIERI. *A Divina Comédia*. São Paulo : Folha de São Paulo, 1998.
- FERNANDO PESSOA. *Livro do desassossego*. São Paulo. Companhia das Letras. 1999.
- FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1980.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à pratica educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LAFARGUE. Paul. *O direito à preguiça*. São Paulo : UNESP/HUCITEC, 2000.
- LE GOFF, Jacques. *Memória-História*. Einaudi. Lisboa. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 1984.
- RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro : José Olympio. 1945.
- ZAINKO. Maria Amélia Sabbag (org.) e outros. *Cidades Educadoras*. Curitiba : Ed. da UFPR, 1997.

2. Referências eletrônicas

9º CONGRESSO INTERNACIONAL DAS CIDADES EDUCADORAS. Disponível em:

www.aice2006.lyon.fr

ASSOCIACIÓN INTERNACIONAL DE CIUDADES EDUCADORAS. www.edcities.org

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA. *Carta de Princípios das Cidades Educadoras*.

Disponível em www.cm-lisboa.pt/

CARVALHO, Adalberto Dias. Carta de Princípios de uma Cidade Educadora. Nº 129, dezembro de 2003. Disponível em: www.apagina.pt/

CARVALHO, Adalberto Dias. *Cidades Educadoras e o exercício da Cidadania*. “A Página”. Nº 144, abril de 2005. Disponível em: www.apagina.pt/

CAVALCANTE, Francisco Leonardo dos Santos. *Proposições Liberais e não Liberais e as Reformas Educacionais no Brasil (Período de 1889 a 1989)*. Apud: SAVIANI, Demerval. *História da Educação*. Disponível em:

www.conteudoescola.com.br/site/content/view/118/42/1/5

CORA CORALINA. *Um modo diferente de contar velhas histórias*. Disponível em:

www.pt.wikipedia.org/cora_coralina

DECLARAÇÃO DE BARCELONA. *Declaração de Barcelona de 1990*. Disponível em

www.edcities.bcn.es/aice/

DECLARACIÓN DE BARCELONA. *Declaração de Barcelona de 1990*. Disponível em:

www.fap.org.br/internacioanl/declaracao_barcelona.htm

DRUMMOND DE ANDRADE. Carlos. *Alguma Poesia*. Disponível em:

www.memoriavia.gigi.com.br/drummond

GUIMARÃES. Pedro Wilson. *Cidades Educadoras: uma experiência transformadora*.

Disponível em: www.goiania.go.gov.br/html/secom/artigo.htm

HENFIL. *Direta Já*. São Paulo : Record. 1984. Disponível em www.fpabramo.org.br/especiais/diretas/diretas_ja_pdf

MAIAKOVSKY. *No caminho com Maiakovsky*. Disponível em: <http://brgocities.com/edterranova/maia.40.htm>

MALBA TAHAN. *O homem que calculava*. Disponível em: www.fnlij.org.br/livros2/o_homem_que_calculava.htm

SALCIDES, Carolina. Fadas e Poesias. Disponível em: www.fadasepoesias.blogspot.com/

UNESCO BRASIL. *Cidades Educadoras Rede Brasil – Encontro de Cuiabá*. Cuiabá MT 2 de maio de 2001. Disponível em www.unesco.org.br/noticias/opinião/index/index_2001/educa_cuiaba/mostra_docu...

UNIVERSIDADE DE ÉVORA. *A paz*. Disponível em: www.minerva.uevora.pt/web1/joranljan/e-paz.